

CAPÍTULO IV: ELABORAÇÃO DO PLANO E SEU DESENVOLVIMENTO NAS COLEÇÕES TEMÁTICAS *

1) CONCEITO 2) DA OBRIGATORIEDADE DO PLANO 3) DAS QUALIDADES ESSENCIAIS DE UM BOM PLANO 3.1) O Plano Lógico 3.2) O Plano Correto 3.3) O Plano Claro 3.4) O Plano Flexível 3.5) O Plano Equilibrado 3.6) O Plano Inovador 4) DA ELABORAÇÃO DO PLANO 4.1) Noções Gerais 4.2) Do Desenvolvimento 4.3) Pesquisa Temática 4.4) Pesquisa Filatélica 4.5) Da Elaboração de uma Eficiente Mancoalista 4.6) Da Valorização do Tema 4.7) Redação do Plano 4.8) As Dimensões Espaciais do Plano 4.9) Da Totalização de folhas no Plano 4.10) Das Folhas Expostas 5) DA CLASSIFICAÇÃO DOS PLANOS 5.1) Plano Geográfico 5.2) Plano Científico 5.3) Plano Sistemático 5.4) Plano Histórico 5.5) Plano em Forma de Tese 6) DA CORRELAÇÃO PLANO, TÍTULO E INOVAÇÃO 7) DA NECESSIDADE DE UMA FOLHA DE APRESENTAÇÃO 8) DA EVOLUÇÃO EM MATÉRIA DE PLANOS 9) DO JULGAMENTO 9.1) Julgamento do Plano 9.2) Desenvolvimento do Tema 9.3) Amplitude de uma Coleção 10) OUTROS EXEMPLOS DE PLANOS 11) ANEXO

1) CONCEITO

O Plano é a síntese da coleção, que esquematicamente, define a estrutura desta, ressaltando-lhe as ideias mestras e principais divisões, de modo a fixar-lhe os contornos sob o ponto de vista temporal, bem como, determinando a profundidade com que o tema será abordado.

É, em outras palavras, o caminho perseguido pelo colecionador para expor o seu tema ou defender sua tese, utilizando-se do material filatélico e postal pertinente.



Segundo Heitor Fenício, o plano, além de ser um prólogo da coleção, é:

“... um índice em torno da qual gira o pensamento criador do filatelista”.

Para Geraldo de Andrade Ribeiro Júnior:

“... é o cartão de visita do expositor, a primeira impressão que se tem da coleção. 1”

Na visão de Nino Barberis é:

“... uma espécie de 'declaração de intenções' do colecionador, o qual esclarece, detalhadamente, a maneira como entende conseguir seu objetivo,

* O autor é filatelista temático, membro da Associação Filatélica de Santa Catarina (AFSC), da Associação Brasileira de Filatelia Temática (ABRAFITE), integrante da diretoria da FEFINUSC e expositor com suas coleções “Petroleum: The Black Gold”, “Earthquake” e “Energia Nuclear”.

1 in O PLANO NAS COLEÇÕES TEMÁTICAS, Revista Temática, Filatelia e Cultura n.º 147 - 1998

*que é aquele de descrever um certo tema por intermédio de material filatélico e postal”.*²

Para Troyer:

“O plano de nossa coleção é por um lado o resumo do desenvolvimento do tema e deve marcar por outro, os seus limites.

*Dado que o espírito humano funciona segundo uma certa lógica, o plano indicará as linhas de força do desenvolvimento da coleção e sublinhará igualmente a coesão das diversas partes.”*³

Na visão de Cadoret, o plano é para o tema o que o esqueleto é para o corpo humano. Se os ossos estiverem nos devidos lugares, o corpo ficará ereto. Do mesmo modo, se as ideias estiverem bem ordenadas, devidamente sistematizadas e concatenadas entre si, o tema será marcado pela vivacidade e será interessante.

Trata-se portanto de um elemento de fundamental importância, não somente para o visitante que apreciará a coleção, como para o jurado que irá analisá-la.

Sublinhamos que deve existir uma correlação perfeita de dupla mão entre o plano e a coleção. De um lado o plano deve indicar, de maneira precisa, a sequência pela qual se fará o desenvolvimento da coleção. Por outro lado, a coleção, deve obrigatoriamente, sem discrepância, corresponder, rigorosamente, às indicações do plano.

Lembramos que, ao longo dos tempos, os planos evoluíram significativamente, deixando de ser aquelas pequenas notas introdutórias, quase telegráficas, dos anos 50, para hodiernamente se transformar num verdadeiro e eficiente guia da coleção.

2) DA OBRIGATORIEDADE DO PLANO

Já ao tempo do antigo Regulamento Internacional das Coleções Temáticas e de Assunto (Bruxelas 1972), líamos em seu artigo 1º :

“A coleção temática desenvolve um tema ou ilustra uma ideia segundo um plano lógico...”.

O artigo 2º do mesmo regulamento assinalava:

“O plano, com sua estrutura pormenorizada, deve, pois, ser apresentado na primeira folha da coleção”.

O atual regulamento da Federação Internacional de Filatelia (FIP), conhecido como GREV, no Art. 3, item 3.3, estabelece:

"A participação deve apresentar uma concepção clara do assunto tratado, desenvolvido de acordo com as características da respectiva classe, conforme é definido pelo SREV da mesma classe. A participação deve ser desenvolvida de acordo com um plano elaborado e demonstrar pesquisa ou investigação pessoal. O título deve estar em concordância com o conteúdo da participação. A ideia ou conceito da coleção deve ser descrita num texto

2 in Elementos Temáticos de uma coleção, obra coletiva, ABRAFITE, 1978.

3 In Op. Cit., p. 22

introdutório (introdução), o qual deve ser escrito numa das línguas oficiais da FIP."

O Regulamento Especial para Avaliação de Participações de Filatelia Temática em Exposições FIP (SREV) em seu artigo 3, item 3.2.1. apresenta:

"O plano define a estrutura lógica da coleção".

As Diretrizes para Avaliação de Participações de Filatelia Temática ("Guidelines") , no seu item 3.2, diz:

"Numa coleção temática deve existir um plano apropriado e bem organizado, que mostre uma concepção clara do tema. O título e o plano formam um conjunto que deve refletir as características específicas do tema escolhido. O plano deve definir a estrutura da coleção e da participação (uma seleção da coleção), por intermédio de classificação racional em capítulos principais e subdivisões. Deve proporcionar um entendimento claro e compreensível do tema e estar em concordância com o título. O plano deve estar mais do que uma simples listagem. Deve detalhar referências diretas e indiretas, desenvolvimentos e características específicas do tema escolhido. Deve incluir todos os diferentes aspectos do tema e abranger a maior área compatível com aquele. Sob este aspecto, deve-se evitar, tanto quanto o tema escolhido o permita, a limitação ou concentração do desenvolvimento do plano somente a um ou a poucos países."

Os textos oficiais acima são de uma clareza solar no que concerne a obrigatoriedade e a concepção do plano.

3) DAS QUALIDADES ESSENCIAIS DE UM BOM PLANO

Um plano para ser entendido, como bem elaborado, deve apresentar as seguintes qualidades essenciais: a lógica, a correção, a clareza, a flexibilidade, o equilíbrio e a inovação. Analisemos uma a uma estas qualidades:

3.1) O Plano Lógico

O plano será lógico se todas as divisões, de acordo com a natureza do assunto, encadearem-se ordenadamente, de maneira a permitir um desenvolvimento gradual e sequencial do tema.

As divisões do plano devem assim relacionar-se, uma com as outras, tal qual os elos de uma corrente. Na observação de Frans de Troyer:

"Um plano lógico é bem detalhado desde que os diversos aspectos que ele comporta estão classificados por uma ordem normal e que as divisões, estão desenvolvidas de tal maneira que elas são o reflexo completo e intacto da ideia fundamental.

Utilizando o termo 'lógica' , nós pensamos normalmente na 'lógica', quer dizer naquela parte da filosofia que está na base de todo o raciocínio exato, guiando assim todo o método do pensamento.

É evidente que toda a gente não pensa ou não raciocina da mesma maneira. Por consequência é impossível indicar um método pronto para usar, para desenvolver o plano. Esta não diferirá de pessoa para pessoa mas variará igualmente segundo a maneira pela qual o desejamos desenvolver. Cada coleção temática terá verossimelmente o seu próprio método de pensamento.

Todavia o colecionador deverá ter duas preocupações maiores ao elaborar o seu plano. Ele deverá em primeiro lugar estabelecer as divisões necessárias ao plano, subdividindo-as em três categorias: as grandes divisões de maneira a constituir o fio diretor, as subdivisões que fornecerão a estrutura necessária, ao plano e seguidamente os detalhes úteis e necessário a um desenvolvimento rigoroso do conjunto.

Em segundo lugar, ele velará para que todas estas divisões se encadeiem sem rupturas, e que assim o tema apareça na integra, respeitando-se o elemento lógico da coleção”⁴

3.2) O Plano Correto

Um plano é correto quando utiliza todos os elementos necessários ou úteis ao desenvolvimento do tema. Em relação á correção do plano, duas questões devem ser consideradas:

I – O plano não deve apresentar lacunas ou hiatos.

Um plano verdadeiramente bem postado não pode deixar de se reportar a todos os elementos fundamentais que se relacionam com o tema, ainda que estes sejam, na prática, de difícil desenvolvimento, no que concerne uma linguagem puramente filatélica. Por óbvio, não é necessário desenvolver os menores detalhes, mas é necessário, como lembra Troyer, desenvolver “as subdivisões necessárias”⁵.

É evidente que quando não existem selos ou documentos filatélicos relativos a determinadas peculiaridades, fato ou personagem, estamos diante de uma impossibilidade material e não haverá outra maneira, teremos necessariamente que relegá-los. Afinal de contas não há como se demonstrar o impossível. Estamos nos referindo, aquilo que podemos denominar de os limites do tema.

No caso de dificuldades intransponíveis e remitentes é preferível circunscrever o tema a um setor mais limitado, em vez de nos conformarmos com tais lacunas temáticos. Desta maneira limitamos o tema⁶, o que é cabível. Lemos:

“Existem evidentemente colecionadores capazes de desenvolver um tema vasto e apresentar assim uma coleção de um milhar de folhas. Outros não o podem fazer por falta de tempo ou de meios ou muito simplesmente porque não se sentem atraídos pelo trabalho de detalhe. É evidente que não é necessário desenvolver sempre toda a história da pintura, dos desportos, etc...

Porque, desde então, não desenvolver da melhor maneira uma parte, em vez de tratar um tema enorme apresentando numerosos hiatos. Pode-se

4 Op. Cit. p. 23

5 Op. Cit. p. 33

6 “Assim uma coleção consagrada aos desportos obrigará o filatelista a limitar o seu tema: o atletismo e o football, o ciclismo e a natação, o ski e as corridas de automóveis constituem matérias muito vastas para serem tratadas num só tema.” (in Frans de Troyer, Op. Cit. p. 21)

*desenvolver uma muito boa coleção sobre as pinturas da Renascença, ou o Barroco, sobre o Atletismo, etc ...”*⁷

Não existe entretanto, sob qualquer pretexto, justificativas plausíveis para limitação da filatelia. Na estruturação da coleção temática devemos dispor de todos e mais variados tipos de elementos filatélicos (selos, obliteraões, inteiros postais, formulários de telegramas, cadernetas, etc.), independente do país que os emitiu.

Uma coleção sobre a “história do Brasil”⁸ pode constituir um tema deveras interessante se fundamentada num plano bem concebido, mas terá com absoluta certeza, diversas e imperdoáveis lacunas em seu desenvolvimento temático, se a limitarmos unicamente às emissões do correio brasileiro, deixando de fora aquelas de origem portuguesa, por exemplo.

Segunda lição precisa do Troyer:

*“Limitar o desenvolvimento filatélico é contraditório com uma das regras essenciais da filatelia temática: ela dispõe de tudo o que a filatelia pode oferecer não só de todas as espécies de elementos filatélicos (selos, obliteraões ...) como também das emissões filatélicas de qualquer país.”*⁹

II – O plano não deve apresentar digressões ou divagações inúteis.

As digressões são representadas pelo desenvolvimento desproporcional de uma divisão ou de um dado pormenor do plano, em relação ao conjunto.

Estas digressões, por vezes, são estimuladas pelo interesse exagerado do colecionador por determinado aspecto do tema, que lhe seduz em função de um interesse particular ou em razão da abundância de material filatélico existente sobre o citado pormenor.

Por vezes, o poder de síntese deve ser aplicado, e será, por óbvio, a única saída. Tal característica, porém, nem sempre esta presente em todos os filatelistas, mas deverá ser cultivada ao longo do tempo.

É preciso se ter em mente que numa coleção de cerca de 80 páginas, de um tema, por sua vez

⁷ in Frans de Troyer, Op. Cit. p. 33/4

⁸ O Belga Frans de Troyer, ao falar de um tema similar, traça as seguintes considerações: “Numa História da Bélgica, São Martinho tem um papel importante, uma vez que o nosso país foi por ele evangelizado. Existe uma centena de selos sobre São Marinho assim como uma dúzia de obliteraões, a maior parte de origem belga.

Ora, todos estes selos, salvo algumas exceções, trazem a mesma ilustração: S. Martinho a cavalo dando a metade do seu manto a um pobre. Quando um colecionador se contenta de misturar simplesmente esses selos e carimbos, estamos longe duma ordem lógica e a sua representação seria demasiadamente longa.

Um exame atento desses selos e carimbos, a procura das relações possíveis, permitiu finalmente atingir um resultado satisfatório, senão mesmo favorável.

1. Um selo reproduzindo S. Martinho como soldado, dois com o acontecimento bem conhecido, um terceiro na sua qualidade, de bispo e depois uma obliteraão situando-o como soldado crente, homem praticando a caridade e bispo de Tours.

2. O quadro mais ilustrado de S. Martinho e o manto, é da autoria de Antônio Van Dick. Diversos países reproduziram-no e mesmo numa obliteraão.

3. As suas obras de caridade fizeram-no patrono de muitas obras deste gênero: assim vemos aparecer a sua imagem em selos emitidos a favor das vítimas das inundações, do socorro de Inverno e da Cruz-Vermelha.

4. Pelo fato da evangelização da Gália, e de um grande parte da Bélgica atual, S. Marinho é muito venerado naquelas regiões.

4.1. São-lhe dedicadas muitas igrejas (S. Martinho figura igualmente em todos os selos que reproduzem essas igrejas)

4.2. Em muitas igrejas nós vemos estátuas reproduzindo S. Martinho.

%. Encontra-se igualmente traços dessa veneração no folclore: O jogo de S. Martinho, em 11 de Novembro, e os fogos de S. Martinho.” (in Op. Cit. p. 25/26)

⁹ in Frans de Troyer, Op. Cit. p. 34

abrangente, necessita ter um de seus capítulos resumido a apenas uma ou duas páginas, quando existe material para se montar 10 ou 20 folhas.

É interessante assinalar que os efeitos de possíveis digressões inúteis será, por vezes nocivo, vez que poderá resultar no rompimento da perfeita continuidade do “fio condutor”, às vezes tênues, mas única ideia que assegura o encadeamento das diferentes partes da coleção. Assim gera-se uma quebra da ordem lógica do plano, relegando-se o assunto central, que desaparece em meio a imensidão de detalhes, que quando muito, tem apenas uma fraca relação com o tema. O inigualável Troyer narra-nos:

“... numa coleção consagrada à 'Criação' ... constatamos que a história mesmo da Criação desaparece no grande número de folhas, cheias de montanhas, flores, animais e que sei eu ainda, e que fazem perder o fio condutor. Esta concepção é duplamente errada porque mesmo aquele que dá uma interpretação literal ao livro do Gênese, sabe muito bem que Deus não criou as plantas e os animais tal qual mas que o seu aspecto atual é o resultado duma longa evolução. Num dado momento, tem-se a impressão de examinar uma coleção sobre a flora e a fauna.”¹⁰

Como exemplo vejamos o plano de uma coleção que tem como título “A carta no decurso das idades”¹¹:

1. O autor de uma carta;
2. a carta no selo postal;
3. o papel de carta e outro material;
4. o papel timbrado;
5. o interior de uma carta;
6. a maneira de dobrar uma carta e os sobrescritos;
7. o formato das cartas;
8. os gêneros de cartas: antigas, militares, especiais;
9. os meios de encaminhamento de uma carta: terra, estrada, mar;
10. os carimbos e as marcas postais
 - a) sem nome de lugar
 - mudo
 - perfurado ou rasgado
 - pré-obliterado
 - sem datas com números ou letras
 - b) sem nome do lugar, unicamente a data;
 - c) unicamente o nome do lugar;
 - d) nome do lugar e distância em quilômetros;
 - e) ambulante;
 - f) local e data
 - forma simples;
 - círculo de um filete;
 - duplo círculo;
 - círculos de vários filetes;
 - formas diversas (seguidamente subdivido de maneira a indicar a data);
11. as obliterações;

¹⁰ in Frans de Troyer, Op. Cit. p. 34

¹¹ in Frans de Troyer, Op. Cit. p. 35

12. os receptáculos de correspondência;
13. os carteiros e os postos de correio;
14. o telégrafo;
15. os bilhetes postais;
16. outras fórmulas

O capítulo 10 é o caso típico de uma digressão inútil que corta a ordem das ideias, fazendo com que nos perguntemos se o objeto da coleção é a carta ou as marcas postais. Para o juiz fica ainda a ideia de que:

“As digressões inúteis dão facilmente a impressão de que o colecionador não domina o assunto e que ele desenvolve sobretudo a sua coleção onde o material é fácil de adquirir.”¹²

3.3) O Plano Claro

O plano é claro quando se pode entendê-lo com facilidade, possibilitando uma “leitura” contínua da coleção, sem maiores dificuldades.

Um plano pode ser lógico e correto, mas conceitualmente complicado. Nestas condições não terá a clareza necessária para torná-lo facilmente compreensível.

3.4) O Plano Flexível

A flexibilidade é outra característica inerente a um bom plano. A sua possibilidade de mudar, de evoluir é fundamental para um bom desenvolvimento de nossa coleção, evitando que o mesmo fique estático, "engessado" de forma a perder a atualidade. A falta de flexibilidade, sem sombra de dúvidas, prejudica sobremaneira todo o nosso trabalho.

3.5) O Plano Equilibrado

Nos primórdios da filatelia temática defendia-se a tese de que todas as partes da coleção deveriam ter exatamente o mesmo número de folhas de modo a obter-se um conjunto bem equilibrado. Este conceito porém está superado, sendo coisa do passado.

Atualmente, entende-se que o equilíbrio do plano e seu desenvolvimento devem ser compreendido em função da harmonia existente entre as diferentes partes da coleção (boas proporções no dizer de Frans de Troyer¹³). Assim é perfeitamente normal e justificável que para um aspecto importante do tema se reserve mais folhas, enquanto para outro de importância menor, menos. Porém estas alocações deverão ser determinadas unicamente em função de sua importância temática relativa e não da quantidade de material filatélico disponível para cada uma delas. Se este último fator predominar, ou seja, trilharmos a lei do menor esforço, a coleção torna-se pesada, com desequilíbrios inúteis e nocivos¹⁴.

Assim, dois capítulos ou subcapítulos, com a mesma importância do ponto de vista temático, não devem apresentar desproporções em seu desenvolvimento filatélico, de modo que se reserve a um deles apenas 3 folhas, enquanto o outro se estenda por 20 folhas, só porque o material filatélico

12 in Frans de Troyer, Op. Cit. p. 35

13 in Frans de Troyer, Op. Cit. p. 35

14 Alguns temas parecem fazer um "irresistível" convite a estes desequilíbrios, como Jogos Olímpicos, Cruz Vermelha, fauna e flora, onde em alguns dos capítulos expostos, o filatelista tende a concentrar a maior parte do material. Vejamos, por exemplo, o capítulo "famílias" nas coleções zoológicas, são sempre mais numerosos que os demais. Estes acabam concentrando, por vezes, mais da metade da coleção.

disponível é mais abundante neste último.

Para corrigir determinadas desproporção pode-se, em certos casos, reagrupar vários subcapítulos sob uma mesma denominação, ou desdobrá-los, de forma a se obter um equilíbrio no conjunto. Nestas operações os olhos deverão sempre estar voltados para a lógica do desenvolvimento temático que deverá ser priorizada.

Por ocasião das exposições, muitas proporções acabam sendo restabelecidas, porque o colecionador dispõe, na maioria das vezes, de pouco espaço e, portanto, algumas partes da coleção jamais poderão ser expostas integralmente, devendo-se o mesmo escolher apenas as mais significativas.

Cabe ainda dizer, que não se admite a inclusão de capítulos totalmente sem conexão direta, genéricos, sob as nomenclaturas de Apêndice, Diversos, Manifestações Filatélicas, etc. Tal prática deve ser prontamente descartada.

3.6) O Plano Inovador

Inovação (innovation em inglês) significa novidade ou renovação. A palavra é derivada do termo latino *innovatio*, e se refere a uma ideia, método ou objeto que é criado e que pouco se parece com padrões anteriores ou com aquilo que era rotineiramente feito naquela temática. Compulsando o Dicionário Houaiss, em sua versão eletrônica, encontramos a seguinte definição para este termo:

*“1 ação ou efeito de inovar
2 Derivação: por extensão de sentido.
aquilo que é novo, coisa nova, novidade”*¹⁵

O plano é inovador quando versa sobre um tema inédito ou quando este, embora largamente abordado e deveras batido, deixa transparecer um toque pessoal, criativo ou original, de modo a se vislumbrar um enfoque novo ou não habitual, em termos comparativos. Para tanto o colecionador pode adotar novos conceitos globais, analisar o tema sob um novo prisma ou propor uma nova estrutura formal de abordagem (uma nova divisão em capítulos ou sub capítulos, por exemplo).

Ruben Reis Kley embora se referindo a originalidade, faz afirmação, que se aplica perfeitamente aqui:

*“A manifestação da originalidade nos vários componentes de uma coleção temática depende, fundamentalmente, da capacidade intelectual do colecionador e sua aptidão para a pesquisa, de sua sensibilidade e da habilidade em salpicar um pouco de poesia e, às vezes, uma dose comedida de fantasia na elaboração do plano, nos títulos e no desenvolvimento do tema.”*¹⁶

Para elaborar um plano inovador¹⁷, o colecionador deve abandonar a superficialidade¹⁸, não se baseando unicamente nos catálogos ou nos estudos pré existentes, mas efetuando a pesquisa do material de que precisa, lançando seu olhar para aquilo que esta disponível filatelicamente, sob um novo prisma/ângulo ou perspectiva diversa. Como resultado, muitos selos ou peças, que

¹⁵ in Houaiss Eletrônico, editora Objetivo, versão monousuário, junho de 2009.

¹⁶ in Originalidade nas Coleções Temáticas (originalmente publicado na revista "A Filatelia Portuguesa" - Ano XV -Dezembro de 1999 - N° 85), in <http://www.clubefilatelicodobrasil.com.br/artigos/filatematica/klei.htm> , publicado em 15/06/2003

¹⁷ A inovação é uma peculiaridade da filatelia temática que a diferencia das demais modalidades de colecionismo de selo. Nenhum outro ramo da filatelia tem esta preocupação.

¹⁸ “A coleção será suficientemente detalhada para provar um caráter pessoal.” (in Frans de Troyer, p. 37)

aparentemente não apresentam qualquer relação com o tema, mas, devido a pesquisa e a forma como este é abordado, passam a ter uma ligação direta com o seu trabalho. Este mecanismo peculiar de elaboração salienta uma visão pessoal do colecionador no desenvolvimento do tema.

Frans de Troyer observa que:

“Uma boa coleção temática exige, ... um estudo aprofundado dos conhecimentos que têm uma ligação com o tema escolhido, afim de estabelecer as relações que existem entre uns e outro de conhecer as incidências noutros domínios e as influências de ordem histórica, econômica ou outras que agiram sobre a sua evolução. O desenvolvimento desses estudos e dessas pesquisas conduz muitas vezes à incorporação na coleção de elementos que não parecem úteis aquando de uma primeira análise.

*Por exemplo, na vida dum personagem, reter-se-á certos fatos tendo tido um papel no seu comportamento ou certas circunstâncias que tenham influenciado as decisões importantes que ele tenha tomado. No caso da flora e da fauna, um estudo ecológico fornecerá as adições interessantes e não se negligenciará a influência dos animais e dos vegetais na vida humana.”*¹⁹

Sublinhamos que a inovação não é uma recomendação, ou mero conceito teórico, mas uma obrigação, a qual é atribuído 5 dos 35 pontos previstos ao Tratamento²⁰. Nas Diretrizes para a Avaliação das Participações Temáticas está expresso:

*“Se supõe que a participação evidencia o trabalho pessoal do expositor, ressaltando os resultados de sua habilidade para **innovar**. Isso requer um esforço pessoal mediante estudo, investigação e uso da imaginação, o que não pode ser conseguido pela simples reprodução de trabalhos já existentes.”*²¹ (sublinhamos e grifamos)

Em razão disto, duas coleções, por exemplo sobre o tema computadores, com o mesmo título, podem ser muito diversas no resultado, vez que cada ser humano pensa e elabora, por vezes de forma muito criativa e inovadora seu raciocínio, com resultados práticos deveras peculiares²².

A busca constante pela inovação, mormente nos assuntos mais difundidos (flores, animais, música, pintura, esportes, entre outros), além de ser imposição da FIP, como já afirmamos, é algo imprescindível sob pena da nova coleção apresentar-se como uma simples cópia, por vezes, adicionado de poucas melhorias, ou no máximo, uma recriação de coleções preexistentes²³.

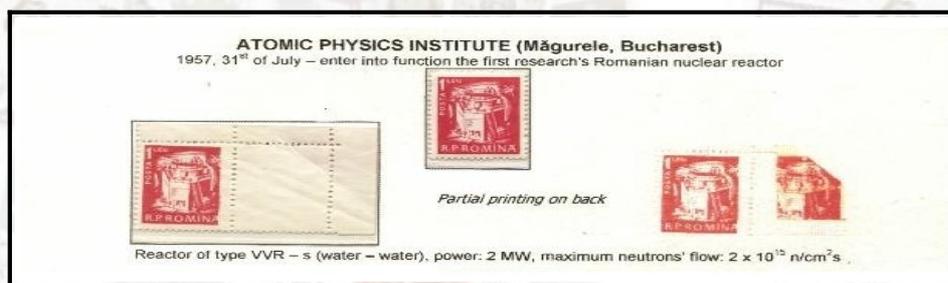
19 in Op. Cit. p. 37

20 O alemão Joachim Maas observa: "As innovation is the only "new" sub-criterion of the new SREV, it is worth-while having a detailed look at it as for exhibitors as for jurors." (in The new Thematic SREV: Innovation, in <http://www.fipthematicphilately.org/>)

21 in "A Filatelia Brasileira", nº 3, Junho de 2005, tradução de Luiz Paulo Rodrigues Cunha.

22 Consulte na porção final deste trabalho três planos que abordam os computadores, como tema, assunto porém explorado de forma diversa por seus colecionadores.

23 Lemos no Regulamento Especial para a Avaliação de Participações Temáticas em Exposições FIP: “3.2.3. Inovação -A inovação é mostrada pela/por: introdução de novos temas, ou novos aspectos de um tema já estabelecido ou conhecido, ou novas abordagens para temas conhecidos, ou novo emprego do material. A inovação pode referir-se a todos os componentes do Tratamento.” (In "A Filatelia Brasileira", nº 3, Junho de 2005, tradução de Luiz Paulo Rodrigues Cunha)



Na busca desta inovação, para tanto, o colecionador sem parafrasear uma coleção preexistente, adicionará materiais filatélicos novo e de peso ²⁴, reclassificando-os (de uma forma inovadora ou não habitual), reestruturando-os e reelaborando-os, segundo sua concepção pessoal, demonstrando necessariamente as correlações de seu tema, com os domínios vizinhos.

Mais uma vez cabe transcrever as lições apuradas por Frans de Troyer:

“Esta situação será consequência das questões que o colecionador colocou a si próprio sobre a incidência do seu assunto noutros domínios, sobre a influência que ele exerceu noutros domínios ou inversamente, sobre as relações dos outros assuntos com o tema escolhido.

Ninguém está totalmente só. Diz-se muitas vezes que para construir uma casa, é necessária a colaboração do mundo inteiro: as pedras e o cimento, o ferro e o cobre, a madeira, a pintura e o papel, o combustível para o guindaste, provêm dum grande número de países, situados em continentes diversos. Para uma refeição, é-nos necessário produtos de proveniência de países longínquos: café, trigo, manteiga, margarina, açúcar, leite condensado.

Não é possível portanto que um tema bem desenvolvido seja somente expresso por selos do correio, reproduzindo unicamente e estritamente a ilustração do nosso assunto. É necessário procurar as influências do nosso assunto noutros domínios e inversamente. As questões a colocar neste caso seguem habitualmente neste sentido: Para que serve isto? Qual é a utilidade para o homem? Quais são as suas relações com outros assuntos? Sem fazer digressões inúteis (que são sempre de evitar) nós podemos incorporar no nosso plano elementos plenamente justificados, provando uma pesquisa pessoal.

Para citar ainda exemplos do mundo animal, vejamos o caso de uma coleção sobre 'O cavalo'.

As divisões dum tema deste gênero serão: a evolução, as diversas raças e as suas qualidades, as diversas poses do cavalo: o passo, o trote, o galope, o contributo do cavalo no desporto e na arte (estátuas equestres).

Mas num dado momento, o colecionador pode interrogar-se sobre a influência do cavalo na economia, por outros termos sobre a utilidade do cavalo para o homem e para a comunidade.

A partir desse momento, o seu horizonte alarga-se duma maneira fantástica. A utilidade para a comunidade transformar-se-á em 'O cavalo e o transporte' (o que nos dá uma avalanche de selos e de obliterações, de diligências até aos Mulready's), 'O cavalo e o Correio' (permite-nos fazer

²⁴Neste sentido o romeno Dan Dobrescu na Revista 'Philatelica.ro' (Ano I, n. 4, outubro de 2009, p. 6), ao afirmar que um exemplo de inovação, numa coleção dedicada ao tema átomos, é a utilização do material da imagem acima.

uma seleção na pré filatelia, a começar pelos Cavallini e o Pony Express). Em seguida nós encontramos a relação do cavalo na mitologia: o Centauro, Pégaso, o cavalo de Troia, o Carro do Sol e mesmo o cavalo Bavard.

Enfim nós evocaremos o cavalo metafórico: o cavalo do carrocel e do xadrez, o cavalo de báscula, o cavalo nos provérbios.

O ... assunto 'Caminhos de ferro' poderá também ser alargado de maneira idêntica: 'Os caminhos de ferro e a economia: expedições, agências de viagens, turismo' e não esqueçamos 'O caminho de ferro e o correio', onde poderemos utilizar alguns belos carimbos de estações.

É evidente que um estudo original do assunto não deve orientar-se unicamente na economia; há igualmente as influências históricas. A descoberta da América não pode limitar-se a Colombo. Ele influenciou a história da Espanha e mesmo da Europa inteira.

Há igualmente influências sobre as tendências artísticas, as ciências e inúmeros outros domínios.

Assim, na exposição temática nacional belga de 1974, uma coleção de Natal foi exposta, introduzindo um elemento totalmente novo neste domínio tão praticado.

Normalmente, ... coleções de Natal ... seguem o curso dos acontecimentos do Evangelho: os profetas, a Imaculada Conceição, a Mensagem feita a Maria, o Recenseamento, o Nascimento, a Adoração dos pastores e dos Magos, a fuga para o Egito, a Mãe e o Menino, ...

Nesta coleção a primeira parte para a qual a riqueza do material estava disponível, foi intencionalmente limitado a uma seleção severa dos melhores selos, obliterações e inteiros-postais.

O novo elemento manifestava-se na segunda parte: a teologia e o sentido profundo do Natal:

- Deus deu o seu filho;
- Natal signo da paz, de prosperidade e de salvação;
- Natal exige que nos ocupemos do nosso próximo – Natal acolhe um irmão isolado.

Esta parte fazia duma penada a ligação com a terceira parte: O Natal penetrou de tal maneira nos hábitos que nós encontramos os traços nos costumes: presépios de Natal, canção de Natal, árvore de Natal, o Pai Natal, o mercado de Natal, etc. ...

Quarta parte: O Natal ocupa mesmo um lugar particular nos serviços postais: sobrecargas "Natal", votos de Natal do correio, conselhos postais para o período do Natal, e assim nós chegamos ao correio de Natal ...

É claro que esta concepção duma coleção de Natal não ficará muito tempo original; depressa terá imitadores. Todavia todos os méritos vão para aquele que a concebeu.

Uma coleção sobre história da Medicina surpreendeu-nos agradavelmente ao dividir-se em certa altura em duas partes. A primeira desenvolvia o assunto a seguir indicado: "Eles foram igualmente médicos" e descrevia os homens que foram médicos mas que se tornaram célebres noutros domínios: Copérnico (astronomia), Lineu (botânico), Van Helmont (químico), Shiller (poesia).

A segunda parte foi a contrapartida: 'Se bem que não fossem médicos, eles fizeram progredir a medicina': Pasteur (bacteriologia), da Vinci

(anatomia), Goethe (que descobriu o osso incisivo).”²⁵

Desta feita, na prática uma coleção e, portanto, o plano pode ser inovador em duas frentes: o tema inovador e o tema desenvolvido de forma inovadora. Vejamos ambos:

I – Pela escolha de um **tema novo (singular, único, pouco batido)**, nunca antes apresentado²⁶ por nenhum outro colecionador. Nestas coleções²⁷ a análise profunda e bem feita do assunto pode, por si só, dar ao plano uma certa dose de inovação, tendo em vista seu pioneirismo, refletindo as ideias pessoais do colecionador, que acaba partindo, em todo o seu trabalho do marco zero. Entretanto, cabe observar que isto não é tudo, vez que como bem lembra Joachim Maas:

“New themes are demonstrated by the title and / or the subtitle of the exhibit. Nevertheless, new themes should not be evaluated without considering the concept. New themes with boring concepts, which only consist of simple lists and which do not reflect environment or cause and effect or consequences or cross-references and so on, are not really innovative. So it is not only sufficient to deal with a new species of animals, a new sport’s discipline or a famous person, never dealt with before, but such a new theme should be combined with an interesting plan. Consider the following fictitious example:

Umberto Miller, a famous composer

1. Precursors	2. His Life	3. His Works	4. In memory of Umberto Miller
	descent	chamber music	
	birth	symphonies	
	education	concertos	
	journeys	operas	
	last years		

This concept is known from dozens of exhibits dealing with famous people. Obviously, this not an example of innovation, though the theme is completely new.

Of course, it is not always possible to create new themes. Therefore, new concepts are much more important than the theme itself.”²⁸

No caso entretanto de trabalhos bem feitos e de fôlego tudo acaba sendo inovador. Tal feito porém não é algo fácil, nos dias de hoje. Para Frans de Troyer:

“...elas tem o mérito de terem sido as pioneiras, de terem indicado as primeiras divisões de um assunto ainda não tratado e de terem procurado na grande massa de material filatélico os selos e os documentos que não foram ainda reunidos daquela maneira”.

²⁵ in Op. Cit. p. 41 “usque” 43.

²⁶ Frans de Troyer lembra que: “...elas tem o mérito de terem sido as pioneiras, de terem indicado as primeiras divisões de um assunto ainda não tratado e de terem procurado na grande massa de material filatélico os selos e os documentos que não foram ainda reunidos daquela maneira”.

²⁷ “A originalidade não significa, por si, a escolha de um assunto extravagante ou singular mas a realização de um desenvolvimento bem sucedido, baseado numa pesquisa e estudo pessoais.” (in Originalidade nas Coleções Temáticas, Op. Cit)

²⁸ in The new Thematic SREV: Innovation, in <http://www.fipthematicphilately.org/>

Como exemplo em matéria de inovação, neste campo dos temas novos, pode-se apontar a coleção "O Além" de Enio Giuchi ²⁹ (Itália). Trata-se de um trabalho ímpar, de fôlego, inédito, efetuado com grande dose de originalidade, pois quando foi obrado, não havia modelos precedentes de referência, nem ao menos mancolistas, mesmo que parciais, sobre os selos relacionado com o tema ³⁰. O magnífico plano é o seguinte:

Primeira parte: A eterna questão

- A resposta da Índia
- A resposta do Egito
- A resposta da Grécia e de Roma
- A Bíblia e o Evangelho
- O Alcorão
- A Divina Comédia, de Dante
- A procura dos valores perdidos
- A reencarnação hoje

Segunda parte: As relações com o Além

- Figuras e poderes do outro mundo
- A magia: amuletos e talismãs
- A oração
- Curas milagrosas
- Os milagres
- Vidência, premonição, inspiração
- Psicometria, telepatia, bilocação
- Os espíritos
- O espiritismo mediúnico
- Goethe e o Além
- Realidade e ilusão.

Pela originalidade, pode-se apontar também a coleção "Barbas e Bigodes", do belga Marc Braeckman ³¹.

II – Pela **forma inovadora** em se desenvolver e construir o plano de uma coleção sobre um tema ou assunto já exaustivamente explorado. Acerca disto o filatelista mineiro Carlos Eduardo Capucio afirma que:

“A originalidade, no entanto, só estará ao alcance daqueles que estiverem dispostos a aprofundar no que chamamos de pesquisa temática. Apenas o conhecimento profundo do tema escolhido permitirá a elaboração de um roteiro original para a coleção. Ninguém que possua somente uma ideia superficial do tema escolhido será capaz de tratá-lo de uma forma original e, portanto, diferente de tudo o que já foi feito antes por outros colecionadores.

É preciso lembrar, entretanto, que após a realização da pesquisa temática que deve ser a mais profunda possível, deverá se seguir à pesquisa filatélica. É esta última que possibilitará a descoberta do material filatélico

29 Medalha de ouro na "Tembal 83" - IV Exposição Mundial de Filatelia Temática, realizada na Basileia (Suíça)

30 Frans de Troyer lembra que: “Uma outra coleção trata o tema 'A morte', mas não no sentido filosófico. O plano é mais orientado para as causas da morte e as pessoas que não têm tido morte natural.” (in Op. Cit. p. 39)

31 Vermeil grande + Prêmio Especial obtido também na Tembal 83

necessário ao desenvolvimento dos aspectos originais do plano.”³²

Este tipo de inovação pode materializar-se em três frentes:

a) **Pela adoção de um novo conceito geral.** Pega-se o tema comum e este é analisado sobre um novo prisma, merecendo um novo e atento olhar. Como exemplos o alemã Mass traz a baila:

“Considering the title of the famous exhibit Australasian Birdlife - a look at the bird world of the South Pacific region along zoogeographical lines, we realise a new theme combined with a completely new concept: the zoogeographical approach, which enables the exhibitor to demonstrate a lot of really new, important and interesting aspects.

Consider a second example. Exhibits dealing with paper making, printing, book publication and the press are usually divided into four or five parts: (writing), paper making, printing, book publication and the press. These chapters then are dealt with separately, each chapter covering a very large period of time, without reflecting their mutual influence. So in order to avoid these disadvantages, the following new concept shows a clear historical evolution emphasizing the interdependence between the technical and the historical development:

Printing and paper making, motors of book publication and the press

- 1. Putting down written information before the invention of typography*
- 2. The invention of printing by movable types about 1440 ...*
- 3. ... gives impetus to book publication and to the press since 1500*
- 4. Progress in paper making and printing techniques since about 1800 ...*
- 5. ... supports modern book publication and the modern press”³³*

No caminho deste tipo de inovação podemos adicionar as coleções elaboradas sobre a forma de tese (analisada posteriormente).

b) **Pela adoção de um nova nova sistematização do conteúdo:** Pega-se o tema e apresenta-se uma nova forma de narrativa ou uma estruturação dos capítulos e subcapítulos diferente da usual.

Como exemplo de uma forma de narrativa diversa podemos trazer a baila a coleção, “Linda, Chamosa e ... Convencida”³⁴, do filatelista brasileiro, José Evair de Sá, cujo plano³⁵ é a seguir transcrito. Nesta coleção, elaborada em primeira pessoa, a própria orquídea fala de si, de uma forma satírica.

- INTRODUCTION

- WHO I AM

32 in A Originalidade e Valorização do Tema nas Coleções Temáticas (os assuntos abordados por Capucio serão analisados mais adiante em nosso texto).

33 in The new Thematic SREV: Innovation, in <http://www.fipthematicphilately.org/>

34 Eis os prêmios desta coleção: Brapex V - Bronze Prateado, Lubrapex 82 Prata, Brasileira 83 Prata, Lubrapex 83 - Vermeil, Espanha 84 - Prata Grande, Brapex VI - Ouro + Prêmio Temático, Argentina 85 - Prata, Itália 85 Prata, Lubrapex 86 - Ouro, Ameripex 86 - Vermeil, Stockholmia 86 - Vermeil, Hafnia 87 - Vermeil, Espamer 87 (Espanha) - Vermeil, Luprabex 88 - Ouro, Abrafex 88 - Ouro, Finlandia 88 - Vermeil, Philexfrance 89 - Vermeil Grande, Brasileira 89 - Vermeil, Espamer 89 - Ouro, London 90 - Vermeil Grande, Espamer 91 - Ouro, Philanippon 91 - Ouro, Granada 92 - Ouro, Arbrapex 92 - Ouro, Lubrapex 92 - Ouro + Prêmio Temático, Genova 92 - Ouro, Bangkok 93 - Ouro, Brasileira 93 - Ouro, Philakorea 94 - Ouro, Singapura 95 - Vermeil Grande, Ibra 2000 - Ouro e Hafnia 2001 - Ouro.

35 in <http://evair.fortunecity.com/>

- HOW I WAS BORN
- WHERE I LIVE
- I AM NOT A PARASITE
- HOW I GROW
- MY FAMILY
- MY HYBRIDS
- WHO POLLINATES ME
- MY ENEMIES
- MY RESEARCHERS & LOVERS
- EXALTS ME THE POET
- I AM ALSO A DIPLOMAT
- SHE WHO WEARS ME HAS SUCCESS!
- MY IMAGE TRICKS
- SUPERFLUOUS? NOT ME!
- CURIOSITIES ABOUT ME
- HERE I AM THE MAIN STAR
- CONCLUSION

Ainda na Linha da inovação narrativa, também aqui no Brasil, o escoteiro e dentista Roberto Basso (de Chapecó - SC – Brasil) tem seus méritos. Na coleção “MEMORIES OF SCOUT NECKERCHIEF” o tema escotismo é abordado na visão de um lenço escoteiro, um ser inanimado, que assume vida para acompanhar a trajetória do próprio autor, no Movimento Escoteiro, desde sua entrada até os dias atuais, também em primeira pessoa. Vejamos:

THE PRELUDE TO THE GREAT ADVENTURE
THE FIRST DAY OF A SCOUT
DISCOVERED BADEN-POWELL AND SCOUTING

- The Founder
- The African seeds of scouting
- The genesis of an idea

Girl Guides
TRADITIONS

- Scout Symbol
- Salute and Motto
- Scout Handshake
- Scout Uniform
- Campfire
- Scout Steve
- Gilwell Park and Wood Badge

THE GREAT DAY

- Scout Oath
- Scout Law

MERIT BADGES

GOOD TURN AND SERVICE

SCOUT IS REVERENT

- Scout Patron

OUTDOORS

- Gears
- Activities

Navigation

Dangers

First Aid

ROBERTO GO TO THE JAMBOREE

Jamboree

JOTA/JOTI

FAMOUS SCOUTS

ONCE A SCOUT, ALWAYS A SCOUT

Como exemplos de uma estruturação em termos formais podemos, mais uma vez estribados em Joachim Maas, apresentar:

“Let us have a look at an example: The evolution of writing. Usual approaches emphasize the appearance of "characters" (pictograms, cuneiform writing, hieroglyphs, ...). Such approaches do not demonstrate the very essence of the development of writing. So the following new approach puts more emphasis on the way in which the "characters" represent the content and later on the phonetic structure of languages. This concept combines examples from different cultures on one page and results in the following headings of the pages (see figures 1 - 5):

- Precursors of writing: picture- and symbol-technique
- Logography, representing the content of languages
- Beginning of phonetic writing
- A revolutionary development: first alphabets”³⁶

c) Pelo desenvolvimento novo de páginas ou interpretação temática nova de artigos:

Frequentemente não é possível criar conceitos globais novos ou desenvolver novos capítulos completos, assim os colecionadores alçam mão desta terceira via, mediante inovações pontuais. Vejamos os seguintes exemplos, colacionados do magistério de Maas:

“**Figure 6** is taken from the thematic field "the press" and shows a new thematic interpretation of the cancel "Genève, gazettes". This item should have been expected in a subchapter dealing with the distribution of newspapers. Here it is interpreted in the following way: In the 16th century written news-"papers" were sold on the "Rialto", a central place in Venice; the price was one "gazetta", and the name of the coin was transferred to the papers, so that gazette has become a synonym for newspaper up to now.

Figure 7 is taken from an exhibit dealing with mathematics and shows an etymological interpretation of the word "calculate": Calculating developed from counting with pebbles (Latin "calculi").

As for the last two examples one might object that these are excellent examples for demonstrating thematic knowledge, but they don't really demonstrate innovation. Of course, both examples are strongly based on thorough thematic knowledge. The use of the items in this thematic connection is so surprising that the combination of the thematic statement with the items really demonstrates innovation.

Figure 8 shows a thematic interpretation of philatelic varieties. The three

³⁶ in The new Thematic SREV: Innovation, in <http://www.fipthematicphilately.org/> (as figuras referidas são anexos a este texto)

stamps with the knight philatelically demonstrate the steps of the printing process, and the thematic text says: "As out of nothing a game like chess appeared".

In figures 6, 7 and 8 items are used which are not new for the whole theme, but which are interpreted in a new and surprising way or which are used in an unexpected subchapter. Furthermore, a fifth possibility of demonstrating innovation is the application of items which - in the thematic sense - are completely new for the whole theme. Consider three examples.

Figure 9 shows a proof of Pythagoras' theorem using 8 Columbian triangular stamps.

Figure 10 is also taken from the thematic field of mathematics. The page deals with the Greek mathematician and philosopher Pythagoras, who tried to explain nearly everything by proportion of numbers. You would expect the US fancy cancel from the classical period showing a lyre to be integrated into an exhibit dealing with music rather than in a connection with Pythagoras. The thematic reason is that the starting point for Pythagoras' theory was the discovery that harmonic intervals are based upon simple proportions of the length of strings of music instruments like the lyre.

The last example (**figure 11**) is taken from an exhibit about chess and shows items, four of which would not be expected in this field of theme. The text explains that at the end of the European Middle Ages chess was especially popular among knights and minstrels and so became one of the knightly arts, besides e. g. riding, music, bird-catching and archery."³⁷

A título de conclusão Mass observa:

"Summarizing, we have seen that there are a lot of possibilities of demonstrating innovation and that innovative concepts or development and surprising elements are much more important than the creation of new themes. So, this new sub-criterion is a chance for exhibitors more than a risk.

On the other hand, jurors should try to avoid the risk of allotting too few points because of taking into account the same mistake or omission several times. According to the new SREV, innovation should no longer be taken into account when deciding about the points for plans or for development. As for the evaluation of plans the new SREV explicitly does not contain the former aspects of originality and creativity any longer.

Proposal for allotting points for the sub-criterion of innovation:

Known themes combined with simple concepts :	02/03/10
New themes combined with simple concepts :	3
Known themes combined with good concepts	
good development and some/ a lot of new items :	3 – 4

³⁷in The new Thematic SREV: Innovation, in <http://www.fipthematicphilately.org/>

<i>New themes combined with good concepts</i>	
<i>good development and some/ a lot of new items:</i>	4
<i>new or known themes combined with innovative concepts or</i>	
<i>innovative development or a lot of new items</i>	5” ³⁸

4) DA ELABORAÇÃO DO PLANO

4.1) Noções Gerais

Elaborar um bom plano não é algo muito fácil, porém não deve ser encarado como uma barreira intransponível, mas, sim, como um desafio a ser obrigatoriamente e cuidadosamente vencido.

Tal etapa esta contida naquilo que chamamos de desenvolvimento.

Na elaboração de um plano é necessário aprofundar sistematicamente o conhecimento do tema em duas frentes. Em uma delas se buscará os conhecimentos sobre a matéria e seus meandros, em outra frente se tentará adquirir um nível máximo de informações sobre o mais variado material filatélico existente. Em outras palavras, devemos exercitar-nos no desenvolvimento da pesquisa temática e na pesquisa filatélica, respectivamente. Kley, com grande habilidade, afirma-nos:

“As pesquisas temática e filatélica estão intimamente relacionadas. Esta depende, em certo grau, da amplitude e da intensidade daquela.”

Analisemos posteriormente, de forma minudente, cada qual, sem antes analisarmos o que comporta o desenvolvimento.

4.2) Do Desenvolvimento

Segundo Troyer:

“O desenvolvimento dum tema filatélico é uma matéria séria necessitando um estudo aprofundado, porque o tema constitui o elemento característico da coleção e necessita uma exposição longamente elaborada ao ser detalhada.

1. O desenvolvimento do tema necessita sérios esforços. Ninguém ficará satisfeito com conhecimentos superficiais que conduzem fatalmente a coleções igualmente superficiais.

*2. E ninguém ficará feliz e orgulhoso de uma coleção copiada que não pode formar senão um conjunto estatístico.”*³⁹

4.3) Pesquisa Temática

É a denominação que se dá à atividade intelectual que o filatelista realiza, alçando mão dos mais diversos campos do saber humano, nos momentos em que este pretende estabelecer o plano de sua

³⁸ in The new Thematic SREV: Innovation, in <http://www.fipthematicphilately.org/>

³⁹ in Op. Cit., p.20.

coleção⁴⁰, ampliá-lo ou torná-lo mais denso, aprimorando-o.

Do êxito desta etapa, aumenta-se sobremaneira as possibilidades de que o plano resultante seja de bom nível ou que este seja ampliado conveniente, possibilitando que as folhas de nossa coleção se enriqueçam com aspetos originais e singulares do tema escolhido.

Caso o tema enfrentado não esteja diretamente relacionado com a atividade profissional ou área de saber do filatelista, esta pesquisa deverá ser muito mais desenvolvida, cuidadosa e intensa.

A pesquisa temática é realizada mediante a consulta, estudo e comparação efetuada em livros, revistas, enciclopédias, jornais e catálogos, especializados ou não. Na prática toda e qualquer publicação, toda biblioteca, bem como a internet, podem constituir-se em inestimáveis e inesgotáveis fontes de pesquisa temática.

Uma coleção, por exemplo, sobre o tema esportes necessita de informações precisas obtidas, por vezes, em recortes de jornais, anais e livros de recordes, para que se possa dar uma explicação exata de cada selo ou oblitação. Para tanto:

“Os colecionadores não hesitarão a trocar uma correspondência seguida com as administrações comunais, os museus, os escritores ilustres ou com outros especialistas para obter as mais amplas informações ou conhecer um detalhe desconhecido.”⁴¹

O colecionador, agora investido na função de pesquisador, necessita arquivar de forma padronizada e organizada todas as informações coletadas, para sua posterior utilização. Para tanto, deverá destinar uma pasta, que pode ser física ou apenas virtual, por exemplo um diretório do seu computador, para cada capítulo do plano e nela acumular os recortes de jornais, imagens, vídeos, arquivos virtuais ou as cópias xerográficas destes, que lhe interessam particularmente. Sem organização muitas informações podem ser perdidas, o que é imperdoável. Antes de estruturar o capítulo lê-se o material acumulado e, dispondo desta sensacional fonte de saber, desenvolve-se o capítulo em estudo, sempre de forma mais original.

É conveniente resumir os dados obtidos nas várias fontes e, paralelamente, procurar pesquisar os elementos filatélicos que possibilitam incorporar estes dados à coleção.

Não adianta redigir grandes e ousados planos sem a obtenção do correspondente material filatélico.

A pesquisa temática desenvolve-se, geralmente, precedendo a pesquisa filatélica. Em muitas coleções, como as de âmbito biológico, varias vezes, a pesquisa temática sucede à pesquisa filatélica. É comum ver-se o colecionador pesquisar na seção de “novidades” das revistas especializadas, às últimas emissões de seu tema e, a partir dos selos assim obtidos, realizarem a pesquisa temática. Na prática, segundo a lição de Frans de Troyer:

“A filatelia mesmo pode contribuir igualmente para o desenvolvimento do tema. Se é verdade que se vai do tema para a filatelia, é verdade igualmente que a filatelia permite descobrir certos aspectos do tema. Nenhum colecionador não começa a estudar o seu assunto, sem possuir pelo menos alguns selos relacionados com o assunto. O estudo do assunto desses selos e mais especialmente das oblitações pode contribuir para o desenvolvimento do seu tema.

Assim um selo reproduzindo uma flor, rodeada dum pássaro ou duma chaminé de fábrica pode dar lugar a uma nova divisão da coleção: a proteção da natureza.

40 A redação do esboço do plano é o marco inicial da pesquisa temática. (neste sentido Ruben Reis Kley, Originalidade nas Coleções Temáticas, in <http://www.clubefilatelicoodobrasil.com.br/artigos/filatematica/klei.htm>)

41 In Op. Cit., p. 20.

(...)

Uma obliteração belga com a efígie do Papa Cornelius, coroado de uma tiara, esteve na base dum capítulo completo da minha coleção 'História da Igreja'. Este papa viveu no 3º século e os papas não trouxeram tiaras senão a partir do 14º século. Para fornecer uma explicação válida, fui obrigado a falar do próprio Papa, do seu brasão, do seu anel de pescador, seu barrete frígio. Daí, não tive senão pouco trabalho para por em evidência toda a organização e estrutura da igreja: os cardeais, os bispos, os paços episcopais, os seminários e as paróquias.”⁴²

Diversas vezes, da simples análise da ilustração constante dos selos que acumulamos ao longo dos anos, e que retratam, por exemplo, o tema atletismo, poderemos rapidamente constatar, de forma esquemática, seus diversos aspectos, formando um contorno básico desta temática. Assim saltará aos olhos:

- os corredores a pé: o sprint e os obstáculos;
- os saltadores em altura, em comprimento e com vara;
- os lançadores: de disco, do dardo, ...

Muita informação, resultante do material pesquisado, poderá não ser imediatamente aproveitado devido à falta momentânea do correspondente material filatélico. Mas se a pesquisa temática não é realizada, quanto material filatélico não existirá, por si, de grande valia e às vezes de preço acessível, que não consta em nossa coleção porque simplesmente não sabemos efetuar um linkagem adequado com estas?

Os selos que não pertencem ao assunto principal de nossa coleção, por certo, são incontáveis. Mas – se não se pesquisa – como saber, por exemplo, que determinados cientistas, certos pintores, determinado estadista, este ou aquele escritor, estão relacionados com nosso tema?

Por exemplo, Pierre-Augustin Caron de Beaumarchais foi um renomado autor de teatro francês. Exerceu paralelamente ao longo da vida o ofício de relojoeiro, além de ter sido o mestre de música das filhas de Luís XV, diplomata de bastidores e agente secreto.

Apenas uma pesquisa temática profunda e bem desenvolvida pode levar à descoberta de muitos selos e peças filatélicas de inegável valor para nossa coleção, justificando, por exemplo, a inclusão da personagem histórica antes mencionada numa coleção dedicada ao tema relógio ou ao tempo.

A cobiça pela introdução de um selo clássico ou de um pré-filatélico, pode levar alguns colecionadores, de forma apelativa a dar voltas no desenvolvimento, objetivando forçar indevidamente argumentos, por vezes estranhos ao tema e que não se enquadram devidamente no plano. É o que denominamos de valorização artificial da coleção, o que deve ser evitado, pois torna a coleção mal vista pelos jurados, vez que não esta estribada na boa fé.

Muitos colecionadores se queixam de que certos temas são demasiadamente restritos, apresentando certos limites e não possibilitando um maior desenvolvimento do plano. Em alguns casos isto é o retrato da verdade. Entretanto, na maioria das vezes, a pesquisa temática foi insuficiente obrada, não alcançando a extensão e a profundidade requeridas, de modo que o colecionador não detém as informações necessárias, para a incorporação de novos elementos filatélicos, de modo a ampliar seu desenvolvimento.

Montada a coleção, por melhor que tenha sido o resultado e os prêmios conquistados, a pesquisa temática deve continuar, sistematicamente, pois novos elementos filatélicos são emitidos diariamente e deverão ser incorporados para que a coleção se mantenha atual. A verdadeira coleção temática deve constituir-se em algo dinâmico e em constante mutação. Deixá-la estática, exibindo apenas os louros já conquistados é algo inconcebível.

A pesquisa temática, feita paciente e metodicamente, proporciona:

⁴² in Op. Cit., p. 21

- um desenvolvimento considerável da coleção,
- uma fonte admirável de novos conhecimentos, por parte do colecionador e
- o prazer intelectual de produzir algo estético, agradável, que tenha muito de nossa sensibilidade e modo peculiar de percepção do tema, em cada folha montada.

Em nosso caso, a filatelia possibilitou, além do prazer nas premiações obtidas, nas amizades conquistadas e nas viagens feitas por conta das exposições e encontros filatélicos, a aquisição de diversos conhecimento acerca da indústria do petróleo, tema ao qual nos dedicamos, por vários anos, porém totalmente estranho a atividade profissional, o direito.

4.4) Pesquisa Filatélica



A pesquisa filatélica consiste na procura dos selos e das mais variadas peças que materializam filatelicamente ⁴³, as ideias contidas no plano da coleção ⁴⁴, independentemente do país do mundo que os tenham emitido, bem como da época em que foram postas em circulação. Trata-se de uma etapa fundamental na busca de conhecimentos. Como lembra Troyer:

“Procurar os selos não apresenta ainda muitas dificuldades porque eles são objeto dum comércio especializado, mas todos os outros documentos filatélicos, tais como obliterações, cartas, inteiros-postais, etc... exigem do colecionador uma atenção aturada ...” ⁴⁵

O afã no sentido desta busca inclui o manuseio constante e metódico de listas de vendas sobre ofertas e de leilões ⁴⁶, de catálogos especializados ou não, de revistas e boletins filatélicos, livros, bem como de editais. Hoje, com o advento da tecnologia, pode-se pesquisar por meio eletrônico, utilizando-se de programas específicos ou da própria internet, mediante consulta a sites especializados, de colecionadores, de associações filatélicas, de leilões virtuais ⁴⁷ e de agências postais oficiais.

Em princípio, não há coleção “difícil” no que concerne a obtenção de bons e variados materiais. Quase todas têm as suas peças principais bem conhecidas e várias fontes de pesquisa nos permitem identificá-las. Alguns raros temas ainda apresentam uma certa dificuldade na obtenção de elementos filatélicos diversificados, mas estes são bem poucos atualmente.

Somente pesquisando, é que ao se folhear, por exemplo, uma revista especializada em filatelia

⁴³ Como veremos posteriormente, a presença de todos os gêneros de elementos é a consequência de um trabalho eficiente de pesquisa filatélica. Uma coleção que reúna unicamente selos e documentos recentes e fáceis de encontrar faz a prova de pesquisas incompletas e insuficientes.

⁴⁴ “O desenvolvimento do plano e os elementos descobertos deverão estar ligados; o tema deve ser desenvolvido em função dos documentos disponíveis. A filatelia temática obriga assim comparar, escolher e tomar uma decisão.” (Troyer, Op. Cit., p. 11)

⁴⁵ Op. Cit., p. 11

⁴⁶ Há leilões especializados nos grandes centros filatélicos europeus e americanos, bem como na internet.

⁴⁷ Alguns sites realizam leilões virtuais, tais como: <http://stamps.ebay.com> e <http://stamps.delcampe.net>

marítima, poderemos nos deparar com carimbos de antigos barcos que serviram a navegação entre o Brasil e a Europa e que em circunstâncias excepcionais chegaram a transportar inclusive delegações olímpicas. Tal achado constituindo-se em valiosa referência filatélica para que possamos ilustrar as primeiras participações brasileiras nos Jogos Olímpicos ⁴⁸.

Igualmente lendo determinados periódicos, alguns de bom nível e longa tradição (existentes hoje também no mundo virtual), poderemos nas apreciadas seções de novidades, nos atualizamos sobre as últimas obliterações, flâmulas, selos, inteiros postais, etc ... disponíveis sobre nosso tema.

Lembramos que um bom plano é uma condição necessária, mas não suficiente para se chegar a uma boa coleção. É importante ter-se uma lista cuidadosamente elaborada do material existente sobre o assunto, que nos darão seguras coordenadas acerca da coleção. Para prepará-la é necessário consultar varias fontes entre as quais podemos sublinhar:

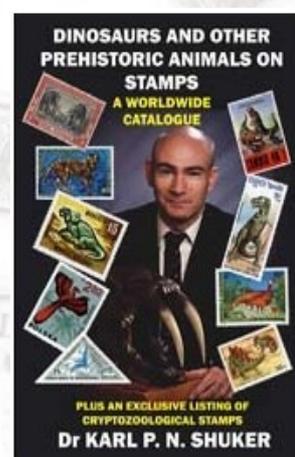
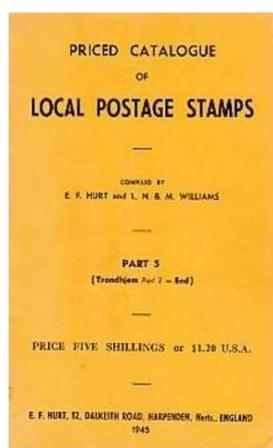
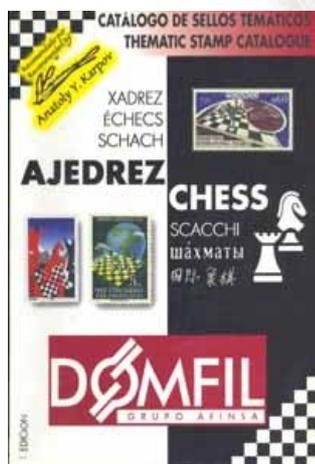
TOPICAL



TOPICAL

I – **Listas sobre assuntos gerais** e nelas colher o que for de interesse para a coleção. Normalmente as listas mais completas são editadas por associações temáticas onde são submetidas a constantes verificações e atualizações por especialistas no assunto. É o que se verifica com os conhecidos “hand-books” editado pela ATA – American Topical Association.

II – “**Crônica das novidades**” das revistas especializadas. Algumas revistas filatélicas oferecem ótimo nível de informações e fornecem também – o que é importante – imagens suficientemente claras para identificar-se o assunto principal e, também, o secundário, às vezes de grande interesse.



III – Munidos de um excelente **catálogo** mundial pode-se organizar uma eficiente mancolista para qualquer tema, desde que se tenha paciência, persistência e método. Os gerais mais usados entre nós são o Yvert e Michel, seguidos do Scott. Os especializados podem ser em países, tais como o RHM do Brasil, bem como, versando sobre material específico, como inteiros postais, editais, carimbos, franquias, etc. Temos ainda os especializados em temas, dentre os quais se destaca o Domfil (com edições especiais sobre os temas: escotismo, fauna, flora, esporte, xadrez, etc...), verdadeiras e úteis

48 Referência narrada por Geraldo de Andrade Ribeiro Júnior.

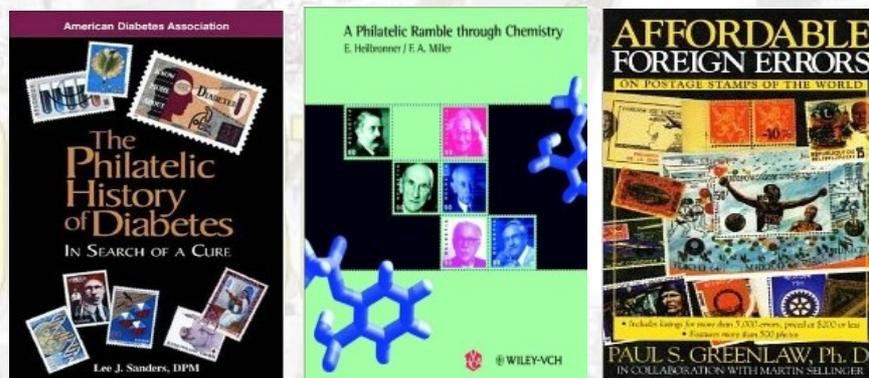
mancolistas prontas.



IV - A leitura de **publicações** é algo simplesmente obrigatório e deve ser feita continuamente, para uma permanente atualização, pois a interrupção nas searas da pesquisa leva, por certo, a uma estagnação da coleção. No âmbito da ATA, temos os grupos de estudo que editam boletins ou revistas exclusivas dos mais variados temas.



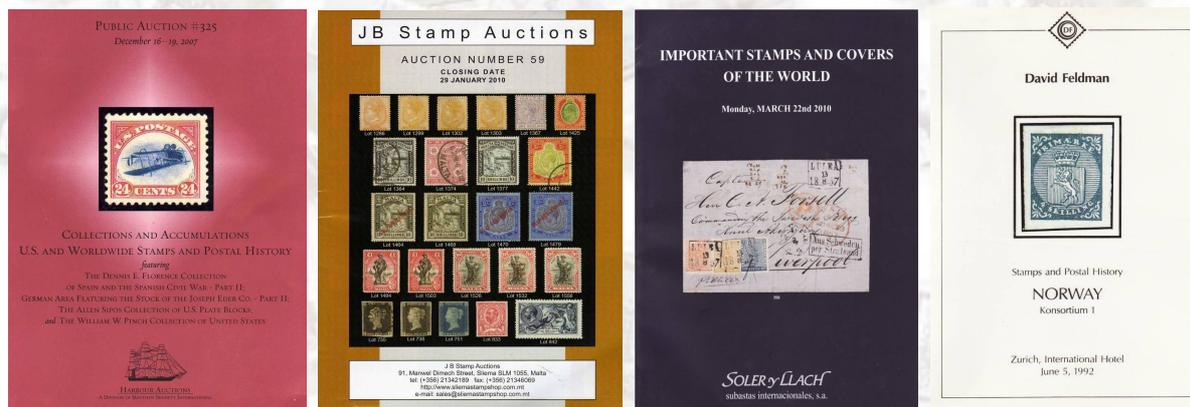
Dentre estes, temos inclusive, uma que congrega os colecionadores do tema petróleo e edita o boletim "The Petrophilatelist". Na Europa existem igualmente boas revistas, tais como a famosa "L'Écho de la timbrologie" (<http://echo-de-la-timbrologie.com/>) e o "Notiziario Tematico" órgão oficial do Centro Italiano de Filatelia Temática (<http://www.cift.it/modules.php?name=Content&pa=showpage&pid=20>). Entre nós destaca-se a revista 'Temática' editada pela ABRAFITE durante muitos anos. Sublinhamos ainda, que a pesquisa em publicações distintas do próprio tema é uma etapa mais avançada e não deve ser desprezada, pois leva a inusitadas descobertas, que nos municiarão de dados imprescindíveis para uma análise multidisciplinar em nossa coleção.



V – **Livros** são editados, mostrando interessantes pesquisas e estudos filatélicas, que podem contribuir significativamente em nossas pesquisas.



VI – A leitura dos **editais** constitui-se em prática igualmente importante, porém poucos recorrem aos mesmos. Não devemos perder de vista que são eles que apresentam as especificações técnicas dos selos e peças emitidas (picotagem, tiragem, papel, tipo de impressão, ...), bem como detalhes acerca do desenho constante da emissão. O selo brasileiro, sobre os jogos pan-americanos de 1975 (RHM 919), por exemplo, segundo Geraldo de Andrade Ribeiro Júnior, pode passar despercebido a um filatelista olímpico, mas a leitura atenta do edital permite constatar que este foi emitido após os jogos para comemorar o recorde mundial de salto triplo de um atleta brasileiro, que no ano seguinte se tornou olímpico. Como este, há vários outros casos, que ao serem pesquisados nos editais, fornecem-nos importantes dados e elementos.



VII – Os **Leilões e as Vendas sobre oferta** também podem nos ajudar significativamente. Nestes eventos boas peças são colocadas a venda, por vezes provenientes de outras coleções. O manuseio de leilões antigos pode igualmente nos ser útil, onde ao menos poderemos ter o conhecimento de certas peças, por vezes raras, não catalogadas, que nestes eventos nos vem a lume. Lembramos que muitos comerciantes fazem leilões exclusivamente voltados ao filatelista temático.

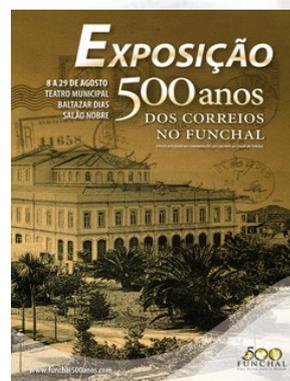


VIII – Participar ativamente das **associações filatélicas**, sejam elas gerais ou exclusivamente temáticas. As associações temáticas, geralmente em nível de grupos especializados, oferecem serviços muito significativos, principalmente no tocante às obliterações, franquias mecânicas e aos

inteiros postais. Troyer sublinha:

“Para o estudo do tema, a redação do plano e mesmo para a pesquisa do material filatélico os agrupamentos internacionais da Comissão Temática F.I.P. são de uma importância extrema. Estes agrupamentos dão informações sobre temas bem determinados e podem promover o contato e a troca de experiências entre os diversos membros. Existem atualmente cerca de quarenta agrupamentos, editando quase todos uma publicação, geralmente em várias línguas. Para os temas mais importantes, existe uma revista que anuncia as novas emissões de selos e as últimas obliterações, acompanhados cada vez de uma explicação concisa e adequada, fixando assim duma só vez o seu lugar na nossa coleção. Por outro lado, publicam igualmente estudos detalhados sobre certos temas. Um grande número de agrupamentos temáticos poem essas publicações à disposição dos seus membros.” ⁴⁹

No âmbito destas entidades podemos destacar ainda as jornadas de troca, encontros filatélicos, por estas patrocinadas e de grande valia.



IX – As **exposições** são outras excelentes fontes de informações, podendo dar uma certa orientação para nossa temática, desde que saibamos desfrutá-las ⁵⁰. É pouco comum ver-se visitantes fazendo apontamentos nas exposições. Um colecionador, como bem observa Nino Barberis ⁵¹, deveria conhecer, em tese, tudo o que existe sobre o seu tema. Fazer anotações cuidadosas, durante tais eventos, do que se julga importante e obter cópias xerográficas ou imagens digitalizadas, se possível, destas podem ser de grande valia. No campo das exposições temos atualmente, embora com caráter ainda não competitivo, eventos também no mundo virtual, aos quais devemos estar igualmente atentos ⁵².

Afinal segundo observa Ernest Schlunegger, com grande propriedade e lucidez, os planos expostos são frutos de um longo e paciente trabalho obrado por outros filatelistas, podendo ser por nós usufruídos, mas tal não deve ocorrer passivamente. Não se deve copiá-los literalmente, mas devemos entender isto como um convite para um aprofundamento ainda maior no tema, re-

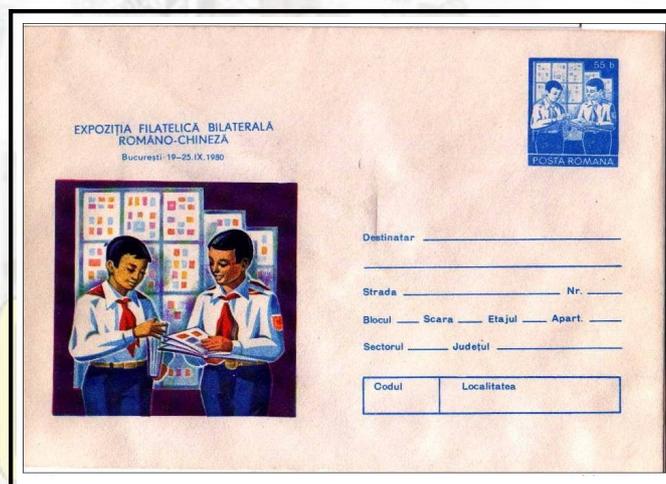
49 in Op. Cit., p. 21

50 No Brasil destacam-se inúmeros exposições filatélicas, dentre outras: a LUBRAPEX, a BRAPEX, a BRASILIANA e a exposição FLORIPA 2008 (realizada no Beiramar Shopping, em Florianópolis, no período de 28 de julho a 3 de agosto de 2008), bem como,

51 in Elementos Temáticos de uma coleção, obra coletiva, ABRAFITE, 1978.

52 Os mais famosos destes sites são: AAPE - American Association of Philatelic Exhibitors: <http://www.aape.org/> e o EXPONET: <http://www.japhila.cz/hof/index02.htm>

elaborando-o. Esta observação crítica irá, inspirar-nos por certo, ampliando os horizontes da nossa imaginação, permitindo novas ideias, constatando como outros conseguiram concretizar certas ideias e até mesmo capítulos inteiros de uma coleção, além de detectarmos eventuais desacertos ou equívocos.



Muitos principiantes, como sinaliza Troyer, hesitam em visitar estes certames competitivos, sejam eles regionais, nacionais ou internacionais, sob o pretexto que as distâncias são muitas vezes grandes. Porém, como lembra o mestre:

*“ ... os exemplos são sempre mais impressionantes do que qualquer teoria.”*⁵³

4.5) Da Elaboração de uma Eficiente Mancolista

Inútil procurar sua definição no dicionário Aurélio do que seja mancolista. Essa palavra pertence ao jargão filatélico e vem do francês, mais precisamente das palavras “manque” – falta, em português – e “liste” – lista, relação, em português. Por aglutinação, surgiu o termo “mancoliste”, também inexistente em dicionários franceses. Em português, mancoliste virou mancolista.

A “mancolista” é feita por um colecionador com o intuito de destacar as lacunas e facilitar a troca, compra ou a aquisição de peças específicas.

É comum para os filatelistas enviarem sua mancolista a comerciantes filatélicos, quando interessado em compras, ou a outros filatelistas, quando interessado em trocas (intercâmbio).

4.6) Da Valorização do Tema

A valorização do tema, numa coleção temática, ocorre quando nos deparamos, ao analisá-la, com a presença de selos e peças filatélicas, que aparentemente não tem qualquer sincronia com o tema principal, mas em razão de uma pesquisa temática bem feita e apurada, sua inclusão acaba sendo plenamente justificável. Segundo Capucio:

*“... entende-se como “valorização do tema” a capacidade do colecionador em descobrir e apresentar novas facetas do tema escolhido e que, em princípio, parece não estar diretamente relacionados ao mesmo.”*⁵⁴

53 in Frans de Troyer, Op. Cit. p. 22

54 in A Originalidade e Valorização do Tema nas Coleções Temáticas

Na prática a pesquisa temática é tanto mais completa quanto maior for a presença de selos que aparentemente destoam do resto da coleção. Esta atividade não é porém ilimitada e sem medida. Não pode ser fruto do acaso ou da atividade meramente imaginativa do filatelista. Como asseveramos Frans de Troyer:

*“É evidente que estas digressões devem ser estritamente limitados e totalmente subordinados ao assunto que se desenvolve: elas reforçarão o assunto mas não podem afogá-lo.”*⁵⁵

Vejamos alguns exemplos de valorização vistas em coleções temáticas, que podem ser aqui elencadas, vez que elucidativas:

- em nossa coleção do tema petróleo, descobrimos, nas pesquisa temáticas, que George Washington, o presidente americano, também se dedicou as tarefas de prospecção. Tal fato nos possibilitou incluir boas variedades referentes ao citado estadista americano.

- em uma coleção dedicada ao tema ponte constava um envelope pré-filatélico, circulado na Grã-Bretanha, entre duas localidades. Sobre o envelope foi feita uma anotação da quantia paga a título de envio. Na mesma página da coleção constava também um envelope semelhante, na mesma rota mas com tarifas mais baixa, enviada um ano ou dois antes do primeiro. A diferença de tarifária entre os dois envelopes não se estribava no aumento das despesas postais, mas pelo fato de ter sido construída uma ponte sobre o percurso e para tanto foi introduzida uma taxa, adicionado as tarifas postais então existentes⁵⁶. No referido exemplo a análise da tarifa postal valorizou o tema.

- numa coleção do tema borboletas a descoberta de que nos escritos feitos por Cristóvão Colombo, quando de sua vinda ao continente americano, lemos claras passagens dedicadas às borboletas encontradas no novo mundo. Tal descoberta possibilitou, segundo observação de Capuccio, a inclusão, por parte de certo colecionado, da série emitida pelos Estados Unidos em 1893, que retrata Colombo, cujos valores mais altos são peças raras e de extremo valor.⁵⁷

Frans de Troyer, por sua vez, nos brinda com mais exemplos, alguns emblemáticos. Vejamos:

“Nas coleções de História, é frequente tratar-se de pessoas que tiveram um papel preponderante. Essas personagens não vivem sós, elas tiveram sempre adversários e a História é o resultado dessas provas de força.

De resto, é preciso nunca esquecer que habitualmente não são os comandantes e os combatentes que orientaram o espírito mas sim os pensadores.

Assim, a história de Garibaldi não será original, se não se fala de Mazzini e do pensador Cavour, de “Itália Una”, e do seu adversário Pio IX.

Uma coleção sobre o poeta Pouckinne torna-se mais interessante se se fala igualmente dos seus amigos e daqueles que lhe consagraram obras. Por outro lado, é necessário igualmente considerar as personalidades às quais eles devem a sua celebridade assim como outras atividades interessantes que nós poderemos desenvolver filatelicamente.

Assim Goethe não foi unicamente poeta e libretista, mas igualmente homem de estado de nomeada. Ele interessou-se igualmente pelos sapadores-bombeiros e colecionou cópias de esculturas gregas que se podem encontrar em selos.

Francisco de Assis não foi unicamente o fundador da ordem dos

55 in Frans de Troyer, Op. Cit. p. 43

56 Inovação narrada por Cristian SCĂICEANU e transcrito por Dan N. DOBRESU, in MANUALUL EXPOZANTULUI TEMATICIAN, 2008, p.75.

57 in Carlos Eduardo Capuccio, A Originalidade e Valorização do Tema nas Coleções Temáticas

Franciscano, mas foi igualmente o autor do famoso Canto do Sol. Por outro lado foi o primeiro a instalar num bosque em Gubbio, um presépio de Natal com figuras amovíveis.

Nas coleções sobre flora e fauna, não é difícil de se interessar pelo seu meio ambiente e fazer conhecer os produtos que provêm das plantas ou dos animais considerados.

Por vezes, somos agradavelmente surpreendidos. Por exemplo, num coleção sobre peixes, pude constatar que se tinha incorporado, num dado momento, alguns selos sobre D. Carlos de Portugal, para demonstrar assim que esse príncipe tinha subdividido em classes certas espécies de peixes e que ele tinha feito construir o Aquário Vasco da Gama.

Mas esta surpresa breve se transformou em estupefação, ao constatar que as folhas seguintes mostravam unicamente selos de D. Carlos acompanhados de algumas especificações filatélicas sem a menor alusão às suas pesquisas.

Nas coleções sobre as artes é sempre possível associar à obra, o artista e mesmo a pessoa que a encomendou, muitas vezes pode-se indicar o Museu onde a obra se encontra (“Visitai o Museu do Louvre”) assim como alguns acontecimentos que contribuíram para a sua nomeada. Os selos e oblitações sobre “O cordeiro Místico” são ligados aos dois irmãos Van Eyck, as características dos primitivos flamengos, a Catedral S. Bavon em Gand onde esse quadro de altar é conservado, provavelmente mesmo com a cidade de Pau, onde ele foi escondido durante a primeira guerra mundial.

Às imagens das pinturas rupestres de Altamira (Espanha) é não hesitar em acrescentar um selo do príncipe Alberto I do Mônaco. Este tinha publicado juntamente com outros (autores) a primeira obra sobre esta arte pré-histórica e construiu, em 1906, um museu da pré-histórica, no Mônaco.

Inumeráveis exemplos poderiam ainda ser citados. É evidente, que são justamente estas bagatelas que fazem viver a nossa coleção e que constituem a prova do trabalho pessoal, tanto no plano do estudo, como no da pesquisa de elementos filatélicos, que, à primeira vista, não tiveram nenhuma ligação com o tema.

Posso ainda repetir que uma coleção temática deve continuar a ser uma coleção no bom sentido, e que as digressões não podem jamais abafar o mesmo assunto.

Se é certo que a descrição do “Cordeiro Místico” não é muito pessoal se não se utiliza senão os poucos selos reproduzindo esta obra, será também errôneo rodear estes selos, de numerosos retratos de Jan Van Eyck e três ou quatro oblitações da Catedral de S. Bayon.”⁵⁸

4.7) Redação do Plano

Com grande propriedade observa Troyer:

“Logo que o descobriremos, cada selo ou oblitação deve ser examinado para lhe reservar o seu lugar exato na coleção.”⁵⁹

58 in A Filatelia Temática, p. 43 “usque” 45.

59 In Op. Cit., p. 11.

Tal medida torna-se possível, através daquilo que denominamos de plano.

Assim, munido dos elementos temáticos e filatélicos, relacionados com o tema que colecionamos, e obtidos nas etapas que antes analisam minudentemente, passamos à sua redação propriamente dito. O plano compor-se-á, assim, de certo número de grandes divisões, logicamente articuladas e estruturadas entre si.

O filatelista deverá, é muito importante lembrarmos, em nome da organização e clareza, demonstrar tal divisão, bem como, deixar claro a hierarquia existente entre cada uma de suas partes.

Cada um dos capítulos, condutores da ideia principal ou mestra, deve ser logicamente estruturado entre si, compreenderá sub-capítulos, encadeados entre si, permitindo a passagem gradativa do geral ao particular.

Não devemos perder de vista ainda que nada deve ser exagerado no plano, assim o número de capítulos deve ser proporcional ao conjunto. Chamamos assim atenção para o fato de que um excessivo número de capítulos pode induzir o observador à conclusão de que faltou método, na sua elaboração, ou que se trata efetivamente mais de um elenco de tópicos disposto aleatoriamente, e não de um plano racionalmente elaborado.

Os subcapítulos, por sua vez, onde ocorrem os detalhamentos, compreenderão os pormenores necessários ao desenvolvimento eficiente do conjunto.

Barberis lembra que:

*“Tal subdivisão deveria ser feita de tal maneira que dê à coleção um desenvolvimento completo evitando-se tratar as folhas da coleção como sendo módulos de um cadastro.”*⁶⁰

Bayle, por sua vez, observa que o plano da coleção deverá estar baseado nos três seguintes princípios:

- I – Ter uma ideia clara e precisa do tema a ser elaborado e como fazê-lo;
- II – Conceber a coleção como um conjunto lógico com estruturas bem definidas;
- III – Progredir no desenvolvimento da coleção, tendo em conta simultaneamente a ideia diretriz e a função demonstrativa dos documentos utilizados.

4.8) As Dimensões Espaciais do Plano

O plano deve se apresentado em geral numa folha, mais raramente, em duas, como limite máximo, no caso dos mais minuciosos. Lembramos que grandes coleções conseguem ser inteiramente detalhadas, sem deixarem de ser concisas. Tal teto existe em proveito do próprio expositor que, assim, não perderá precioso espaço, além de ser mais do que suficiente para se exibir um bom e detalhado plano. Segundo senso comum, mais do que isto evidencia, um plano muito extenso, deveras prolixo, e de imediato, indica uma total falta de síntese. Portanto, fugindo deste limite o colecionador estará pecando pelo excesso.

4.9) Da Numeração do Plano

Ainda estribados em Barberis:

“A distinção e o reagrupamento das várias divisões do plano podem ser feitas de muitas maneiras usando-se letras maiúsculas ou minúsculas, números arábicos ou romanos, sistemas mistos. A escolha depende, no final,

⁶⁰ in Elementos Temáticos de uma coleção, obra coletiva, ABRAFITE, 1978.

*da preferência e dos hábitos pessoais, do tipo de matéria retratada, do desejo de dar evidência a certos capítulos ou da oportunidade de prover a sucessivas ampliações e modificações do plano sem muitas complicações.”*⁶¹

Tal tarefa não é tratada oficialmente pela FIP, logo não existe a escolha obrigatória deste ou daquele sistema, no que concerne a subdivisão do plano. O essencial é que o sistema escolhido seja de uma clareza solar e deixe claro a diferença entre os pontos principais e os decorrentes.

Tem sido largamente utilizado, em função da visibilidade para o leigo, os sistemas derivados da Classificação Decimal Universal, também conhecido como sistema Dewey, usada em bibliotecas, revistas, etc. Segundo o referido sistema, as grandes divisões do plano estão identificadas por um número arábico próprio, seguido de um ponto: 1., 2., 3., etc. Cada uma das divisões secundárias segue o mesmo processo, após o número indicativo do capítulo. Por exemplo, as subdivisões do capítulo 1 serão: 1.1, 1.2, 1.3, etc. A subdivisão 1.1 comporta divisões terciárias: 1.1.1, 1.1.2, 1.1.3, etc.

Podemos exemplificar o que foi explicado anteriormente, alçando mão de uma coleção sobre o tema Escotismo, cujo plano fica assim:

1. Fundadores:
 - 1.1 Sir Robert Baden-Powell;
 - 1.2 Lady Baden-Powell;
2. Padroeiro:
 - 2.1 São Jorge
3. Características
 - 3.1 emblemas;
 - 3.1.1 Flor-de-lis;
 - 3.1.2 Trevo;
 - 3.2 Mote: Sempre Alerta;
 - 3.3 Indumentária
 - 3.3.1 Uniformes
 - 3.3.2 Chapéu;
 - 3.3.3 Lenço;
 - 3.3.4 Brasão;
4. Vida ao ar livre;
 - 4.1 Juramento
 - 4.2 Saudação;
 - 4.3 Acampamento

Geraldo de Andrade Ribeiro Júnior observa que:

*“A presença da numeração dos subcapítulos nas respectivas folhas, pelo menos na introdutória dos subcapítulos é fundamental para uma rápida identificação da localização do assunto, particularmente em análises detalhadas, como a dos jurados.”*⁶²

Alguns colecionadores acham porém à classificação decimal, ainda que muito prática, fria e impessoal. Por isso, preferem ordenar o plano da coleção com outros critérios, que julgam mais pessoais.

61 in Elementos Temáticos de uma coleção, obra coletiva, ABRAFITE, 1978.

62 Op. cit.

Estribados novamente em Cadoret, basta ler algumas das ideias-mestras, objeto dos títulos dos capítulos, para se ter uma ideia completa da coleção. Deve-se evitar assim, de titular os capítulos com frases muito longas⁶³. Basta uma simples palavra ou expressão, desde que possa caracterizar bem o que será exposto no capítulo. Mais ainda. Não é possível admitir a apresentação, como roteiro, de uma série seca de frases ou expressões muito compridas e desacompanhadas das ideias secundárias contidas no capítulo.

É muito importante, também, que todas as ideias principais pertençam à mesma categoria gramatical. Proceda-se igualmente com referência as ideias secundárias e terciária. Pode-se escolher entre substantivas, verbos e adjetivos.

O importante é não misturá-los. Por exemplo, no fragmento de plano da coleção sobre Escotismo apresentado acima, no capítulo 4 – “Vida Escoteira” – os itens apontados estão representados por substantivos (juramento, saudação, acampamento). Para a nomenclatura dos mesmos itens, poder-se-ia adotar verbos. Teríamos então:

4.1 Pronunciar o juramento;

4.2 Saudar

4.3 Acampar, etc.

O mesmo critério vale para as ideias terciárias.

4.10) Das Folhas Expostas

Com as restrições impostas pela Federação Internacional de Filatelia no que tange o número de quadros destinados a cada expositor, que se situam entre o mínimo de cinco e o máximo de dez, cabe ao colecionador efetuar uma seleção apropriada das folhas a serem expostas, por óbvio as melhores.

No plano, em relação a cada capítulo, costumava-se, até bem pouco tempo, indicar o número de folhas expostas. Num passado não muito distante se mostrava ainda, numa outra coluna, indicar o total de folhas que compõem toda coleção, mas não expostas. Ambas as prática encontram-se hoje abandonadas.

5) DA CLASSIFICAÇÃO DOS PLANOS

O tipo de estrutura do plano poderá variar em função da natureza deste e da maneira através do qual o filatelista irá percebê-lo.

Assim, os planos concebidos, entre nós e alhures, podem ser agrupados basicamente, em cinco tipos básicos, que, em ordem crescente de complexidade, são: geográfico, científico, sistemático, histórico e em forma de tese.

A escolha, por um tipo ou outro, é algo absolutamente pessoal, até mesmo casual. Salientamos que um mesmo tema poderá ser estruturado de diversas formas, vez que as pessoas concebem suas ideias sob prismas bem diversos, por vezes. Assim, o tema "Jogos Olímpicos", por exemplo, pode ter um plano tipicamente sistemático, na visão de um colecionador, eminentemente histórico na de outro, ou, ainda, uma concepção mais rebuscado, em forma de tese, para um terceiro. Teremos assim três formas diversas de encarar a mesma realidade e para tanto, se alçará mão de tipos de planos díspares.

Vejam, a seguir, as características básicas presentes em cada qual:

5.1) Plano Geográfico

É o plano de elaboração mais simples e o mais compreensível aos olhos do leigo.

⁶³ Nos exemplos de planos, apresentados no presente texto, pode-se notar o padrão de texto que devemos adotar.

Como o próprio nome indica tem sua estrutura baseada no critério geográfico, tendo como parâmetros os vários países, regiões ou continentes.

O inconveniente do emprego deste tipo de plano está na estrutura ortodoxa, rígida, deveras repetitiva e conseqüentemente monótona, que resulta, devendo ser portanto evitada, a menos que habilmente elaborado.

Por isso mesmo, o critério geográfico é seguido somente em casos particulares, em partes da coleção, especialmente quando a análise geográfica é uma das finalidades específicas do capítulo. Numa coleção sobre mamíferos, pode-se num de seus capítulos, estudar sua distribuição segundo as regiões zoogeográficas: Neártica, Neotropical, Paleártica, Etiópica, Oriental, Australásica e Antártida.

Em nossa coleção sobre petróleo, numa parte desta, fazemos isto ao longo de 4 folhas, demonstrando a distribuição desta riqueza mineral de forma espacial pela Terra.

5.2) Plano Científico

Para as principais disciplinas científicas está disponível, no âmbito de cada qual, uma classificação idealizada pelos estudiosos e que teoricamente, acaba permitindo um critério para a elaboração de nossos planos. Vejamos a classificação proposta por sábio sueco Carlos Lineu, em 1758, que compreende classes, ordens, famílias, gêneros e espécies, além de subdivisões como tribo, subclasses, subespécies, etc.



A base da estrutura do plano alçando mão desta classificação seria a espécie. Várias espécies de um mesmo gênero são reunidas, assim como vários gêneros de uma mesma família. Várias famílias compõem uma ordem. Várias ordens constituem uma classe.

Temos assim uma estrutura esquemática, porém demasiadamente rígida e pouco original no que tange a montagem resultante, por vezes marcada pela automaticidade do raciocínio, mas que não deixa de ter os seus encantos para quem gosta de classificar plantas e animais.

Há muitas dúvidas e discrepância de classificação e nomenclatura e isto, paradoxalmente produz muito interesse entre adeptos deste tipo de plano.

Somente as últimas subdivisões permitirão uma classificação pessoal, caso o colecionador consiga juntar um grande número de selos consagrados a um animal determinado de tal maneira que seja possível demonstrar as condições de vida (enfocando os membros da família - o leão, a leoa e os filhotes -, a caça, a alimentação, a cadeia alimentar, etc. ...)

O plano científico é encontrado na maioria das coleções sobre temas botânicos e zoológicos. Contudo, entre os adeptos destes temas, que costumam participar de exposições, outras estruturas, bem como certas variações, têm sido apresentadas, na procura de mais originalidade e melhor pontuação, como veremos, mais adiante, quando analisarmos a evolução dos planos nos últimos

tempos.

Estas coleções, se não bem dimensionadas pecam contra a lógica. Geralmente, face ao grande número de selos, por vezes perde-se o fio condutor e o tema geral. Como observa Troyer:

*“Pior ainda, sucede que um colecionador não sabendo que mais fazer com tantos selos, começa muito simplesmente a classificar por países os selos reproduzindo um mesmo animal ou a mesma flor.”*⁶⁴

5.3) Plano Sistemático

O vocábulo sistema origina-se do latim *systema*, que por sua vez deriva do grego *sýstema*, que significa reunião, grupo. No dicionário define-se sistema como a:

*“... combinação de partes coordenadas entre si e que concorrem para um resultado ou para formarem um conjunto”.*⁶⁵

Neste tipo de plano, utiliza-se de um raciocínio baseado nos seguintes questionamentos: O que é isto? Em que consiste isto? Para que serve isto?

Apesar da simplicidade lógica que encerra, possibilita, sob nossa ótica, o necessário aprofundamento e apresentação de uma boa coleção temática com os mais diferentes tipos de abordagens ou facetas⁶⁶.

Os temas técnicos (petróleo, eletricidade, telecomunicações, átomo, mineralogia, ...), que atraem muitos colecionadores, acabam, por vezes, sendo desenvolvidos dentro dessa lógica sistemática.

Assim, independentemente do assunto abordado, apresentam geralmente a seguinte coluna vertebral:

- uma análise histórica (onde são abordados os pioneiros e o principais fatos históricos correlacionados com a temática),
- uma conceituação do assunto focalizado,
- uma apreciação das qualidades e aplicações do tema,
- uma enumeração dos organismos administrativos ou reguladores que lhe são pertinentes,
- uma enumeração de congressos, conferências e exposições que se realizaram tendo-lhe como centro,
- uma interação do tema com a economia, meio ambiente, artes, vida, ...
- a busca da segurança no seu uso, criação, cultivo ou manuseio e, por último,
- uma conclusão, com a abordagem de suas perspectivas futuras.

Troyer, professoralmente, nos fornece, como exemplo, uma coleção sobre ferrovias (o plano desta coleção, na íntegra, encontra-se no final deste texto – item 10) onde demonstra a montagem de um plano sistêmico, etapa por etapa:

“A primeira questão a por é a seguinte: 'O que é um caminho de ferro; de que é que se compõe?' E a resposta será:

O caminho de ferro é composto de um:

- trem;

64 in Op. Cit. p. 29

65 in Dicionário Universal da Língua Portuguesa, Priberam, in http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx

66 “O tema 'Xadrez' encontra cada vez mais adeptos. Algumas coleções foram já expostas no plano internacional, mas nenhuma dentre elas me ensinou até agora o que é o jogo de xadrez, em que é que ele consiste, quais são as regras dos jogos. Todavia existem em número suficiente selos reproduzindo um peão, um rei ou uma dama e mesmo um tabuleiro. Todas as coleções limitam-se a enumerar os campeonatos e os congressos” (in. Frans de Troyer, in Op. Cit. p. 26)

- um trem seguindo um trajeto bem determinado;
- um trem servido por pessoal.

O segundo estágio dar-se-á as primeiras divisões, 'o trem' será subdividido em: uma locomotiva, um tender (vagão de combustível), vagões de passageiros e de mercadorias.

'O trajeto' dar-nos-á a infra estrutura: os rails, os sinais, as pontes e os túneis, as gares, etc...

'O pessoal' demonstrará que há maquinistas e condutores, controladores, chefes de gare, guardas ...

O terceiro estágio (sic) dará a estrutura em todo os seus detalhes.

Para a rubrica 'trem', começar-se-á pela locomotiva: a invenção (talvez mesmo a invenção e o desenvolvimento da máquina a vapor), a evolução na maneira da propulsão: vapor, diesel, eletricidade. De cada vez serão indicados os diversos tipos.

Os vagões serão subdivididos segundo a sua utilização: vagões de passageiros, de mercadorias e depois segundo a maneira da suspensão, a sua forma, o seu tipo, a sua carga útil, resumindo, todas as partes do trem são tratadas. As duas outras divisões principais são desenvolvidas de igual maneira.

O estágio seguinte das nossas reflexões, leva-nos progressivamente a uma qualidade do plano que nós explicitaremos num capítulo que se segue: 'a aproximação pessoal e a originalidade do plano'; mas o espírito humano é muitas vezes tão complicado e tão universal que não é sempre possível fixar limites precisos.

Desde já, o material filatélico tem um papel importante. O desenvolvimento ulterior, do plano, é baseado no estudo das diversas ilustrações figurando nos selos e nas obliterações. Se não se age desta maneira, depressa nos encontraremos no irreal; constatar-se-á que uma subdivisão determinada não é suscetível de desenvolvimento, dado que não exista suficiente material disponível, ou muito simplesmente que esse material não existe.

Assim, para a nossa coleção 'Caminhos de ferro' põe-se as seguintes questões: 'Para que serve?'; 'Quais são as consequências?';

Na segunda parte a ideia 'linha' tomará forma, dado que o comboio liga dois pontos importantes de um país ou de um continente: O Transiberiano, o T.E.E (Trans Europa Expresso) com as inaugurações, os aniversários, etc...

Na terceira parte consagrada ao 'pessoal', serão postas em evidência, as suas atividades, organizações, congressos, obras sociais.

De tal maneira que, cada divisão do plano conhece um desenvolvimento constante, cada selo, ou documento filatélico encontra o seu lugar exato e faz reviver para nós 'o caminho de ferro.'

Tudo parece tão simples, que colecionadores experimentados qualificam esta exposição de presunçosa. Contudo, sucede ainda frequentemente que mesmo no plano internacional estes princípios fundamentais se perdem de vista.”⁶⁷

Como exemplo de plano sistemático temos a coleção: “O Átomo” do Engenheiro italiano Giancarlo

67 in Op. Cit., p. 23/4.

Morolli ⁶⁸.

1. A HISTÓRIA DO ÁTOMO.

1.1 As origens: dos filósofos aos físicos.

1.2 A física atômica.

2. AS APLICAÇÕES PACÍFICAS

2.1 A produção de energia elétrica.

2.2 A produção nuclear.

2.3 Outras aplicações.

3. AS APLICAÇÕES BÉLICAS

3.1 Os armamentos nucleares

3.2 A reação do mundo

4. A PESQUISA E A ORGANIZAÇÃO

4.1 As organizações Internacionais.

4.2 Os conselhos nacionais

4.3 Os centros de pesquisa nacionais

4.4 As indústrias e as outras entidades

5. O ÁTOMO, SÍMBOLO DO NOSSO TEMPO.

5.4) Plano Histórico

Segundo o conceito exarado pelo grupo de história do Centro Italiano de Filatelia Temática, este tipo de plano trata:

“... da narração dos fatos memoráveis da história do homem, portanto, dos povos, de um país, de uma cidade, de uma época, de um movimento ou que tiveram como protagonista certo personagem”.

Uma coleção é classificada como histórica não pelo assunto que focaliza, mas pela maneira/modo como este foi estruturado e desenvolvido. Em tese, qualquer assunto pode ser analisado sob o ponto de vista histórico. São comuns coleções, sobre a “História dos Jogos Olímpicos”, “História da Medicina”, “História da Arte”, etc.

Por outro lado, não podemos perder de vista, ainda, que diversas coleções, apresentam capítulos que, em dado momento, alçam mão de uma abordagem eminentemente histórica ⁶⁹.

Não há um critério rígido para a redação de um plano histórico, embora a ordem cronológica dos fatos funcione bem, na maioria das vezes, como um precioso e fundamental fio condutor. Há, contudo, sempre grandes oportunidades para se dar um toque pessoal aqui e ali ao longo da coleção. Não podemos porém perder de vista que a história já teve seu curso, fato que não podemos alterar.

68 O plano de nossa coleção de energia nuclear é o seguinte:

Introduction / Introdução

What is the atom? / O Que é o Átomo?

The History of Atoms / A História do Átomo

Minerals with radioactivity / Os Minerais Radioativos

The Atoms and the Production of Energy / Os Átomos e a Produção de Energia

The Atoms and its Organisms / O Átomo e Seus Organismos

Using the Nuclear Energy / Utilizando a Energia Nuclear

The Fear of Nuclear Holocaust / O Medo do Holocausto Nuclear

The Atoms, the Security and the Environment / Os Átomos, a Segurança e o Meio Ambiente

Atom and Culture / Os Átomos na Cultura dos Povos

Conclusion / Conclusão (Esta coleção obteve medalha de vermeil na Floripa 2008 e na SULBRAPEX 2008)

69 Fazemos isto tanto em nossa coleção do tema petróleo como de energia nuclear, quando em determinado capítulo narramos cronologicamente alguns fatos históricos inerentes a estes temas ou quando arrolamos, os cientistas e pesquisadores que se sucederam na busca de conhecimento.

Podemos porém contá-la de diversos ângulos, tendo em vista os diferentes pontos de vista, que nortearam seus agentes, no curso dos fatos (vitoriosos, derrotados, por exemplo).

Alguns obstáculos devem ser, entretanto, evitados ou transpostos. Vejamos:

- É inconveniente escolher um período histórico muito amplo, pois o plano corre o risco de torna-se muito genérica, diluindo-se nos pormenores, com conseqüente perda da clareza e do foco ⁷⁰. Por outro lado, problemas podem advir da carência ou do excesso de documentação filatélica. No primeiro caso, aparecem, com efeito, numerosos hiatos com a conseqüente e desagradável descontinuidade, que por certo, acabam fragilizando a estruturação do plano ⁷¹. No segundo, ao passarmos para a etapa de montagem, teremos diante de nós uma avalanche de peças que tornarão deveras árdua a tarefa de seleção do material.

- A história não deve ser desenvolvida de maneira estereotipada, isto é, com as mesmas subdivisões na análise dos diversos períodos ⁷².

- Não deve, também, ser analisada de maneira horizontal, isto é, com os acontecimentos sistematicamente subdivididos por países.

- Não deve pecar contra o desenvolvimento lógico. Desta feita, uma

“... coleção histórica respeitará então as grandes linhas de força, enquanto que os detalhes são reduzidos à sua justa dimensão.” ⁷³

Como exemplo de uma abordagem histórico temos a coleção “CRISTÓVÃO COLOMBO” do italiano Ennio Giunchi:

– A CENA: “Omar das trevas” – Primeiros desafios ao oceano – A trama histórica – Pelo Levante ao vento ou pelo poente? – A terra é redonda.

– OS PROTAGONISTAS: Cristóvão Colombo – Isabel e Fernando.

– A PREPARAÇÃO DA EMPRESA: Colombo em La Rabida – O Concílio de Salamanca – As Capitulações.

– A PRIMEIRA FROTA DE COLOMBO: Os comandantes – Os navios.

⁷⁰“Muito recentemente, foi-me dado examinar uma coleção sobre o Cristianismo, começando pela criação do mundo, depois os apóstolos, para finalmente tratar dos fundamentos da Igreja. Uma tal coleção deveria normalmente cobrir 4 a 5000 folhas e nada mais fácil então que encher cinco quadros ou seja 60 folhas desta coleção e de mostrar sobre cada folha alguns selos interessantes e um documento raro. Numa coleção sobre a Pintura sucede frequentemente que se queira e deva desenvolver, toda a história em 60 folhas. Uma tal lição torna-se então numa verdadeira mistura: algumas folhas consagradas a Van Eyck, em seguida algumas outras ou alguns selos relativos a Greco, a Rubens, a Miguel Ângelo ou ainda a Velásquez e eis tudo. Neste momento, nós estamos longe da nossa exposição lógica. Mesmo os documentos filatélicos raros não são postos em realce porque o júri não vê unicamente esses documentos, dispersos nos cinco quadros, mas o conjunto da grande coleção que deve (ou deveria) ser baseado nesse plano.” (in Op. Cit. p. 31) – Hoje 5 quadros comportam 80 folhas e não mais 60.

⁷¹ Estes hiatos podem, porém ser habilmente compensados e isto deve ser considerado quando os jurados analisam este tipo de plano, quando da carência de material.

⁷² “A título de exemplo, um extrato duma coleção consagrada a 'História da arte'.

4. A arte romana

4.1. a pintura;

4.2. a escultura;

4.3. os vitrais;

7. A arte barroca

7.1. a pintura;

7.2. a escultura;

7.3. os vitrais;

Admito sem custo que, muitas vezes, não há outra solução: deve-se prever subdivisões; mas nesse caso, o plano deve ser detalhado de maneira tal, que as relações entre as diversas partes sejam suficientemente claras.” (in Op. Cit. p. 31)

⁷³ Frans de Troyer, Op. Cit. p. 32

- A PRIMEIRA VIAGEM: Partida de Palos – No “Mar das Trevas” – Terra! Terra! O desembarque em Guanahani – As bandeiras da Espanha e o Cruzeiro no “Novo Mundo” – Em Cuba e Haiti – Volta à Europa.
- O DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA: O quarto centenário e outras ocorrências.
- A SEGUNDA VIAGEM: Descobrimto das pequenas Antilhas – Fundação de Isabel do Alcazar – Colombo sob interrogatório.
- A TERCEIRA VIAGEM: Descobrimto de terra firme – A colônia em revolta – Padre de Lãs Casas – Colombo acorrentado.
- A QUARTA VIAGEM: Morte de Isabel – Morte de Colombo.
- NA PISTA DE COLOMBO: Tudo começou aqui... – Morto Colombo, a América – Magalhães e a passagem do Sudoeste – A passagem do Noroeste.
- HONRARIAS À COLOMBO: Os momentos – O Farol de Colombo.

Como um segundo exemplo temos uma coleção do tema arqueologia, com o seguinte plano:

1. As origens da civilização;
 - 1.0. o paleolítico;
 - 1.1. o mesolítico;
 - 1.2. o neolítico;
 - 1.3. a idade do cobre;
 - 1.4 a idade do bronze;
 - 1.5. a idade do ferro;
 - 1.6. os povos primitivos dos tempos modernos: Europa;
 - 1.7. os povos primitivos dos tempos modernos: Ásia;
 - 1.8. os povos primitivos dos tempos modernos: África;
 - 1.9. os povos primitivos dos tempos modernos: América e Oceania
2. As culturas não-europeias
 - 2.0. o Egito até à XVIIª dinastia;
 - 2.1. o Egito depois da XVIIª dinastia até o período romano;
 - 2.2. a cultura mesopotâmica;
 - 2.3. as culturas hitita, palestina e judia;
 - 2.4. a Índia
 - 2.5. a China

Tal plano mereceu de Troyer os seguintes reparos:

“Na primeira parte o colecionador propunha-se demonstrar que ainda no nosso tempo há ainda povos que vivem com os meios da idade da pedra e do bronze. Mas a contradição de “Primitivos Modernos” necessita uma divisão particular para esta parte da coleção. A escolha do colecionador é má pois que estes indivíduos já não vivem mais na idade da pedra, uma vez que este período pertence definitivamente ao passado.

Na segunda parte, é certamente inexato falar em primeiro lugar do Egito, para tratar em seguida da Índia e da China, que não têm praticamente nenhuma relação com esta cultura, e começar então a terceira parte pela Grécia que tem ligações certas com o Egito. Não é por ser a arte egípcia mais antiga que a da Índia que se deve adaptar a ordem cronológica. Em minha opinião, a ordem das influências é muito mais importante.”⁷⁴

74 in Frans de Troyer, Op. Cit. p. 33

5.5) Plano em Forma de Tese

Tese na definição do dicionário é a:

“proposição que se apresenta para ser defendida, no caso de impugnação; conclusão de um teorema; trabalho original; proposição apresentada nas escolas superiores pelo candidato ao mestrado ou ao doutoramento”⁷⁵

Tal e qual na vida acadêmica, neste tipo de plano o colecionador estabelece uma proposição e procura demonstrá-la / sustentá-la, desenvolvendo todo um raciocínio coerente ao longo da coleção. A diferença entre os dois tipos de tese reside no fato de que no mundo acadêmico o estudante estriba-se nos ensinamentos dos doutos no tema ou em experimentos científicos, enquanto no mundo filatélico, desenvolve-se unicamente a coleção com base no material filatélico.

Na prática:

“ Uma certa ideia é posta em marcha. No plano as diversas divisões são classificadas de tal maneira que no final da coleção a prova possa ser considerada como definitivamente adquirida.”⁷⁶

Evidentemente não é necessário que todos estejam de acordo com as conclusões da tese, vez que não busca a unanimidade, valendo inteiramente o provérbio latino *“tot capita, tot sensus”* (quantas cabeças, quantas sentenças). O que se deve levar em conta é se a tese está conveniente bem demonstrada e se as conclusões são evidentes.

O plano em forma de tese demanda, geralmente, grande trabalho pessoal, encerrando porém, elevado grau de originalidade, face sua concepção puramente pessoal.

As coleções em forma de tese, por isto mesmo, são deveras raras nos certames competitivos, mesmo naqueles de elevado nível. Além de ser um tipo de plano que, na prática, acaba não se coadunando com todos os temas.

Como exemplos de plano em forma e tese podemos arrolar:

- *“MARIA RAINHA DO MUNDO”⁷⁷*: Esta coleção procura provar como tese que Maria é a Rainha do mundo. Seu plano é:

1. A Vida da Santa Virgem termina com a sua coroação no Céu.
2. A adoração de Maria traduz-se por muitos títulos, que figuram nos selos: *“Maria Rainha da Paz”*, *“Rainha dos Mártires”*, ...
3. Maria é venerada como padroeira e rainha de muitas cidades e países: Padroeira da Hungria, Rainha da Polônia.
4. Os locais de peregrinação no mundo inteiro demonstram que os crentes consideram a Santa Virgem realmente como uma Rainha: Lourdes, Fátima.
5. Na maior parte das obras dos nossos grandes artistas Maria ocupa o lugar de honra. Na arte ela é portanto, Rainha.
6. As catedrais e as igrejas esplêndidas que lhe são votadas no mundo inteiro, formam realmente a sua coroa.

- *“EVOLUÇÃO E DECADÊNCIA DAS ARTES PLÁSTICAS -PINTURA”⁷⁸* do brasileiro Biaggio Mazzeo. Segundo observa Ruben Reis Kley:

⁷⁵ in Dicionário Universal da Língua Portuguesa, Priberam, in http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx

⁷⁶ in Frans de Troyer, Op. Cit. p. 39

⁷⁷ in Frans de Troyer, Op. Cit. p. 39

⁷⁸ Medalha de vermeil com Felicitações do Júri na "Philanippon 91"

“A coleção de Biaggio compreende dois grandes capítulos, conforme se desprende do título: a Ascensão e a Decadência. No primeiro, narra-se o desenvolvimento da Pintura desde os desenhos rupestres até Rembrandt. É uma história linear da Pintura, sem grandes novidades, preparando para o clímax, representado pelo segundo capítulo. Neste está concentrada toda a força da coleção, em que se considera a Pintura Moderna, a partir de certa época, como o fator preponderante da queda da qualidade desta arte. Ao amante da Pintura Moderna esta assertiva será, certamente considerada um sacrilégio mas neste tipo de plano (e no desenvolvimento da coleção), como já vimos, não se considera o teor da tese mas, sim, se foi bem desenvolvida.”⁷⁹

Vejamos seu plano:

Evolução

- Justificação;
- Apresentação;
- Deus, o artista criador, criou o universo...
- As origens da pintura: pintura rupestre – pintura egípcia – a arte bizantina – pintura indiana;
- A pintura do século XIII;
- Giotto di Bondone inaugura uma nova era para as artes plásticas;
- A arte do século XIV (Viena, Florença, estilo Gótico);
- O Renascimento – Grande momento da pintura com a arte do “Quatrocento”;
- A arte “Cinquento” – Brilham como estrelas da primeira grandeza Leonardo, Raphael e Miquelangelo;
- Caravaggio, o mestre do claro-escuro;
- Rembrandt: o gênio do século XVII alcança o ponto culminante da pintura ao lado de grandes mestres;
- A arte do século XVIII – Tiepolo – Goya – Reynolds – Gainsborough e outros;
- Século XIX – Grande diversidade de idéias desde o classicismo até o impressionismo, realismo, etc.
- O impressionismo – Novas linhas de conduta, novas técnicas – grandes conquistas sob o ponto de vista artístico;
- Os fatores de desenvolvimento das artes plásticas.

Decadência

- Primeiros sintomas da decadência em algumas obras de Renoir e Cézanne;
- Salva-te da borrasca – um passo a mais para a descida com a pintura vaga e simplória de Matisse;
- ... Ligue o cortejo decadente com o “Fauvismo”;
- A pintura – chega ao caos com o cubismo;
- Em plena alienação aparecem na pintura... A Metafísica, o Futurismo, o Expressionismo, o Surrealismo...
- O mundo fantástico dos loucos;
- Constatação do vazio;
- Uma denúncia;
- Uma prova irrefutável da decadência;

⁷⁹ in Originalidade nas Coleções Temáticas, in <http://www.clubefilatelicodobrasil.com.br/artigos/filatematica/klei.htm>

- A triste confissão;
- Depoimentos;
- Excremento e inspiração;
- Tela em branco – a obra prima;
- Conclusão: Provando o exaurimento das criações artísticas, nos resta ainda a fé inquebrantável do surgimento de um novo renascimento na pintura.

6) DA CORRELAÇÃO PLANO, TÍTULO E INOVAÇÃO

O plano é função do título, delimitado por este, não devemos perder tal perspectiva.

Neste ponto muitas coleções temáticas acabam se perdendo, pois um título muito abrangente, ilimitado ou amplo, requer a apresentação de um roteiro mais completo, logo uma coleção desenvolvida sobre mais tópicos e vice-versa. Uma perfeita sincronia entre o título, o plano e o desenvolvimento é um assunto que deve ser muito bem pensado antes de evoluirmos em nosso trabalho, para evitarmos futuros dissabores e inconvenientes.

Fora de sintonia, portanto, o título “Fauna Brasileira”, quando o plano aborda, na visão do autor, apenas certos tipos de animais, deixando outros tantos de fora. O título peca assim, pela grandiosidade, vez que o termo fauna encerra uma ideia continental.

Como exemplos negativos podemos arrolar também:

- "Aves em selos", totalmente inadequado, pois restringe o material colecionável apenas a selos, impondo inúmeras limitações e condenando-a ao insucesso e
- "Mamíferos na Filatelia", absolutamente redundante e sem criatividade, dizendo o óbvio ululante, pois é claro que se trata da área filatélica.

Não devemos perder a oportunidade de burilar o título de nossa coleção ao ponto de concebê-lo sob um ponto de vista inovador, tal qual o plano. Desta feita estaremos criando uma identidade única de nosso trabalho, de modo a diferenciá-lo de outras congêneres. É claro que apenas um título original não tem o condão de tornar uma coleção original, mas é o primeiro passo, causando, por certo, uma boa impressão nos jurados.

Dentre as inúmeras boas coleções temáticas brasileiras, podemos citar alguns títulos que certamente conseguiram cumprir, com louvor, este quesito:

- “A Luz e as Trevas” (coleção sobre a cegueira e a oftalmologia de Hélion de Mello e Oliveira),
- “Linda, Chamosa e ... Convencida” (orquídeas de José Evair Soares de Sá),
- “Um Bacilo ameaçou a Humanidade” (tuberculose),
- “Um passeio pelo Olimpo” (mitologia grega de Carlos Eduardo Capucio),
- “Rios prisioneiros – energia em liberdade” (energia elétrica de Reinaldo Estevão de Macedo)
- “Na fronteira do Nada” (história da psiquiatria)
- “A Pulsação da Vida” (história da cardiologia)
- “Voar é com os Homens” (história da aviação),
- “Babel será destruída” (uma discussão sobre o problema linguístico, com a apresentação da história, estrutura e vantagens do esperanto, como língua internacional de James Rezende Piton)
- “Ao Sabor das Ondas... e do Vento” (coleção sobre a navegação de Roberto Wildner),
- “Corri, Cavallo, Corri” (sobre cavalos de corrida do filatelista italiano Paolo Padova),
- Passion of Four Wheels (sobre o automóvel do Leonardo A. Rodrigues),
- Ladies and Gentlemen, Here’s the Television! (sobre a televisão do filatelista Fernando Veiga),
- Lo que Dios ha creado: El Telégrafo do engenheiro cubano Pedro Intento, ...

Ainda sobre o título é bom lembrar que, sempre que possível, o toque original, não esta restrito ao título, mas deve estar presente também, quando nos dedicarmos a tarefa de titulação em matéria de

capítulos e subcapítulos.

Neste particular Ruben Reis Kley elucidou muito este tema, adicionando alguns exemplos:

“Os títulos dos capítulos devem ser elaborados inteligentemente. Podem conter, ainda que parcialmente, certas ideias contidas nos textos, encurtando-os conseqüentemente. Temos reparado que poucos filatelistas sabem construir belos títulos e, com eles, dar vida à coleção. Se a imaginação não funciona, não custa pesquisá-los nas publicações especializadas, referentes ao tema em estudo, adaptando-os convenientemente.

Por exemplo, em uma coleção sobre Insetos, para o capítulo que estuda o Mimetismo, pode-se adotar o título "A Bela Arte da Sobrevivência", pesquisado num dos artigos da "Enciclopédia Bloch", não mais publicada atualmente. Consideramos esta denominação mais colorida, cheia de vida, do que a simples menção "O Mimetismo". Pode-se, contudo, adotar uma solução mista, adicionando-se ao título uma pequena frase de caráter explicativo. Exemplificando: "O Mimetismo: a bela arte da sobrevivência". A mesma técnica se poderia empregar em relação a outros aspectos da biologia, como a polinização. "Polinização: enfeite de flor é semente de vida".

Eider de Araújo Rangel, em sua premiadíssima coleção "A Ave, uma História" (Classe de Honra FIP), usou títulos elaborados como "O Passado e o Presente" (as aves extintas, as aves atuais e sua morfologia), "O Ritual do Amor" (atitude nupcial, os ninhos, ovos e filhotes, aves parasitas), "O Mistério das Migrações" e "Olhos que vêem longe e perto". ”⁸⁰

A originalidade pode ainda ser obtida mediante a utilização, num capítulo sem maior destaque, de dado material filatélico, utilizando-o, de forma inteligente, para sublinhar determinado fato temático.

Ainda citando Kley, vejamos o seguinte exemplo:



80 in A ORIGINALIDADE NA TEMÁTICA, <http://www.filateliamosaico.com.br/filateliadidatica2.htm>

“Foi o que se verificou na coleção "A Ave, uma História", em seu último capítulo, "Aves em extinção". Focalizou-se ali a Harpia (*Harpia harpyja*), um dos maiores gaviões brasileiros, em perigo de extinção.

O texto menciona que, se cuidados apropriados não forem tomados, a impressionante ave irá aos poucos, desaparecendo. Para ilustrar esta ideia foram utilizadas nove variedades do selo comemorativo do Sesquicentenário do Museu Nacional (1968), em que a Harpia está representada. A ilustração da frase vai do desenho perfeito, em duas cores (preto e azul), do selo tipo, até a última variedade, com o selo praticamente em branco (ausência quase total das cores), representando a extinção da ave.

Um desenvolvimento inteligente, muito original, autêntico fecho de ouro para uma grande coleção.”⁸¹



Damian Lage, por sua vez, nos brinda com originalidade em sua coleção, ao descrever a atividade do ornitólogo, utiliza-se para tanto de um selo, com uma falha de impressão, para assinalar a regulagem na focagem do binóculo.

7) DA NECESSIDADE DE UMA FOLHA DE APRESENTAÇÃO

Uma folha introdutória, a título de apresentação, com texto descritivo explicitando os seus motivos e contornos é normalmente aceita. Frans de Troyer porém não valoriza tal prática, considerando-a como uma folha perdida. O citado autor afirma que:

“Quando do julgamento de centenas de coleções, não consegui sequer ler um só destes textos.”⁸²

Entendemos porém, que tais notas sejam necessárias e de grande importância quando estamos diante de uma abordagem muito particular de um tema, em que, por vezes, em nome da clareza, faz-se necessário sublinhar isto. Na maioria das montagens perfilamos ao lado do mestre.

As "diretrizes" da FIP são claras em não aceitar apenas a presença de uma folha de apresentação, com texto, sem o plano.

É bom notar que o plano da coleção é somente o da coleção a ser apresentada, exposta, e não o da

81 in A ORIGINALIDADE NA TEMÁTICA, <http://www.filateliamosaico.com.br/filateliadidatica2.htm>

82 Op. Cit. p. 48

coleção existente, por vezes maior e até mais ampla.

8) DA EVOLUÇÃO EM MATÉRIA DE PLANOS

Com o passar dos anos, em razão da evolução e do refinamento do colecionismo temático, verificou-se uma maior busca na obtenção da originalidade, seja na escolha de novos temas, seja na reelaboração de temas mais largamente colecionados.

Esta evolução pode ser muito bem percebida entre os colecionadores dos temas fauna e flora. Voltemos assim nossas atenções, a título de exemplo, ao tema aves.

Há duas ou três décadas atrás, já em meio a uma grande quantidade de material, a classificação científica era praticamente o único critério adotado, assim as aves eram apresentadas, sem muita originalidade, igualmente nas diversas coleções pelo mundo afora, página após página, apenas e tão somente em função de suas ordem, famílias e espécies.



Na década de 60, a prestigiada filatelista temática polonesa, Maria Groer, escritora filatélica e jurada internacional muito requisitada, alguém a frente de seu tempo, foi uma pioneira em matéria de inovação⁸³. Ela descreveu as particularidades de algumas espécies do mundo animal, inclusive as aves, sob o ponto de vista da anatomia, dos costumes e das propriedades particulares. Nesta coleção procurava-se responder perguntas tais como:

- Quantas vértebras tem uma girafa?
- Qual é o peso do bico do tucano?

Para este segundo questionamento a resposta vinha com a seguinte legenda:

“O bico dum tucano, se bem que muito grande, pesa pouco porque ele é composto de um tecido esponjoso muito leve.”⁸⁴

Sua coleção intitulada “CURIOSIDADES ZOOLÓGICAS”, que na época era composta por quase trezentas folhas, compreendia três capítulos principais:

1. Curiosidades anatômicas, relativamente às características gerais (98 folhas).
 - a) da ordem
 - b) do gênero
 - c) da família

⁸³ Na Philatec, exposição organizada em Paris em 1964, esta coleção chamou a atenção de Frans de Troyer, vez que a mesma não era uma coleção dedicada aos animais, mas sim abordava curiosidades no mundo animal. (in Op. Cit., p. 40)

⁸⁴ in Frans de Troyer, Op. Cit., p. 40)

2. Curiosidades do comportamento, relativamente aos costumes habituais (102 folhas).
 - a) da ordem
 - b) do gênero
 - c) da família
3. Curiosidades comparativas, com referência: (100 folhas).
 - a) às dimensões
 - b) à velocidade
 - c) à longevidade

Alguns anos depois, começaram a pipocar coleções constituídas de maneira completamente diferente e no desenvolvimento das quais um plano com mais ou menos originalidade vinha a lume, deixando transparecer a personalidade e o espírito criativo na pesquisa operacionalizada pelo colecionador.

Assim, surgiram coleções, onde as aves foram classificadas segundo o habitat que ocupavam, isto é, as praias, o meio polar, os meios costeiros, as águas continentais, as florestas temperadas, os desertos, as savanas tropicais, as florestas úmidas tropicais, as altas montanhas, etc.

Vieram a lume igualmente coleções que procuraram responder o seguinte questionamento: “Como descobrir um pássaro?”⁸⁵

Outras elegeram os seus hábitos alimentares por prisma: “Estudo Alimentar das Aves”.

O português Antônio Ferreira Marques, por sua vez, numa das exposições “LUBRAPEX”, classificou as aves⁸⁶, tendo por enfoque peculiar, a nidificação:

a) Nidificação nas Árvores

1- Ninhos construídos por perfuração no tronco das árvores: Bucerotidae, Psittacidae, Rhamphastidae, Picidae, Trogonidae, Capitonidae, Certhiidae, Upupidae, Coraciidae.

2 – Ninhos construídos nos ramos mais altos: Ciconiidae, Anhingidae, Ardeidae, Corvidae, Threskiornitidae.

3 – Ninhos construídos nos ramos de altura média: Driolidae, Sagitaridae, Tanagridae, Parulidae, Sylviidae, Musophagidae, Bombycillidae, Columbidae.

4 – Ninhos construídos no meio da ramagem: Tyrannidae, Paridae, Coerebidae, Dulidae, Fringillidae, Picnotidae, Turdidae.

5 – Ninhos construídos nos ramos mais delgados: Paradiseidae, Troglodidae, Muscicapidae.

6 – Ninhos suspensos nos ramos: Ploceidae, Laniidae.

7 – Ninhos construídos próximos às raízes das arvores: Tetraonidae.

b) Nidificação nas rochas

1- Ninhos construídos sobre rochas marinhas: Fregatidae, Laridae...etc.

2 – Ninhos construídos sobre as rochas terrestres: Falconidae, Acipitridae.

3 – Ninhos nos buracos das rochas: Sturnidae, Apodidae.

4 – Ninhos construídos nas falésias abruptas dos rios: Motacilidae.

c) Nidificação no meio da vegetação baixa:

1 – Ninhos construídos sobre o solo úmido: Anatidae, Gruídas, etc.

2 – Ninhos construídos sobre a areia seca: Casuaridae, Struthionidae.

3 – Ninhos construídos sobre a areia úmida: Charadriidae.

4 – Ninhos construídos nas encostas dos taludes: Alcedinidae, Meropidae, etc.

d) Nidificação nas regiões pantanosas:

1 – Ninhos que flutuam sobre as águas: Jacanidae, Podicipidae.

85 Frans de Troyer, Op. Cit. p. 41

86 Apresentado in O PLANO NAS COLEÇÕES TEMÁTICAS, Revista Temática, Filatelia e Cultura n.º 147 - 1998

e) Nidificação na borda dos telhados:

1 – Hirundinidae.

f) Nidificação sobre o gelo:

1 – Spheniscidae

g) Aves que quase nunca nidificam:

1 – Alcidae

h) Aves que não nidificam:

1 – Cuculidae.

Também foram desenvolvidas coleções dedicadas a uma só animal ou família, com caráter notadamente monográfico. A classificação científica é aqui enfocada mas como um aspecto (um capítulo), entre tantos outros aspectos a serem examinados. Na linha da especificidade o americano George Guzzio elaborou a conhecida “Pingüenália”. Aqui entre nós, apesar de não ter qualquer conexão com as aves, o colecionador Maurício Silva Soares, optou igualmente pela especificidade e elaborou uma coleção intitulada “Mamíferos da Classe Ferungulata”.

Surgiram ainda, planos em que vários critérios se misturam e se sucedem, apresentando uma abordagem multifacetada, onde são focalizados sistematicamente aspectos: da classificação, da ecologia, da anatomia, dos habitats, das interações com a cultura, da simbologia, das preferências alimentares, etc.

Vejamos, a título de ilustração, dois exemplos igualmente dignos de nota:

I - “DESCOBRIR AS AVES” do suíço Fernand Martenet:

1 – Descobrir as aves:

a) A reprodução

b) Modo de nidificação

c) Modo de reprodução;

d) Cobertura do Corpo

e) Formas e utilização do bico

f) Características dos tipos de patas

Como as aves se deslocam

As Ordens.

2 – As aves e a Antártica ⁸⁷

3 – As aves do Mar

4 – As aves das praias

5 – As grandes pernaltas

6 – As limícolas

7 – As aves que arrulham

8 – Os rapaces diurnos

9 – Os rapaces noturnos;

10 – Os palmídeos;

11 – Os galináceos;

12 – As aves dos galinheiros;

13 – Os habitantes dos túneis;

14 – As aves que não voam;

15 – As aves que não nidificam;

16 – As aves trepadoras;

17 – As aves exóticas;

87 Os demais capítulos são apresentados sem considerar as suas subdivisões.

- 18 – Nadadoras aptas ao vôo;
- 19 – Os pássaros;
- 20 – Os pássaros exóticos;
- 21 – A ave como símbolo;
- 22 – Pioneiros da Ornitologia.

II - "AS AVES" do italiano Gianni Bertolini ⁸⁸

1. DO ARCHAEOPTERYX AO PÁSSARO:

- 1.1 - Os Animais dos Ares;
- 1.2 - As vinte e sete Ordens.

2. O QUE É NECESSÁRIO PARA VOAR;

- 2.1 - As penas;
- 2.2 - As várias formas do voo;
- 2.3 - A visão;
- 2.4 - O enigma da migração.

3. COMO AS AVES SE ALIMENTAM:

- 3.1 - Alimentos de todos os habitats;
- 3.2 - Mestres no mergulho;
- 3.3 - Como se nutrem os rapaces;
- 3.4 - Bicos úteis e bizarros.

4. DA SAÍDA DO OVO AO ADULTO:

- 4.1 - Do cortejo aos ninhos;
- 4.2 - Os ovos;
- 4.3 - Como são criados os filhotes.

5. PARA UM EQUILÍBRIO COM O HOMEM:

- 5.1 - A criação;
- 5.2 - O Homem, inimigo e admirador;
- 5.3 - As aves como divindades e símbolos;
- 5.4 - As aves nas artes;
- 5.5 - Os grandes nomes da Ornitologia"

9) DO JULGAMENTO

No regulamento da FIP, atualmente em vigência, o plano vale 20 num total de 100 pontos possíveis. Trata-se de um percentual deveras elevado, evidenciando a sua importância no contexto geral de uma coleção temática, mormente se levarmos em conta sua correlação com o restante da coleção. Estribados mais um vez em Geraldo:

“Um plano mal feito leva, sem dúvida alguma, a uma coleção mal feita, mas a recíproca não é verdadeira, havendo bons planos para más coleções. O plano mal elaborado compromete praticamente todos os demais itens da coleção, prejudicando-a, particularmente no seu desenvolvimento.” ⁸⁹

O SREV nos diz, no artigo 4:

*"O plano será avaliado tendo em consideração os seguintes aspectos:
- presença e adequação da página do plano;*

⁸⁸ Arrolado in O PLANO NAS COLEÇÕES TEMÁTICAS, Revista Temática, Filatelia e Cultura n.º 147 - 1998

⁸⁹ in O PLANO NAS COLEÇÕES TEMÁTICAS, Revista Temática, Filatelia e Cultura n.º 147 - 1998

- compatibilidade do plano com o título da coleção;
- subdivisão dos capítulos de forma correta, lógica e equilibrada;
- existência de todos os capítulos necessários ao desenvolvimento do plano."

9.1) Julgamento do Plano

A falta de um plano numa coleção temática é um erro primário, de elevada gravidade, e como tal é levado na devida consideração pelos juizes, com uma conseqüente severidade na punição. Frans de Troyer lembra que:

*“Os júris internacionais cortam muitas vezes duma só penada a metade dos pontos previstos para o desenvolvimento do plano.”*⁹⁰

A inconveniência de tal ausência reside na dificuldade que decorre em se identificar e avaliar o “fio condutor” da coleção, no limitado tempo que os julgadores dispõem para analisar as coleções.

A falta do plano é geralmente indicativo de pouca sistematização na estrutura da coleção.

O plano não pode ser substituído por qualquer outro elemento, por exemplo uma apresentação, ainda que esta seja bem minuciosa e extensa.

O julgamento do plano é feito mediante atenta leitura do mesmo, verificando-se a presença das qualidades antes elencadas, ou seja, se é lógico, correto, claro, a flexível, equilibrado e inovador e se dá indicação da amplitude de cada capítulo exposto.

Geraldo observa que:

*“O processo mental de análise e pontuação de um plano, por parte dos jurados, consiste na análise comparativa do plano apresentado com o que se pode elaborar com o tema escolhido e com o material já conhecido do tema, bem como na observação da intenção da abordagem efetuada, particularmente, na sua originalidade. Esta tarefa não é das mais fáceis, obrigando os jurados temáticos a possuírem uma grande cultura geral, independente dos conhecimentos específicos de Filatelia”.*⁹¹

Nos júris chega-se a um excelente resultado prático, com a integração dos conhecimentos gerais e específicos, por parte de cada um de seus componentes.

9.2) Desenvolvimento do Tema

O desenvolvimento da coleção é função direta dos limites impostos pelo plano.

Quando verificamos se a coleção é fiel ao plano apresentado e a maneira como este plano foi desenvolvido, se superficial ou profundamente, estamos realizando o julgamento do “desenvolvimento do tema”.

O estudo aprofundado do tema ou do assunto não quer dizer fazer provas de conhecimentos, aumentando a extensão dos textos. Consiste em pesquisar e apresentar o máximo de peças filatélicas de todos os gêneros, de aquisição difícil, e em relação direta com o tema ou assunto estudado.

O desenvolvimento deve ser harmônico, igualmente profundo em cada capítulo, sem inclusões forçadas de peças, na procura de uma valorização artificial da coleção.

Cada peça deve ter o seu lugar determinado pelo desenvolvimento do plano, e em princípio, não

90 Op. Cit. p. 48

91 in O PLANO NAS COLEÇÕES TEMÁTICAS, Revista Temática, Filatelia e Cultura n.º 147 - 1998

pode ser trocada sem prejudicar a fluência lógica da compreensão do que foi determinado pelo plano.

Cada peça filatélica tem seu maior valor não por si, como na coleção clássica, mas pelo seu relacionamento com a peça que a precede e com aquela que a segue no desenvolvimento de uma ideia mestra.

Avalia-se o equilíbrio das várias partes da coleção. Como já discutimos anteriormente, isto não quer dizer que todos os capítulos devam ter o mesmo número de folhas.

No julgamento dos planos em forma de tese, procura-se verificar se a tese foi bem demonstrada. Não se entra no mérito da tese em si.

The History of the Square-rigged Sailing Vessels

Ex: The Frederick R. Mayer Collection of Costa Rica

1. Let me introduce the story ...

a) ... of the legend about the sail and the Argonauts.
b) ... by letting you know what a square-sail and a square-rig is.

2. The most simple form of marine constructions ...

a) ... was initially a craft with a paddle of a flattened piece of wood.
b) ... immediately demanded the presence of a further factor, the effect of the wind upon the floating mass.
c) ... soon also demanded the invention of a means for directing the un-widely craft; a similar paddle used as a rudder.

3. The width of the crafts provided the means of employing the principles of constructions ...

a) ... during the transition period of designing the hull.
b) ... at the time when the stern-rudder was invented.
c) ... at the time when the new rigging principles were applied.

4. At the time when the world was explored ...

a) ... the vessels should be able to sail to windward and across the oceans.
b) ... the explorers used vessels built in different techniques.
c) ... the emigrant-vessels carried emigrants who colonized the new continents.

5. When the Europeans had discovered the new world, cannon fire and gun power were new principles of how ...

a) ... warships were constructed and rated.
b) ... new battle tactics were developed.
c) ... the hull and rig were designed on Frigates.

6. Trade and shipping demanded specific principles regarding the hull, rig, and size of vessels, when ...

a) ... the East-Indiamen and Packet ships sailed during the 18th century.
b) ... the Clipper ships sailed during the 19th Century.
c) ... the great oceans and small seas demanded vessels of specific design.
d) ... the Ironbarks were the last sailing vessels in commercial traffic during the 20th Century.

Total number of pages (A3-size) **64**

A square-sail is hanging athwart the vessel and is rectangular. A square-rigger is a vessel combining square-sails in its rig.

A sailing vessel was one of the first illustrations to be used as topic on postage stamps in the early classical stamp period.



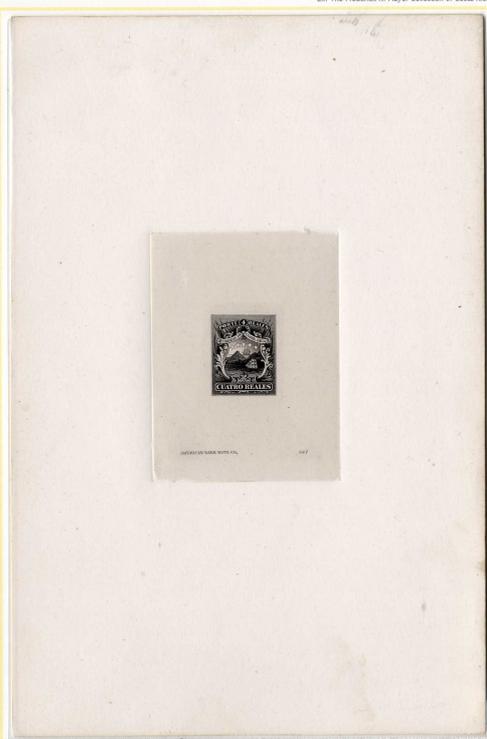
✓ 1863 4 reales plate proof in original green colour.

Philatelic treatment

Items are marked referring to their philatelic status and importance, based on records alternatively on own experience or knowledge, with ...

✓✓ ... an item of "world status", or an item regarded as a top rarity.
✓✓ ... "high importance", an item regarded as a rarity.
✓ ... "important", an item regarded as a rarity.

The purpose is to make it easy within the exhibit, to "identify" the most significant items from a philatelic/postal history point of view.



✓✓ 1863, 4 reales large die proof on India paper, one of four stamps belonging to Costa Rica's first issue.

9.3) Amplitude de uma Coleção

A amplitude da coleção significa o número de folhas que ela comporta, onde deverá apresentar um desenvolvimento claro e completo do tema proposto.

Com o decorrer dos anos e por ocasião das sucessivas revisões do regulamento das coleções temáticas, este item foi tendo sua valorização gradativamente diminuída.

Desta feita, o primeiro Regulamento estabelecido pela FIP, em 1958 (Congresso de Bruxelas), a amplitude valia 20 pontos. No Regulamento FIP-FIPCO, estabelecido pelas Comissões de Contato FIP-FIPCO e aprovação pela União Mundial São Gabriel (01/10/1961), o valor da amplitude caiu para 15 pontos.

No regulamento de 1966 (27/09/66), a "extensão da coleção" continuou no mesmo patamar.

No regulamento que lhe sucedeu, em 1972 (Congresso de Bruxelas), a amplitude da coleção

diminuiu para apenas 5 pontos.

O atual regulamento, por sua vez, não mais o contempla, como item específico, não lhe reservando qualquer pontuação.

Esta gradativa redução, até o atual zeramento, é explicada pelo fato de que, com o passar dos anos, tornou-se muito mais fácil formar uma coleção extensa. Atualmente, o material emitido pelas diversas administrações postais e portanto à disposição do colecionador é muito abundante e diversificado. Um quadro bem diferente daquele vigente 30 anos atrás.

É sabido que as folhas apresentadas numa exposição constituem apenas uma seleção que, desenvolvendo o tema, de maneira perfeitamente compreensível e lógica, possam exibir as melhores, as mais importantes e mais significativas peças do conjunto.

Durante certo tempo, permitiu-se que algumas folhas complementares pudessem ser postas à disposição do júri para exame.

Posteriormente, como o processo não se demonstrava prático, aconselhou-se a indicação do plano, em relação a cada capítulo, do total de folhas que o compõem, paralelamente ao do número de folhas expostas, conduta hoje também abandonada.

Para ser exibida numa exposição, hoje, a coleção dispõe de 80 a 160 folhas e deverá ser dimensionada de acordo com estes limites, que lhe são concedidos por ocasião da inscrição. E é unicamente este conjunto que será avaliado e julgado.



Apesar de não ter mais a previsão de uma pontuação, os julgadores acabam alçando mão desta conceituação, quando investidos na função de análise de uma exibição. Para tanto dois critérios vêm a baila:

I – **Critério filatélico:** O material exposto é comparado com as possibilidades filatélicas teóricas, isto é, confronta-se a enorme massa de material disponível, com aquela que consta da exibição. Desta feita, será fácil determinar se a seleção exibida utiliza-se unicamente de material recente, pouco representativa ou se certos elementos filatélicos faltam (ausência das peças clássicas ou adoção de uma concepção selista, com insuficiente uso de inteiros, telegramas, ...), ou se estes estão insuficientemente representados. Troyer observa:

*“... olhar para o que a coleção oferece e pensar em tudo o que poderia ainda ser adicionado, o que se tornará ainda mais claro, se durante a exposição temas idênticos são retomados num mesmo grupo.”*⁹²

92 Op. cit., p. 53

Mahatma Gandhi: His Life and Legacy

When the subject of a thematic exhibit is a personality, the natural order for an exhibit plan is expected to be chronological. The story line presented here is an attempt to explore two facets:

(1) events that shaped Gandhi's life and ideals and (2) our historical perceptions of the same.

These events and perceptions are grouped into logical blocks and a semblance of chronological order has been maintained within each group, when deemed necessary to organize the story.

1. Title, Plan	2	8. The Final Days	5
2. Early Years	4	a. Partition and Independence [1947]	
a. Birth [1869]		b. His Last Fast [1948]	
b. Family and Early Schooling [1869-87]		c. The Assassin's Bullet [1948]	
c. Student in England [1888-91]		9. The Morning After: Memorialized in India	2
3. Legal Professional	4	10. India After Gandhi	6
a. Early Years as a Lawyer [1891-93]		a. First Death Anniversary [1949]	
b. Business Lawyer in Transvaal [1893-96]		b. Carrying the Torch [1948-]	
c. Lawyer Turned Activist in Natal [1896-1902]		c. Free India Stands ... for World Peace [1949-69]	
4. Participant in Wars	6	d. For Mutual Annihilation [1998]	
a. Anglo-Boer War [1899-1902]		e. Neighbors: Ceylon, Nepal & Tibet	
b. Natal's Zulu Rebellion [1906]		11. Lasting Impressions	5
c. First World War [1914-18]		a. The Modest Attire and the Spinning Wheel	
d. Second World War [1939-45]		b. The Flag and the Zodiac	
5. Political Organizer & Negotiator	11	c. Vegetarianism and Animal Rights	
a. Natal Indian Congress [1894-14]		12. No Man is an Island	5
b. Indian National Congress [1897-1948]		a. Those who Shaped his Thoughts	
c. First Indian Round Table Conferences [1930]		b. Adversaries and Associates	
d. Second Indian Round Table Conferences [1931]		c. Friends and Admirers	
6. Architect of Civil Disobedience	21	d. Followers and Adherents	
a. Satyagraha in Southern Africa [1907-14]		13. Inspiration and Legacy	10
b. Swadeshi Movement-Boycotting Imports [1906-35]		a. Anti-War Movements [1940-]	
c. Boycott of KCV Coronation in Durban [1911]		b. Anti-Apartheid Movement [1946-]	
d. Untouchability - Harijan Movement [1916-34]		c. African Nationalist Movements [1950-]	
e. Fighting for Peasants' Rights [1917-18]		d. Pan Arab Nationalism [1918-]	
f. Boycott of Prince of Wales Royal Visit [1921-22]		e. Civil & Workers' Rights in the Americas [1960-]	
g. The Simon Commission Boycott [1928]		f. Fighting Totalitarianism in Central Europe [1960-]	
h. Dandi March - Against Salt Tax [1930]		g. The Indian Diaspora [1830-]	
i. Separate Electorates & Provinces [1932-42]		14. Lip Service and More	11
j. The Quit India Movement [1942-47]		a. The Centennial Rebirth [1969]	
k. Boycott of WWII Victory Celebrations [1945]		b. Service, Duty and Community	
7. Social Experimenter	3	c. Race, Religion and Humanity	
a. Life in Ashrams [1904-48]		d. Non-Violence, Human Rights and Peace	
b. Fasting for Legal & Social Reform [1911-48]		e. Monuments, Memorials, Shows & Seminars	
		15. Conclusion	1
		Total Number of Pages	96

II – **Critério temático:** Será verificado se o tema foi ou não desenvolvido de maneira muito simplista e se foram omitidos ou não pormenores importantes no tratamento deste. Lembramos que no quesito amplitude qualquer tema deverá ser desenvolvido de forma o mais completo possível, abordando a temática de forma clara nos seus mais variados aspectos, pormenores e peculiaridades.

10) OUTROS EXEMPLOS DE PLANOS

Além dos planos já apresentados, no curso deste texto, julgamos oportuno, ainda movidos por razões estritamente didáticas, como conclusão, trazer a baila outros exemplos. A escolha não tem por estribo o grau da coleção ou seu mérito, ou a pessoa do colecionador, mas face à variedade de temas que encerraram, trazer subsídios ao maior número de leitores possíveis, nas mais variadas temáticas. Sublinhamos que muito destes planos foram publicados na internet ou em fontes bibliográficas antigas, estrangeiras ou de tiragens deveras reduzidas, outros ainda foram gentilmente cedidos pelos proprietários, sem nunca terem perfilado em revistas ou publicações. Lembramos que estes planos, na sua esmagadora maioria, já passaram pelo crivo das exposições competitivas, enquanto outros foram idealizados teoricamente por especialistas. Os créditos e algumas circunstâncias, tais como premiações, são devidamente atribuídos, quando possível, em notas de rodapé. Eis:

1) DIREITO E JUSTIÇA ⁹³

- 1 – Da Concepção da Justiça e das Leis
 - 1.1 – Os Filósofos do Direito
 - 1.2 – Símbolos e Alegorias da Justiça
- 2 – Da Feitura das Leis
 - 2.1 – Legisladores e Reformadores
 - 2.2 – Palácios Legislativos
 - 2.3 – Assembleias Legislativas
 - 2.4 – As Leis
- 3 – Da Aplicação das Leis
 - 3.1 – Os Juristas
 - 3.2 – Tribunais
 - 3.3 – Julgamentos
- 4 – Da Execução das Leis
 - 4.1 – Penas Privativas da Liberdade
 - 4.2 – Penas Corporais
 - 4.3 – Pena de Morte
- 5 – Da Libertação e Reabilitação
 - 5.1 – Os Libertos e os Reabilitados
 - 5.2 – Institutos de Reabilitação
- 6 – Organismos Policiais
 - 6.1 – Polícias
 - 6.2 – Congressos Policiais
- 7 – Congressos e Institutos Jurídicos

2) A COEXISTÊNCIA ENTRE O HOMEM E AS AVES ⁹⁴

- Parte 1 - O Homem e as Aves compartilham o mundo e coexistem sob as condições do Homem.
- 1.1 - A Arca de Noé - o primeiro relatório escrito sobre a coexistência entre o Homem e as Aves.
 - 1.2 - Mas habitamos e compartilhamos o mundo muito mais cedo.
 - 1.3 - E agora, muitas vezes, vivemos muito próximos uns dos outros.
- Parte 2 - O Homem sempre tem feito uso da abundância de aves selvagens na Natureza.
- 2.1 - A procura e caça para alimento.
 - 2.2 - Algumas aves são particularmente apropriadas para a alimentação do Homem.
 - 2.3 - Usando penas de aves selvagens como adorno.
 - 2.4 - Uso do guano.
- Parte 3 - Ele domesticou algumas para assegurar fácil acesso ao alimento.
- 3.1 - O Homem e as Aves possuem habilidades diferentes.
 - 3.2 - O Homem usou sua superioridade intelectual para domesticar algumas aves.
 - 3.3 - A criação de aves domésticas.
 - 3.4 - Aves domésticas usadas na Gastronomia.
 - 3.5 - Produção de ovos e vários usos.
 - 3.6 - Alguns usos das penas de aves domésticas.
- Parte 4 - E além disso ele usa algumas para várias outras finalidades.
- 4.1 - Usando aves de rapina treinadas para a caça.
 - 4.2 - Usando galos para as brigas de galo.

93 in http://www.girafamania.com.br/introducao/amigos_colecionadores_geraldo.html

94 Do dinamarquês Leif W. Rasmussen, medalha de ouro na "Itália 98" citada no artigo Originalidade nas Coleções Temáticas, Ruben Reis Kley, in <http://www.clubefilatelico do brasil.com.br/artigos/filatematica/klei.htm>

- 4.3 - Usando camarões para a pesca.
- 4.4 - Usando pombos-correio.
- Parte 5 - Ele caça aves e gosta de observá-las no cativeiro.
 - 5.1 - O desejo para manter as aves.
 - 5.2 - Aves domésticas criadas por razões ornamentais.
 - 5.3 - Caçadores de aves selvagens e comerciantes.
 - 5.4 - Criando as aves de gaiola.
 - 5.5 - Criando aves no zoológico.
- Parte 6 - Mas ele gosta também de observá-las na natureza.
 - 6.1 - Observação das aves.
 - 6.2 - Algumas aves têm certas características diferentes.
 - 6.3 - Localidades foram denominadas após as aves terem ali vivido.
- Parte 7 - Muitas destas atividades influenciam a vida das aves.
 - 7.1 - Agricultura, silvicultura e outras formas de influência sobre o meio ambiente.
 - 7.2 - Progressos tecnológicos do Homem causam muitos perigos às Aves.
 - 7.3 - Efeitos da introdução de outros seres vivos nos Novos Continentes.
 - 7.4 - A poluição é uma carga pesada.
 - 7.5 - Mas também podemos dar uma mão...
- Parte 8 - E ele agora realiza esforços para recriá-las e preservar o equilíbrio da Natureza.
 - 8.1 - Parque naturais e santuários de aves são estabelecidos.
 - 8.2 - Esforços são feitos para a proteção das águas e dos pântanos.
 - 8.3 - Sociedades ornitológicas e Legislação para a Caça.
 - 8.4 - Temos de formar a base de uma futura coexistência entre o Homem e as Aves.

3) BACO⁹⁵

1. INTRODUÇÃO

- 1.1 O mito de Baco
- 1.2 O vinho desde sempre
- 1.3 O símbolo

2. A VITIS VINIFERA

- 2.1 O habitat
- 2.2 A morfologia
- 2.3 O cacho
- 2.4 A vindima
- 2.5 A Pisadura

3. O VINHO

- 3.1 O envelhecimento
- 3.2 A degustação
- 3.3 Os vinhos célebres
- 3.4 Os derivados do vinho
- 3.5 O vinho de mesa

4 O HOMEM E O VINHO

- 4.1 A atividade de tutela
- 4.2. A atividade de promoção
- 4.3 O comércio
- 4.4 O alcoolismo, doença social

95 Do Engenheiro Gino Bellio, in Elementos Temáticos de uma coleção, Nino Barberis e outros, ABRAFITE, 1978.

4) NAVIOS E NAVEGAÇÃO ⁹⁶

1. ABC DA NAVEGAÇÃO
2. NAVIOS DOS POVOS (análise do desenvolvimento das embarcações segundo um critério histórico-geográfico)
3. NAVEGADORES E DESCOBRIDORES
4. TIPOS DE EMBARCAÇÕES
5. PORTOS
6. FARÓIS
7. A NAVEGAÇÃO
8. NAVIOS DE GUERRA
9. NAVIOS-HOSPITAL
10. SOCIEDADES DE NAVEGAÇÃO
11. ESTALEIROS NAVAIS
12. NAVIOS E NAVEGAÇÃO NA ARTE
13. CONSTRUÇÕES NAVAIS
14. NAVIOS E NAVEGAÇÃO NA HERÁLDICA
15. NAVIOS E NAVEGAÇÃO NA RELIGIÃO
16. CORREIO MARÍTIMO

**5) OS PELOS DO ROSTO** ⁹⁷

- 1 - Classificando os pelos do rosto.
 - 1.1 - Bigodes
 - 1.2 - Costeletas
 - 1.3 - Barbas
- 2 - Um resumo dos tipos de pelos do rosto.
 - 2.1 - Bigodes
 - 2.2 - Costeletas
 - 2.3 - Barbas
- 3 - Simbolismo da Barba.
 - 3.1 - Histórico:
 - Homem primitivo
 - Maturidade, Sabedoria e Força
 - Fertilidade
 - O Teatro Grego e Deuses romanos
 - Cristianismo
 - 3.2 - Religiões:
 - Missionários do século XIX
 - Chefes de tribos do Pacífico

96 Este plano é proposto por Ernest Schlunegger, autor da publicação *Navios e Navegação*, editada pela associação temática suíça SMV e disponibilizada in *Elementos Temáticos de uma coleção*, Nino Barberis e outros, ABRAFITE, 1978.

97 Do australiano John A Sinfield, coleção que obteve medalha de ouro grande na "Itália 98". Ruben Reis Kley observa que: "Esta participação analisa os pelos do rosto dos homens - bigodes, costeletas e barbas. Vários tipos e estilos são considerados bem como o seu simbolismo e mudanças periódicas de acordo com a moda volúvel. As personalidades barbadas são agrupadas de acordo com seus tipos de pelos faciais, ressaltando-se o processo de envelhecimento. São considerados, igualmente, a evolução da navalha e da gilete, os progressos na rotina da lavagem diária e os acessórios e loções para os cuidados dos pêlos do rosto na higiene pessoal." (Originalidade nas Coleções Temáticas, in <http://www.clubefilaticodobrasil.com.br/artigos/filatematica/klei.htm>)

- 3.3 - Fábulas e Folclore:
 - Papai Noel
- 3.4 - Considerações práticas:
 - Sedução
 - Clima
- 4 - A Moda dos pelos do rosto através dos tempos.
 - 4.1 - Introdução
 - 4.2 - Civilizações antigas:
 - O cavanhaque egípcio
 - A barba em camadas da Mesopotâmia
 - Culturas da Idade do Bronze
 - A barba dos patriarcas hebreus
 - A barba crespa dos gregos
 - Os gregos tardios
 - A barba dos romanos tardios
 - 4.3 - A Idade Média:
 - A barba dos vikings
 - A igreja
 - A Monarquia
 - 4.4 - Os séculos 15 a 17:
 - Barbas redondas
 - Barba catedral
 - O estilo Van Dyck
 - Ponta na frente ("Pique devant")
 - Espada espanhola
 - 4.5 - O abandono da barba:
 - O imposto russo sobre a barba
 - Perucas para homens e mulheres
 - 4.6 - O Século 19
 - Costeletas
 - Costeletas de carneiro
 - "Weepers"
 - Barba à Francisco José
 - Barba olímpica
 - Barba em rabo-de-andorinha
 - Barba imperial
 - 4.7 - A moda atual:
 - O estilo pires
 - A barba naval
 - À bode
 - Barba cheia
 - Bigodes de pontas caídas ou de morsa
- 5 - Barbados famosos.
 - 5.1 - Introdução
 - Status e profissões
 - Estadistas
 - Os militares
 - Os artistas

5.2 - Barbas aparadas:

- Cristóvão Colombo
- Rei Carlos I (Romênia)
- Ferdinand von Mueller
- Robert Koch
- Louis Pasteur
- Heinrich von Stephan
- Rei Jorge V

5.3 - Estilos de barbas:

- William Shakespeare
- Rembrandt Van Rijn
- Abel Tasman
- Imperador Luís Napoleão
- Tzar Ferdinando, I

5.4 - Barbas longas:

- Theodor Herá
- Johann Gutenberg
- Leonardo Da Vinci
- Rei Gustav Vasa
- Príncipe Luitpold

5.5 - Bigodes:

- Rei Jorge I
- Charles Chaplin.
- Henry Lawson

5.6 - Envelhecendo graciosamente:

- Dom Pedro II
- Karl. Marx
- Jean-Henri Dunant
- Alexander Graliam. Bell
- Imperador Francisco José
- Gerhard Armaner Hansen

6 - Cuidado dos pêlos do rosto.

6.1 - Meios químicos:

- Loções para o crescimento
- Tingindo a barba

6.2 - Acessórios para barbear

6.3 - A evolução da Navalha:

- Primeiras improvisações
- A navalha recta
- Tosquiadores
- O aparelho de gilete
- A Gillete Company
- A Companhia Francesa Fênix
- Modelos domésticos
- Barbeador eléctrico
- Melhoramentos do aparelho de gilete
- Lâminas descartáveis

6.4 - Lâminas e afiadores de navalhas

- 6.5 - Água e sabão
- 6.6 - Pincéis e cremes
- 6.7 - Colônias e loções
- 6.8 - O barbeiro

6) **MEUS AMIGOS GORDOS** ⁹⁸

1 - Eu

Uma vida de estudo e aprendizado

2 - Eles.

- O obeso
- Definição e contexto da obesidade
- Sofrimento

3 -Antigamente.

- Conceito de obesidade no passado

4 -Atualmente.

- Conceitos e necessidades atuais

5 - Porquê?

Razões para o aumento do peso:

- a) Hábitos alimentares errados;
- b) Vida sedentária;
- c) Atividades sociais - Festas.

6 - Atenção.

- a) Consequências da obesidade para a saúde;
- b) Associação com o tabaco.

7 - Nunca é tarde.

- Como prevenir e tratar a obesidade:

7.1 - Brincando;

- Exercício físico

7.2 - Comendo:

- a) Locais e instrumentos do "crime";
- b) Os diferentes tipos de alimentos e sua ação.

7.3 - Doendo:

- Tratamento clínico e cirúrgico

8 - Nem oito nem oitenta.

- Ideia de equilíbrio
- Conselhos práticos

9 - Valeu a pena?

- a) Resultados positivos do tratamento

98 Do português Manuel Eduardo Azevedo Pizarro Portocarrero, que obteve as seguintes premiações: "PORTO 1993"- Nacional Portuguesa - Prata Grande, "EXFILNA 1995"- Nacional Portuguesa - Vermeil, "ITÁLIA 1998"- Vermeil, "LUBRAPEX 2000"- Ouro (<http://www.fpf-portugal.com/palmaresfpftematica.htm>). Segundo assinala o próprio autor: "Tive sorte de tomar-me um médico especializado em Endocrinologia e Nutrição. Um grande número de pacientes, que atendo em minha prática diária, são obesos. Está certo que a obesidade é uma doença, além disso tem o potencial de facilitar o desenvolvimento de patologias. O problema não é somente físico mas psicológico e leva ou deveria levar a um estreito relacionamento médico-paciente. Portanto, com tempo e reflexão prática, resultados encorajadores podem ser obtidos e, em consequência, levar a uma vida melhor, com crescente bem-estar físico e clínico. Assim é como encaro o problema e o ilustro, tanto quanto possível, num estilo didático, por meio dos selos. O sofrimento das pessoas gordas, o porquê e as causas de sua obesidade, sua evolução, conselhos e complicações são examinados. Resumidamente, é dada uma perspectiva geral, mas simples, da obesidade. Esta será uma oportunidade para saber algo das ansiedades e dos problemas de meus amigos gordos". (citada no artigo Originalidade nas Coleções Temáticas, Ruben Reis Kley, in <http://www.clubefilaticodobrasil.com.br/artigos/filatematica/klei.htm>)

b) A necessidade de informar o público

7) O IDEAL OLÍMPICO⁹⁹

I - ANTIGÜIDADE: GRÉCIA - 784 a.C. / 393 d.C.

1 - PANORAMA HISTÓRICO

1.1 - Nasce o ideal olímpico

1.2 - Definição

1.3 - A Grécia Olímpica

2 - LOCAL

2.1 - Olímpica

2.2 - Templos

2.3 - Instalações técnicas

3 - PROGRAMA

3.1 - Atletas

3.2 - Juízes

3.3 - Disciplinas

4 - CERIMÔNIAS

4.1 - Juramento

4.2 - Chama

4.3 - Vitória

5 - INTERFERÊNCIAS POLÍTICAS

5.1 - Decadência

5.2 - Suspensão

II - ERA DE TRANSIÇÃO (INTERMEDIÁRIA): 393 d.C. / 1894 d.C.

1 - QUASE 25 SÉCULOS SOB AS CINZAS

1.1 - Manifestações diversas

III - ERA MODERNA; 894 d. C. /

1 - RESSURGE O IDEAL OLÍMPICO

1.1 - Coubertin

1.2 - Comitê Olímpico Internacional

1.3 - Os primeiros Jogos

1.4 - Lema / Símbolo / Bandeira

2 - NOVA ORGANIZAÇÃO

2.1 - Definição

2.2 - COI / DON

2.3 - Recompensas olímpicas

3 - COMO SE ORGANIZAM OS JOGOS

3.1 - Escolha da sede

3.2 - Comitê Organizador

3.3 - Financiamento / Divulgação

3.4 - Instalações técnicas

4 - PROGRAMA

4.1 - Cerimônias

4.2 - Disciplinas

4.3 - Atletas / Juízes

4.4 - Vitória

4.5 - Atividades paralelas

99 De Geraldo de Andrade Ribeiro Júnior, apresentado in O PLANO NAS COLEÇÕES TEMÁTICAS, Revista Temática, Filatelia e Cultura n.º 147 - 1998

IV - A POLÍTICA E O IDEAL OLÍMPICO

1 - DE ATENAS A BARCELONA: O IDEAL X A POLÍTICA - O MUNDO OLÍMPICO ATUAL

1 - O MUNDO OLÍMPICO ATUAL

- 1.1 - Profissionalismo
- 1.2 - Mercantilismo
- 1.3 - O show olímpico
- 1.4 - A preparação do atleta
- 1.5 - O limite humano
- 1.6 - Dopagem

2 - O IDEAL É IMORTAL

- 2.1 - Um ideal de paz
- 2.2 - Conclusão.

8) **EU, A ABELHA** ¹⁰⁰

INTRODUÇÃO

COMO ME CHAMAM

SOU FILHA DE RAINHA

- rainha, zangão

PARENTES TENHO MUITOS

- classificação
- superfamília Apóidea

SOU ELEGANTE

- anatomia

MORO NA COLMÉIA

- estrutura
- tipos de colmeia
- habitantes

TRABALHO DE SOL A SOL

- polinização
- plantas melíferas
- produtos da colmeia
- apicultura fixista e migratória

MINHA VIDA É OBJETO DE ESTUDO

- congressos apícolas

FAÇO CURAS

- apiterapia

PROTETORES OU EXPLORADORES

- os apicultores
- instrumentos apícolas

TAMBÉM TENHO INIMIGOS

- plantas carnívoras
- insetos e aranhas
- répteis e anfíbios
- aves e mamíferos

100 De Hélon de Mello e Oliveira, suas premiações: BRAPEX 1996 - Prata Grande e LUBRAPEX 1997 – Prata Grande. (in http://www.girafamania.com.br/introducao/amigos_colecionadores_helion.html). Acerca da temática abelha consultar: Les marques de censure des camps de prisonniers de guerre allemands, 11 juillet 2004 (in <http://www.phila-colmar.org/Les-marques-de-censure.html>)

- o fogo e inseticidas
- ACABEI VIRANDO EMBLEMA
 - heráldica
 - marcas comerciais
- MINHAS QUALIDADES ARTÍSTICAS
 - na arquitetura
 - na literatura
 - na música, etc
- ÀS VEZES SOU ATÉ HOMENAGEADA
 - toponímia



9) O AUTOMÓVEL ¹⁰¹

O Automóvel - A invenção que mudou o Mundo

1 - Do Sonho à Realidade:

1. 1 - Precusores e Inventores:

1. 1. 1 - As origens do Automóvel;

1. 1.2 - O nascimento do Automóvel.

2 - A concretização do Sonho:

2.1 - Indústria automobilística:

2.1.1 - Na Europa;

2.1.2 - Na América;

2.1.3 - Fusão e associação de Firmas.

2.2 - Indústrias associadas:

2.2.1 - Indústria de Bicicletas;

2.2.2 - Indústria de Pneumáticos;

2.2.3 - Indústria de Motores;

2.2.4 - Indústria de Carrocerias e Chassis;

101 do português Eduardo José Moreira Oliveira e Sousa, suas premiações: "INTER-PORTUGAL 1995"- Luso-Alemã - Ouro+PE, "PHILAIBERIA 1995"- Bilateral - Ouro+Pr.Espanha, "LUBRAPEX 1995"- Bilateral - Ouro+PE, "ESPAMER 1996"- FEPA/FIAF - Vermeil Gd., "PORTIMÃO 1996" - Nacional - Ouro+Pr.Tem., "PACIFIC 1997"- Mundial - Vermeil, "PHILAIBERIA 1997"- Bilateral - Ouro+Pr.Tem., "MOSCOW 1997"- Mundial - Vermeil Gd., "INDEPEX 1997"- Mundial -Vermeil, "ISRAEL 1998"- Mundial - Vermeil Gd., "PORTUGAL 1998"- Internacional - Ouro, "ITÁLIA 1998"- Mundial-HP.Tem.Lit. - Ouro, "ESPAMER 1998" - Ouro+PE, "IBRA 1999"- Internacional - Ouro, PHILEXFRANCE 1999"- Mundial - Ouro, "THE STAMP SHOW 2000"- Mundial - Ouro, "ESPANHA 2000"- Mundial - Ouro, "LISBOA 2000"- Nacional - Ouro Gd.+Pr.Tem., "FILAMOZ 2001"- Luso-Esp.Td.Tem - Ouro Gd+Pr.Esp, "BELGICA 2001"- Ouro, "PHILANIPPON 2001"- Vermeil Gd.+EP, "EXFILNA 2001"- Nacional Espanha - Ouro Gd, "PHILAKOREA 2002"- Ouro. (in <http://www.filateliamosaico.com.br/filateliadidatica2.htm>)

- 2.2.5 - Indústria de Equipamentos eléctricos;
- 2.2.6 - Indústria de Acessórios e Componentes.

3 - A Utilização da Realidade:

3.1 - Classificação dos Veículos:

- 3.1.1 - Veículos leves;
- 3.1.2 - Veículos pesados;
- 3.1.3 - Veículos esportivos;
- 3.1.4 - Veículos especializados;
- 3.1.5 - Miniaturas e Brinquedos.

3.2 - Comércio e Divulgação:

- 3.2.1 - Firmas interligadas;
- 3.2.2 - Meios publicitários.

4 - A Realidade do Sonho:

4.1 - A Circulação do Automóvel:

- 4.1.1 - Nas cidades;
- 4.1.2 - Nas vias de Comunicação.

4.2 - Consequências do Trânsito:

- 4.2.1 - Consumo de Energia;
- 4.2.2 - Poluição do Meio Ambiente;
- 4.2.3 - As interrupções da circulação;
- 4.2.4 - Os acidentes.

10) AMIGO, E ... FIEL ¹⁰²

INTRODUÇÃO

MINHAS ORIGENS

- Surgimento das minhas raças
- Desenvolvimento das minhas raças
- Pontos que me caracterizam

A SERVIÇO DO HOMEM

- O pastoreio e a vida rural
- A caça
- A guarda e a defesa
- Na vida do carteiro
- Salvamento
- Polícia
- Forças armadas
- Guia de cegos
- Meios de transporte
- Explorações polares
- Viagens espaciais

SAÚDE E DOENÇAS

- Sinais de saúde
- Veterinária
- Higiene
- Doenças infecciosas

SEU MELHOR AMIGO

- Crianças

102 Dedicada ao tema cachorro de propriedade de Adolar Klemke de Blumenau, Santa Catarina. A coleção obteve prata na Floripa 2008

Lazer
Idosos e enfermos
Escoteiros
Sou lembrado
Meu reconhecimento oficial
Proteja-me

NAS MÃOS DO ARTISTA E DO ESCRITOR

Pintura

MINHAS RAÇAS

11) A FLORESTA E A MADEIRA ¹⁰³

1. A FLORESTA
2. A ÁRVORE COMO SÍMBOLO
3. MAPAS FLORESTAIS
4. NASCIMENTO DAS FLORESTAS, PLANTAÇÕES
5. PESSOAL FLORESTAL
6. FUNÇÃO DIRETA E INDIRETA DA FLORESTA
7. TIPOS DE FLORESTAS
8. ESSÊNCIAS FLORESTAIS
9. VEGETAÇÃO DO BOSQUE
10. CULTIVAÇÃO DO BOSQUE
11. TRANSPORTE
12. UTILIZAÇÃO DA MADEIRA
13. PRODUTOS SECUNDÁRIOS
14. INIMIGOS DAS FLORESTAS
15. ANIMAIS DAS FLORESTAS
16. PREDADORES
17. PÁSSAROS INTERESSANTES
18. CAÇA
19. UTENSÍLIOS PARA O TRABALHO COM A MADEIRA
20. USOS DA MADEIRA

12) ELETRICIDADE ¹⁰⁴

1. INTRODUÇÃO
2. A CIÊNCIA
 - Eletrostática
 - A corrente
 - Magnetismo
 - Eletrônica
 - Ondas eletromagnéticas
3. A TÉCNICA
 - Produção de energia
 - Transporte e transformação
4. AS CONQUISTAS
 - Telecomunicações
 - Telégrafo / Telefone

103 Do engenheiro Suíço Jean-Louis Nagel, in Elementos Temáticos de uma coleção, Nino Barberis e outros, ABRAFITE, 1978.

104 Sugerido pelo engenheiro Vincenzo Mento, in Elementos Temáticos de uma coleção, Nino Barberis e outros, ABRAFITE, 1978.

- Cinematografia
- Rádio e Televisão
- Radar

5. AS APLICAÇÕES

- na vida cotidiana
- na indústria
- nos transportes

13) **A AGRICULTURA** ¹⁰⁵

1. INTRODUÇÃO

2. ÂMBITOS, GÊNEROS DE CULTURA, ESCOLAS DE AGRICULTURA, ETC.

- exposições agrícolas
- âmbitos de agricultura
- a fazenda agrícola
- escolas de agricultura e centros experimentais
- caixa econômica agrícola
- gêneros e cultura
- metodologia, influência da água, proteção contra os ventos

3. PLANTAS CULTIVADAS (para a alimentação e para a indústria)

4. ANIMAIS DOMÉSTICOS (compreendidos aqueles utilizados para fins diversos – insetos, peixes, lesmas, cobras, etc.)

5. INIMIGOS DA AGRICULTURA E A LUTA CONTRA OS MESMOS

6. SELEÇÃO E APRIMORAMENTO DAS RAÇAS ANIMAL E VEGETAL

14) **ORIGEM, DESENVOLVIMENTO E DIFUSÃO DO JOGO DE FUTEBOL** ¹⁰⁶

1. AS ORIGENS, do futebol florentino ao moderno futebol

2. O REGULAMENTO: as 17 regras e normas

3. TORNEIOS E COPAS (abordados por continentes)

4. ENCONTROS INTERNACIONAIS: clubes e seleções nacionais em confronto

5. Os “AZZURRI”: A Itália no campo internacional

6. VENCEDORES OLÍMPICOS: O futebol nas olimpíadas

7. A COPA DO MUNDO

8. ACONTECIMENTOS: as sociedades futebolísticas e a afirmação do futebol

9. PROPAGANDA

- Federações nacionais
- informações, exposições
- as loterias exportivas

15) **O CAMINHO DE FERRO** ¹⁰⁷

105 Do engenheiro Suíço Jean-Louis Nagel, in Elementos Temáticos de uma coleção, Nino Barberis e outros, ABRAFITE, 1978.

106 De Jorge Sini, in Elementos Temáticos de uma coleção, Nino Barberis e outros, ABRAFITE, 1978. Ao se referir a uma coleção do tema futebol Frans de Troyer observa em tese: “Quantos colecionadores de 'football' mostram-nos escrupulosamente os diversos campeonatos, a taça Jules Rimet e os Jogos Olímpicos, com as datas necessárias e os nomes das equipes vencedoras. Todavia não vi senão uma só coleção ilustrando o jogo e indicando o papel dos jogadores e descrevendo as fases do jogo. Esta coleção foi desenvolvida como segue:

- a equipe;
- o guarda redes defendendo o seu objetivo;
- os defesas no campo da defesa
- os médios necessários à construção do jogo;
- os atacantes;
- a finalidade.” (in Op. Cit., p. 25)

1. Nascimento e desenvolvimento da locomotiva
 - 1.1. O princípio do vapor
 - 1.2. Os inventores
 - 1.3. Os construtores
 - 1.4. Os pioneiros
 - 1.5. A primeira locomotiva utilizável
 - 1.6. A tração a vapor
 - 1.6.1. A locomotiva a vapor
 - 1.6.2. Os trens a vapor
 - 1.7. A tração elétrica
 - 1.7.1. A locomotiva elétrica
 - 1.7.2. O trem elétrico
 - 1.7.3. A motora elétrica
 - 1.8. A tração diesel
 - 1.8.1. A locomotiva diesel
 - 1.8.2. O trem diesel
 - 1.8.3. A motora diesel
 - 1.9. Os últimos melhoramentos
 - 1.9.1. O monorail
 - 1.9.2. O turbotrem
 - 1.9.3. O aerotrem
2. O carroto
 - 2.1. As carruagens de passageiros
 - 2.2. As carruagens de mercadorias
 - 2.2.1. As mercadorias de colheita
 - 2.2.2. Os materiais sob forma de pó
 - 2.2.3. Os materiais a granel
 - 2.3. As carruagens postais
 - 2.4. As carruagens sanitárias
 - 2.5. Os vagões cisternas
 - 2.6. Os vagões especiais
3. A infra-estrutura: instalações
 - 3.1. Os rails
 - 3.2. O arranjo dos trajetos
 - 3.3. A colocação dos rails
 - 3.4. A eletrificação
 - 3.5. As guaritas dos agulheiros, os sinais, as barreiras
 - 3.6. Os túneis
 - 3.7. As pontes e os viadutos
 - 3.8. Manutenção, os hangares das locomotivas
 - 3.9. Os edifícios dos caminhos de ferro
4. As linhas
 - 4.1. A inauguração duma linha
 - 4.2. A instauração duma linha
 - 4.3. A rede
 - 4.4. O jubileu duma linha
 - 4.5. O jubileu dum trajeto

- 5. Instalações especiais
 - 5.1. Os ferry
 - 5.2. Os ônibus
 - 5.3. O funicular
 - 5.4. O metrô
 - 5.5. As linhas industriais e portuárias
 - 5.6. As linhas de montanha e de cremalheira
 - 5.7. As linhas privadas
 - 5.8. As linhas de rua
 - 5.9. Hobby
 - 5.9.1. Os comboios de brinquedos
 - 5.9.2. Modelos
 - 5.9.3. Brinquedos
 - 5.9.4. O comboio na pintura
- 6. O pessoal
 - 6.1. Nas estações
 - 6.1.1. O chefe de estação
 - 6.1.2. Os carregadores
 - 6.2. O pessoal do trem
 - 6.2.1. O maquinista condutor
 - 6.2.2. O condutor
 - 6.3. Os ferroviários
 - 6.4. Outro pessoal
 - 6.5. Organizações
 - 6.5.1. Sindicatos
 - 6.5.2. Entre ajuda social
 - 6.5.3. Cultura e desporto
 - 6.5.4. associações de filatelistas ferroviários
- 7. Cooperação internacional
 - 7.1. Congressos
 - 7.2. Conferência dos ministros das comunicações
 - 7.3. Horários-conferências
 - 7.4. Conferências técnicas
 - 7.5. Exposições
 - 7.6. Dias dos caminhos de ferroviários
 - 7.7. U.I.C.
- 8. Economia
 - 8.1. A exploração do caminho de ferro
 - 8.2. Gestão e recrutamento
 - 8.3. Expedição
 - 8.4. Agências de viagem
 - 8.5. Caminhos de ferro e correio
 - 8.6. Caminhos de ferro e turismo
 - 8.7. O caminho de ferro como meio de transporte internacional
- 9. Simbologia
 - 9.1. A roda alada
 - 9.2. Representações estilísticas
 - 9.3. As linhas de criança

9.4. Modelos

16) PETROLEUM: THE BLACK GOLD ¹⁰⁸

1. INTRODUCTION

2. GEOLOGICAL ORIGIN AND GEOGRAPHY

2.1. Theories about the origin of petroleum

2.2. Where petroleum can be found

3. USES OF HYDROCARBONS

3.1. In ancient times

3.2. In Pre-Colombian

3.3. Pharmaceuticals & cosmetics

3.4. Illumination

3.5. Combustible

3.6. For military purposes

4. PROSPECTING AND PERFORATION

4.1. Preliminary studies

4.2. Sources of research & technologies to locate oil

4.3. Perforation: early experiences

4.4. Onshore drilling

4.5. Offshore drilling

4.6. Kinds of reservoirs

5. PRODUCTION AND TRANSPORTATION OF OIL AND GAS

5.1. Producing wells: drilling and testing

5.2. Pumps to draw up

5.3. Oil and gas pipelines

5.4. Tankers

5.5. Wagon-Tanks

5.6. Distribution: from the refinery to the consumers

5.7. The gas station

6. PETROLEUM AND PETROCHEMICAL INDUSTRIES

6.1. Petroleum refining: processes & equipment

6.2. Early steps: kerosene production

6.3. Gasoline, motor oils and gas

6.4. Some other petroleum by-products

6.5. Petrochemical industry and its various products

6.6. Industrial safety

7. THE ENTERPRISES OF PETROLEUM

7.1. The coming and rise

7.2. Private companies

7.3. National companies

8. THE PETROLEUM CRISIS AND ITS CONSEQUENCIES

8.1. Political crisis



108 Coleção de propriedade do subscritor do presente texto, que obteve medalha de ouro na Floripa 2008 e na SULBRAPEX 2008 e Vermeil Grande EXPOSICION INTERNACIONAL DE FILATELIA TEMATICA - MEXICO - 2009 - FIAF. O plano anterior desta coleção era bem menos sistematizado: Introduction / Geological Origin / Early Uses of Hydrocarbons / Prospecting / Perforation: - Onshore Drilling / - Offshore Drilling / Geography of The Petroleum / Production / Petroleum Industry - Refining / - Petrochemical Industry / The Transport of Petroleum / Gas Station / Industrial safety / Petroleum and Ecology / Petroleum and Culture / The Enterprises of Petroleum - Private Companies / - National Companies / The Petroleum Crises - Politics Crises / - OPEC / - Energy Conservation / Energy Alternatives / Conclusion

- 8.2. The Organization of Petroleum Exporting Counties (OPEC)
- 8.3. Energy conservation
- 8.4. Alternative Energy
- 8.5. Petroleum: environmental aspects and its importance for humanity

17) OS ARACNÍDEOS ¹⁰⁹

Posição Zoológica

Morfologia e Fisiologia

- Scorpionida
- Arachnida
- Solifugida
- Acarina

Classificação e Zoo-geografia

Habitat

Inimigos

- Fogo & Poluição
- Inseticidas
- Predadores (vespas, pássaros, etc)

Importância para o homem

- Medicina, veterinária, agronomia
- Astronomia (constelações de Escorpião e de Orião)
- Artesanato, decoração
- Tecidos, propaganda e toponímia e sobrenomes (Oswaldo Aranha e Graça Aranha)

Lendas

Os estudiosos

- C. Lineu
- C. Darwin
- J. H. Fabre
- Vital Brasil
- Instituto Butantan

18) AVIAÇÃO ¹¹⁰

PRECURSORES

PIONEIROS (dos irmãos Wright até 1914)

RAIDES, RECORDS, etc (até 1940)

AVIÕES MILITARES

AVIÕES CIVIS

HELICÓPTEROS

SERVIÇOS AÉREOS

SERVIÇOS AÉRO-POSTAIS

AVIAÇÃO ESPORTIVA (aborda num dos sub-capítulos o aerodelismo)

ORGANIZAÇÕES

19) O VEGETAL NA VIDA DA TERRA ¹¹¹

109 Plano teórico proposto por Hélión de Mello e Oliveira, in NAVEGANDO PELA TEMÁTICA, 2006, <http://www.ctc-campinas.org.br/modules.php?name=Content&pa=showpage&pid=3>

110 De Giorgio Barberis, in Elementos Temáticos de uma coleção, Nino Barberis e outros, ABRAFITE, 1978.

111 De Cláudio Bruno Piazza, obteve: Medalha de Ouro - Lubrapex 74, Medalha de Vermeil - Brapex 80, Medalha de Vermeil - (com prêmio especial) - Lubrapex 82, Medalha de Ouro e Prêmio Filatelia Temática - Brapex 82, Medalha de Ouro e Grande Prêmio da Exposição - Temaphila 98 - Montevidéu (Uruguai) e Medalha de Ouro na SULBRAPEX 2008.

A CULTURA DA PLANTA

PLANTAS QUE ALIMENTAM

- açúcares
- gorduras
- proteínas
- sais minerais
- a indústria de alimentícia

PLANTAS QUE CURAM

- a preparação da planta
- a flora medicinal
- a indústria farmacêutica

AINDA OS VEGETAIS

- as essências naturais
- os suplementos cirúrgicos
- a indústria têxtil
- a indústria do papel
- a indústria da madeira
- a indústria do tabaco
- o petróleo e seus derivados

O DESTINO DA TERRA

- conservação das florestas
- produção de alimentos
- novas fontes de alimentos
- a escassez ... o fim da vida!

20) MAMÍFEROS DA COORTE FERUNGULATA ¹¹²

1. ORIGEM

- 1.1. Os répteis
- 1.2. O Surgimento dos Mamíferos
- 1.3. Os Primeiros Ferungulados
- 1.4. Aspectos Paleogeográficos

2. CARACTERÍSTICAS

3. CLASSIFICAÇÃO

3.1. Ungulata

3.1.1. *Tubulidentata*3.1.2. *Pantodonta*3.1.3. *Dinocerata*3.1.4. *Notoungulata*3.1.5. *Sirenia*3.1.6. *Proboscidea*3.1.7. *Artiodactyla*3.1.8. *Perissodactyla*

3.2. Ferae

3.2.1. *Carnivora*3.2.2. *Pinnipedia*

4. DISTRIBUIÇÃO PELOS HABITATS

4.1. Habitats Terrestres

4.1.1. Planícies



112 Do filatelista Maurício Silva Soares, toda montada com selos usados.

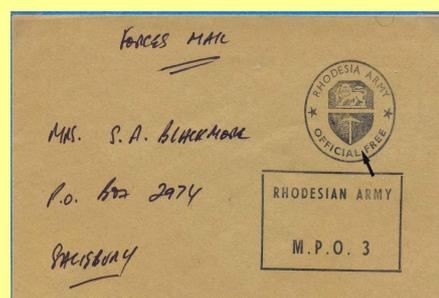
- 4.1.2. Montanhas
 - 4.1.3. Florestas
 - 4.2. Habitats Aquáticos
 - 4.3. Habitats Desérticos
 - 5. PARTICIPAÇÃO NOS ENCADEAMENTOS ALIMENTARES
 - 5.1. Os Herbívoros
 - 5.2. Os Carnívoros
 - 5.2.1. Os Predadores
 - 5.2.2. Os Necrófagos
 - 5.3. Os Onívoros
 - 5.4. A importância da Água
 - 6. COMPORTAMENTO
 - 6.1. A Vida em Grupo
 - 6.2. As Associações Interspecíficas
 - 7. PESQUISADORES E CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
 - 7.1. Os Viajantes e Naturalistas
 - 7.2. A Taxonomia
 - 7.3. A Paleontologia
 - 7.4. A Genética
 - 7.5. O Evolucionismo
 - 8. NA CULTUA
 - 8.1. Religião
 - 8.2. Símbolos
 - 8.3. Artes e Ciências
 - 9. PRESERVAÇÃO
 - 9.1. Zoológicos e Reservas
 - 9.2. Campanhas
 - 9.3. Pesquisas Veterinárias
 - 10. UTILIZAÇÃO PELO HOMEM
 - 10.1. Alimentação
 - 10.2. Abrigo e Vestuário
 - 10.3. Tração e Locomoção
 - 10.4. Combate e Segurança
 - 10.5. Esportes
 - 10.6. Companhia
- CONCLUSÃO

21) **HERÁLDICA**¹¹³

- 1. Origens
 - 1.1. 12º século
 - 1.2. O equipamento de um guerreiro da idade média
 - 1.3. O brasão
- 2. Propagação e apogeu
 - 2.1. as cruzadas
 - 2.2. a generalização do sinal no brasão
 - 2.3. a marca (divisa)
 - 2.4. a heráldica no papel

113 Plano publicado na Revista "Themaphila" e transcrita por Frans de Troyer, in A Filatelia Temática, p. 26.

- 2.5. os torneiros
- 2.6. as explorações
- 3. A arma
 - 3.1. o escudo
 - 3.2. o capacete
 - 3.3. as cimeiras e as gualdrapas
- 4. As representações heráldica de uma arma
 - 4.1. O campo
 - 4.1.1. as peças heráldicas: a repartição do brasão
 - 4.1.2. as peças do arauto
 - 4.1.3. as peças naturais
 - 4.1.4. as peças artificiais
 - 4.1.5. as peças de fantasia
 - 4.2. a cobertura do brasão
 - 4.3. os sinais de classe e de dignidade
 - 4.4. as outras decorações externas
- 5. Os gêneros de brasão
 - 5.1. Os cavaleiros
 - 5.2. Os imperadores e os reis
 - 5.3. os duques
 - 5.4. o clero
 - 5.5. os misteres e as corporações
 - 5.6. os países, as províncias, as cidades e as comunas



22) A EUROPA PROTEGE A SUA NATUREZA ¹¹⁴

- 1. Tesouros da natureza a proteger
 - 1.1. O ar e a água
 - 1.2. A florestas
 - 1.3. Fruir a natureza
 - 1.4. A paisagem
 - 1.5. O mundo animal e vegetal
- 2. A natureza poluída
 - 2.1. A poluição pela civilização moderna
 - 2.2. Pela expansão das grandes cidades
 - 2.3. Os inseticidas perturbam o equilíbrio ecológico
 - 2.4. O fogo e o incêndio
 - 2.5. A caça mão limitada
 - 2.6. O perigo nuclear
- 3. Meios de proteção da natureza
 - 3.1. A educação na escola
 - 3.2. Estudo e conhecimento da natureza
 - 3.3. Convenções internacionais
 - 3.4. Propaganda
 - 3.4.1. Reuniões, exposições, selos e oblitações
 - 3.4.2. O ano europeu da proteção da natureza 1970
 - 3.5. Associações da proteção da natureza

114 in Frans de Troyer, in A Filatelia Temática, p. 57

23) A ARTE DO NEGRO E BRANCO ¹¹⁵

1. A escrita
 - 1.1. A história da escrita
 - 1.2. Escrita e símbolos
2. O papel
 - 2.1. Os precursores: a argila, a pedra, a cera, o marfim, o papiro, o pergaminho
 - 2.2. Origens
 - 2.3. Matérias primas
 - 2.4. Fabrico: celulose e fábrica de papel
 - 2.5. Personagens
 - 2.6. A indústria do papel
3. O mundo gráfico
 - 3.1. Origem da impressão, inventores, primeiros impressores
 - 3.2. Exemplos de técnicas de impressão
 - 3.2.1. Impressão em relevo
 - 3.2.2. Impressão sobre pedras
 - 3.2.3. Rotogravuras
 - 3.3. Materiais
 - 3.3.1. O atelier de composição
 - 3.3.2. Prensas manuais em madeiras
 - 3.3.3. Prensas manuais em metal
 - 3.3.4. Prensas mecânicas
 - 3.3.5. Acessórios e produtos
 - 3.4. Preparação e acabamento do impresso
 - 3.4.1. Desenho e gravura
 - 3.4.2. A fotografia como técnica de reprodução
 - 3.4.3. A galvanoplastia
 - 3.4.4. A encadernação
 - 3.5. Ramos secundários: máquinas de escrever, de stencilar, ordenadores
 - 3.6. Símbolos e alegorias
 - 3.7. O mundo gráfico
 - 3.7.1. Tipografias
 - 3.7.2. Exposições, comemorações e congressos
 - 3.8. Personagens modernas
4. As artes gráficas
 - 4.1. Artistas gráficos e suas obras
 - 4.2. O mundo das artes gráficas
 - 4.2.1. O correio nas artes gráficas
 - 4.2.2. Exposições, festivais, congressos
 - 4.2.3. Cartazes
5. O livro
 - 5.1. O livro dos livros: a Bíblia
 - 5.1.1. O ensinamento judeu
 - 5.1.2. O ensinamento cristão
 - 5.1.3. O ensinamento protestante

115 Coleção pertencente a WILLY SERRES de Luxemburgo. Suas premiações: WIPA 1981 - ouro; BRASILIANA 1983 - ouro; ESPANA 1984 - ouro; ARGENTINA 1985 - ouro; PRAGA 1988 - ouro; ESPANA 2000 - ouro; BRNO 2005 - ouro; WASHINGTON 2006 – ouro (Transcrita de Frans de Troyer, in A Filatelia Temática, p. 55)

- 5.2. O livro na literatura e nas ciências
 - 5.2.1. O livro na literatura, a linguística e as artes
 - 5.2.2. O livro nas ciências exatas e naturais
 - 5.2.3. O livro na ideologia política
 - 5.2.4. O livro como símbolo da constituição
 - 5.2.5. O livro como meio de ensino: ensino universitário
 - 5.2.6. O Corão, o livro santo do Islão
 - 5.2.7. O livro do colecionador de selos
- 5.3. Bibliotecas e arquivos
 - 5.3.1. Edifícios e coleções
 - 5.3.2. Iluminuras e miniaturas
 - 5.3.3. Peças de arquivos: selos e selos papéis
 - 5.3.4. Comemorações, congressos e propagandas
 - 5.3.5. Bibliotecários, bibliófilos, promotores
- 6. A imprensa escrita
 - 6.1. Jornais e revistas
 - 6.1.1. Comemorações e jubileus
 - 6.1.2. Congressos e Associações profissionais
 - 6.1.3. Propaganda a favor da imprensa, festivais da imprensa
 - 6.1.4. Centros e agências de imprensa
 - 6.2. Personagens: fundadores e diretores de jornais e de revistas, jornalistas profissionais, publicistas
 - 6.3. distribuição da imprensa
 - 6.4. Selos de jornais
 - 6.5. O leitor e o seu jornalista
- 7. Outros produtos gráficos e o papel
 - 7.1. As cartas e a “semana da carta”
 - 7.2. Os subscritos-cartas
 - 7.3. As cartas de jogar
 - 7.4. Os calendários
 - 7.5. As notas de banco e valores monetários
 - 7.6. Embalagens de papel e de cartão

24) **FROM ABACUS TO LAPTOP** ¹¹⁶

1. What's the history of the 'great invention'?
 - 1.1. The earliest counting tools
 - 1.2. The great inventions at the start of the automation process
 - 1.3. The mechanical counting machines at a glance
 - 1.4. The electrical calculators
 - 1.5. At the dawn of the computer age
 - 1.6. What about mainframes and mini-computers?
 - 1.7. The area of Personal Computers
 - 1.8. Making their names at expositions
2. The Physics of a computer, the hardware

116 De propriedade do filatelista belga Johann VANDENHAUTE e que pode ser conferida em: <http://www.vandenhoute.net/FromAbacusToLaptop/index.htm>. Obteve as seguintes premiações: Essen 2007 (2e ECTP)- large vermeil, Belgica 2006 - large vermeil, Essen 2006 (1e ECTP) - large vermeil, Valencia 2004 - vermeil, Amphilex 2002 - large vermeil, Belgica 2001 - large vermeil. (in Dan N. DOBRESCU, MANUALUL EXPOZANTULUI TEMATICIAN, 2006, p.63)

- 2.1. What's in the box?
- 2.2. The oldest input device, the keyboard
- 2.3. The soon forgotten punch card
- 2.4. The paper punch tape and the magnetic tape
- 2.5. From disk to floppy, from floppy to CD
- 2.6. All the difference in printing
- 2.7. Coding with bars
- 2.8. Point, touch or read your input
- 2.9. The Input / Output on the terminal
- 2.10. What is multimedia?
3. The invisible intelligence, the software
 - 3.1. From mechanical to electronic thinking
 - 3.2. Languages is many as needed
 - 3.3. Hello, robot!
 - 3.4. Software for letters, graphs and databases
 - 3.5. Know your weaknesses!
4. Communicating in one big world
 - 4.1. Specialists today in the beginning
 - 4.2. Replacing the old telex network by ISDN-net
 - 4.3. Using modems and satellites
 - 4.4. Other computer network
 - 4.5. Internet, one big world!

25) **RADIO FOR EVERYONE** ¹¹⁷

1. From Morse Signals to Entertainment
 - 1.1. At first, wireless live reporting and news
 - 1.2. Music and concerts as a test
2. So Many Countries, so Many Systems
 - 2.1. USA: Commercial stations and networks
 - 2.2. Great Britain: A state owned corporation
 - 2.3. Germany: Government takes control
 - 2.4. France: Coexistence of public and commercial stations
 - 2.5. Soviet Union: At the Kremlin's service

26) **THE STORY OF THE COMPUTER** ¹¹⁸

1. The mechanical age
 - 1.1. Early counting tools – from hand to the first calculating device
 - 1.2. The mechanics who built them
 - 1.3. Mechanical counting machines
 - 1.4. Electromechanical calculators
2. The age of computing
 - 2.1. From the first electronic computer to microcomputers
 - 2.2. Software – the driving force of the computer
 - 2.3. Data support – the essence
 - 2.4. Hardware – the framework of the computer
3. An industry is born

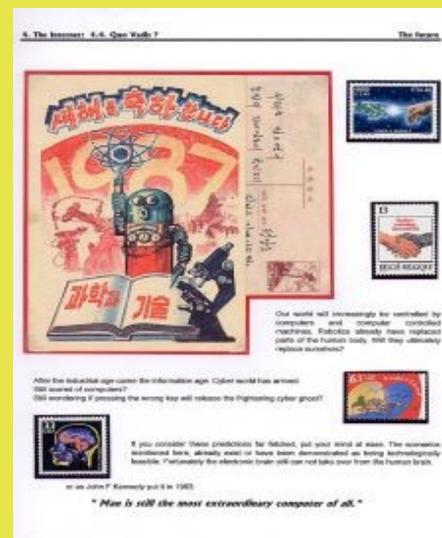
117 Coleção de um quadro do italiano Giancarlo MOROLLI – com medalha de Vermeil (88 pontos) na WASHINGTON 2006 (in Dan N. DOBRESU, MANUALUL EXPOZANTULUI TEMATICIAN, 2006, p.67)

118 Do romeno Dan DOBRESU – a coleção obteve 77 na exposição BELGICA 2006. (in Dan N. DOBRESU, MANUALUL EXPOZANTULUI TEMATICIAN, 2006, p.65)

- 3.1. Companies in the computer world
- 3.2. Some early applications
- 3.3. Data and information processing
4. The spread out of computers
 - 4.1. The revolution of personal computer
 - 4.2. Personal computer software, the invisible intelligence
 - 4.3. The information age, information technology
5. Computer available for everyone
 - 5.1. Applications spread out
 - 5.2. Transfer of information and knowledge
 - 5.3. Outcome – our life and hobbies are changing
6. The cyber world is now
 - 6.1. Some early networks
 - 6.2. INTERNET, one big world is born
 - 6.3. Information technology's impact on the postal system
 - 6.4. The future - the ultimate goal

27) FROM ABACUS TO INTERNET ¹¹⁹

1. The Mechanical Age
 - 1.1. Early counting tools
 - 1.1.1. Counting on fingers
 - 1.1.2. Abacus
 - 1.1.3. Other early calculating mechanisms
 - 1.2. Mechanics create mechanical solutions
 - 1.3. Mechanical calculating tools
 - 1.3.1. Adding machine
 - 1.3.2. Calculator
 - 1.3.3. Cash register
2. Bridging the Gap
 - 2.1. Early inventors
 - 2.2. Before World War II
 - 2.3. The driving forces
 - 2.4. The typewriter's split personality
 - 2.5. The need for speed: World War II
 - 2.5.1. The ENIAC
 - 2.5.2. Amazing grace finds a bug
 - 2.5.3. The code breakers
 - 2.6. The Russian connection
3. The Electronic Age
 - 3.1. Going digital: the 50's
 - 3.2. The turbulent 60s
 - 3.3. Garage geniuses in the Valley: the 70s
 - 3.4. If it can play chess it must be a computer
 - 3.5. The PC arrives: the 80s



119 Do sul africano Wobbe VEGTER que pode ser conferida no endereço: <http://wvvegter.hivemind.net/abacus/Z9abacp1.html>. A coleção obteve: National: Johannesburg 2001 - Silver (65 points), Johannesburg 2003 - Vermeil (78 points), Cape Town 2005 (90pp) - Gold (87 points), Port Elizabeth 2007 - Gold (85 points). International: Malaga, Spain, 2006 - Large Vermeil (86 points), Tel Aviv, Israel, 2008 - Vermeil (83 points) (in Dan N. DOBRESCU, MANUALUL EXPOZANTULUI TEMATICIAN, 2006, p.64)

- 3.6. IT becomes an industry
- 3.7. IT becomes pervasive
- 3.8. The new millennium: Y2K
- 4. The Internet
 - 4.1. The World Wide Web
 - 4.2. E-mail: The electronic letter
 - 4.3. IT's impact on the postal system
 - 4.3.1. Sorting the mail
 - 4.3.2. Barcodes
 - 4.3.3. Computer vendend postage
 - 4.3.4. e-Stamps
 - 4.4. Quo vadis ?

28) NO CORRER DAS ÁGUAS, EM DIREÇÃO AO FUTURO ¹²⁰

- FORMAÇÃO DAS ÁGUAS
 1. O Universo e a Natureza
 2. A Exploração das Águas
 - Uso Múltiplo das Águas
 - Água como Força Propulsora
- CONTENÇÃO DAS ÁGUAS
 3. Águas Aprisionadas
 4. Barragens: Finalidades, Tipos e Elementos Constitutivos
 5. Barragens no Mundo
- BARRAGEM DAS ÁGUAS: PRESERVAÇÃO AMBIENTAL E HISTÓRIA
- 6. As Barragens e sua Interferência no Meio Ambiente
- 7. Os Mestres e as Grandes Obras
 - Pioneiros Construtores
 - Obras Notáveis e os Recordes
- ENERGIA DAS ÁGUAS
 8. Água para Energia
 - Produção e Distribuição de Energia
 - Centrais Hidro Elétricas
 9. Organizações Distribuidoras e Auxiliares da Produção e Energia
- O FUTURO, A ENERGIA E AS ÁGUAS
- 10. Fontes Alternativas Energéticas
- 11. Implicações Energéticas
- 12. A Vida e as Águas



29) AUSTRALASIAN BIRDLIFE: (A look at the bird world of the south pacific region along zoogeographical lines) ¹²¹

120 Plano sistêmico da coleção de Mário de Castro Lôbo de Recife, PE, arrolado in O PLANO NAS COLEÇÕES TEMÁTICAS, Revista Temática, Filatelia e Cultura n.º 147 - 1998

121 Do prestigiado filatelista alemão Damian LAEGE – obteve: BELGICA 2001, ouro grande, 97 pontos; WASHINGTON 2006, grande prêmio de honra. Como peculiaridades: “This exhibit deals with how birds made the South Pacific islands their home, and illustrates the specific conditions under which the individual groups adapted to their habitats. Subsequently, the most characteristic natural habitats of the four regions, Australia, Papua, New Zealand, and South Sea, are presented with their typical birdlife. Special attention is given to the drastic changes wrought by man's settlement of the region, which was fated to alter the nature of the South Pacific avifauna for ever. The thematic story is illustrated by the best possible variety of philatelic items, most of them from the Australasian region, but some from other parts of the world. In addition to many rare covers, proofs, varieties and postal stationery, special emphasis

1. Australasia – a definition from the ornithological point of view
 - 1.1. Weird and wonderful – Australasia has its own unique ornithological character
 - 1.2. The distribution areas of unique bird groups determine avifauna demarcation
 - 1.3. Australasia constitutes the most secluded all avifaunas
 - 1.4. The Sunda archipelago forms the boundary of the Australasian bird world
- Part I. Adaption to the living conditions: a process lasting millions of years
2. The long history of settlement: birds conquer the Australasian region
 - 2.1. Land birds from Asia invade Australia via Sunda Islands
 - 2.2. Seabirds and Waders from far afield ask for asylum along the South Pacific coastlines
 - 2.3. But these immigrants aren't there first: they encounter established bird groups from Gondwanaland
 - 2.4. The most successful settlers spread out over all the Australasian islands
3. In Evolution's studio: an independent avifauna gradually takes shape
 - 3.1. Dispersion over the many islands creates isolated populations
 - 3.2. This isolation provides a launching pad for evolution by allowing birds to undergo change
 - 3.3. As a result, new regional avifaunas, constituted by optimally adapted species, come into existence
4. The state of play: regional bird worlds adapted to their habitats
 - 4.1. The Australian region resembles a bioclimatic three-flat tenement
 - 4.2. The Papuan region leads the fashion parade in colour and shape
 - 4.3. New Zealand region forms a bird world between the winds
 - 4.4. The Polynesian region remains birds' islands of paradise until man arrives
- Part II. The balance is rapidly upset: dramatic changes caused by man
5. “ ... and then were nine “: decimation of the native birds
 - 5.1. Humans colonize the Australasian region and meet a rich bird world there
 - 5.2. Chance of food and feathers encourages the South Sea people to go hunting
 - 5.3. Land exploitation benefiting the settlers leads to the destruction of native habitats
 - 5.4. Introduced predators and competitors cause an unaccustomed struggle for survival
 - 5.5. Exotic birds captured for zoos and aviaries or for feather supplies leave a hole back home
 - 5.6. The most vulnerable species become extinct: this upsets ecological balance in traditional habitats
6. The settlers bring their birds with them: new species flood the region
 - 6.1. New, manmade habitats like farmlands and parks create unoccupied niches
 - 6.2. Different motives underline introduction of different birds
 - 6.3. His introduced birds not only occupy the free niches but start to replace the native avifauna
7. A glimmer of hope? Nature conservancy in the South Pacific
 - 7.1. The uniqueness of the long-established avifauna motivation to protect it
 - 7.2. Environmental protection rescues many birds' habitats
 - 7.3. Specific measures assist endangered species

30) **EL MUNDO DEL CUERO** ¹²²

Historia

Imaginando la prehistoria

El mundo antiguo

La edad media

is put on cancellations from post offices with names related to birds and their habitats. Many of these names are in Maori and Aboriginal languages, and therefore require personal study and research detecting them as relevant for the theme.” (http://www.rpsl.org.uk/australasian_birdlife/index.html)

122 de Rubén Piñeiro, in <http://www.cueronet.com/filatelia.htm>

El renacimiento
La modernidad
Obtención de las pieles a través del tiempo
Elección del animal
La caza
La crianza
Oficios del cuero
Artesanías
Sastrería
Peletería
Zapatería
Marroquinería
Talabartería
Tapicería
Aplicaciones del cuero
En la vivienda
En el transporte
En el trabajo
En el equipamiento militar
En la música
En el deporte
Otros usos
La industria del cuero actual
Las pieles más usadas
El cuidado de las especies amenazadas
Determinantes de la calidad de las pieles
Conservación de las pieles
Trabajos de ribera
Curtido
Terminación del cuero
Salud ocupacional
El cuidado del medio ambiente
Comercialización del cuero

31) AVOTÉ!¹²³

I. LES PHASES PRELIMINAIRES AU VOTE

1. La détermination du corps électoral
la dignité électorale
le suffrage censitaire
le suffrage universel
le suffrage féminin
2. Les opérations préparatoires au scrutin
l'inscription sur les listes électorales
l'envoi des cartes d'électeur
le choix des candidats
3. La campagne électorale
les réunions électorales
les comités de soutien

123 in <http://www.phila-colmar.org/A-vote-Plan-de-la-collection.html>

les programmes et la propagande

le financement des campagnes

II. LE DEROULEMENT DU VOTE

1. Les modes de scrutin et l'objet du vote

suffrage direct et indirect

élection ou votation

scrutin de liste et uninominal

2. Les principes fondamentaux régissant le vote

voter, un droit, un devoir

liberté de participer au vote

liberté de choix

3. Les modalités pratiques du vote

caractère secret (bulletin de vote, urne, isoloir)

vote par correspondance

vote par procuration

le contrôle des opérations de vote

4. Détermination et proclamation des résultats du scrutin

dépouillement

établissement du procès-verbal

transmission et publication des résultats.



32) LE TEMPS ("C'EST L'OR, ... IL EST L'OR") ¹²⁴

1. Le temps à l'échelle humaine

1.1. Le vieillissement

1.2. Les âges de la vie

2. La science du temps

2.1. Du jour à la seconde

2.2. L'année et ses divisions

2.3. Au delà de l'année

3. Le temps économique

3.1. Le temps c'est de l'argent

3.2. L'homme lutte contre le temps



33) LA SCIENCE DU SON ET DE L'OUÏE ¹²⁵

1. L'émission et la propagation du son

1.1. Les sources sonores

1.1.1. Le paysage sonore naturel

1.1.2. La voix humaine

1.1.3. Les instruments de musique

1.1.4. Les bruits artificiels

1.2. Le rayonnement et la réflexion du son

1.2.1. La nature vibratoire et la célérité du son

1.2.2. Le principe de l'écho et de la résonance

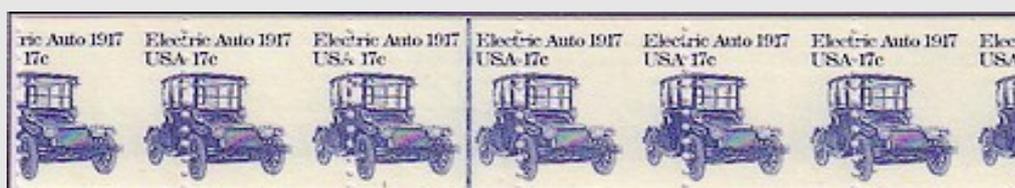
124 "Cette collection a obtenu une quatrième place avec une médaille de Vermeil accompagnée d'un Prix Spécial du Jury (83 pts) lors de l'exposition internationale BELGICA 2001 en jeunesse. Mais aussi le premier prix de la classe jeunesse de l'exposition trilatérale SAMOLUX 2001 (médaille d'Or + Prix Spécial) et une médaille de Grand Vermeil lors de l'exposition nationale jeunesse du Portugal PORTIMAO 2001" in <http://www.phila-colmar.org/Le-Temps-suite-et-plan-de-la-collection.html>

125 Collection thématique ... obtenu de l'OR + félicitations à l'exposition internationale AMPHILEX 2002 (Amsterdam). in <http://www.phila-colmar.org/-L-Acoustique-.html>

- 1.2.3. L'acoustique architecturale
2. Les mécanismes de l'audition
 - 2.1. L'appareil auditif
 - 2.1.1. L'anatomie
 - 2.1.2. Les sensations sonores
 - 2.2. Les dysfonctionnements auditifs
 - 2.2.1. Les surdités
 - 2.2.2. Les soins et l'assistance
3. Les techniques de conservation et de communication sonore
 - 3.1. Enregistrement et reproduction du son
 - 3.1.1. Le procédé mécanique
 - 3.1.2. Le procédé magnétique
 - 3.1.3. Les procédés optiques
 - 3.2. La télécommunication sonore
 - 3.2.1. Les applications
 - 3.2.2. Les éléments constitutifs de la communication
 - 3.2.3. L'importance des transmissions sonores



34) EVOLUTION TECHNIQUE DES VÉHICULES AUTOMOBILES ¹²⁶



1. LE GROUPE PROPULSEUR
 - 1.1. LE MOTEUR THERMIQUE : PRECURSEUR
 - 1.2. LE MOTEUR A EXPLOSION OU COMBUSTION
 - 1.2.1. Le cycle à 4 temps
 - 1.2.2. Le refroidissement et la lubrification
 - 1.3. LE MOTEUR ELECTRIQUE : AVENIR ?
2. LA TRANSMISSION ET L'UTILISATION DU MOUVEMENT
 - 2.1. LA TRANSMISSION
 - 2.1.1. Les organes de transmission
 - 2.1.2. Les modes de transmission
 - 2.1.3. Le système de freinage
 - 2.2. LA DIRECTION
 - 2.2.1. Le volant de direction
 - 2.2.2. Les roues
 - 2.2.3. Les organes de suspension
 - 2.2.4. Les pneumatiques
3. LA CARROSSERIE ET SES EQUIPEMENTS
 - 3.1. LA CARROSSERIE
 - 3.1.1. Les décapotables
 - 3.1.2. Les carrosseries mixtes

126 "Cette collection a obtenu une médaille d'OR à THEMAFRANCE VII, Championnat de France de Philatélie Thématique à Conflans Sainte Honorine en 2003. Elle se distingue par l'originalité du traitement d'un sujet maintes fois vu en compétition. La mise en ligne de cette présentation sera faite petit à petit au fil du temps. L'auteur est bien entendu conscient que cette collection peut et doit s'améliorer." in <http://www.phila-colmar.org/-Evolution-technique-des-vehicules-automobiles-.html>

- 3.1.3. Les conduites intérieures
 - 3.1.4. Les véhicules à usage spéciaux
- 3.2. LES EQUIPEMENTS ET ACCESSOIRES
- 3.2.1. L'éclairage
 - 3.2.2. Les autres accessoires

35) **EARTHQUAKE** ¹²⁷

INTRODUCTION

1) EARTHQUAKE:

1.1) ... a mythological view

1.2) ... a scientific view

2) WHAT IS AN EARTHQUAKE?

3) EARTHQUAKES AND GEOLOGY

3.1) Earth's Plates and Continental Drift

3.2) Type of earthquakes

4) THE SEISMIC WAVES

4.1) Propagation of seismic waves

4.2) Recording deformation and seismic waves

4.3) The Epicenter

5) EARTHQUAKE RELATED DAMAGE AND EFFECTS

5.1) Effects and impacts of earthquakes

5.2) The most devastating earthquakes

5.3) Famous buildings destroyed by earthquakes

5.4) The human life

6) AFTER AN EARTHQUAKE:

6.1) The Civil Defense

6.2) Relief and humanitarian aid victims

6.3) The solidarity postal

6.4) Reconstruction work in the regions destroyed

6.5) Helping the Animal Victims of Earthquake

7) MAIL IN EARTHQUAKE-HIT AREAS

8) STUDYING AND UNDERSTANDING EARTHQUAKES

8.1) Studying earthquakes

8.2) What to do during an earthquake

8.3) Seeking more safety

9) EARTHQUAKE AND CULTURAL EVENTS

CONCLUSION



36) **NUCLEAR ENERGY** ¹²⁸

1. Introduction

2. WHAT IS ATOM?

3. A BRIEF HISTORY OF ATOMIC THEORY DEVELOPMENT

3.1) ... a philosophical view

3.2) ... a scientific view

4. RADIOACTIVE MINERALS

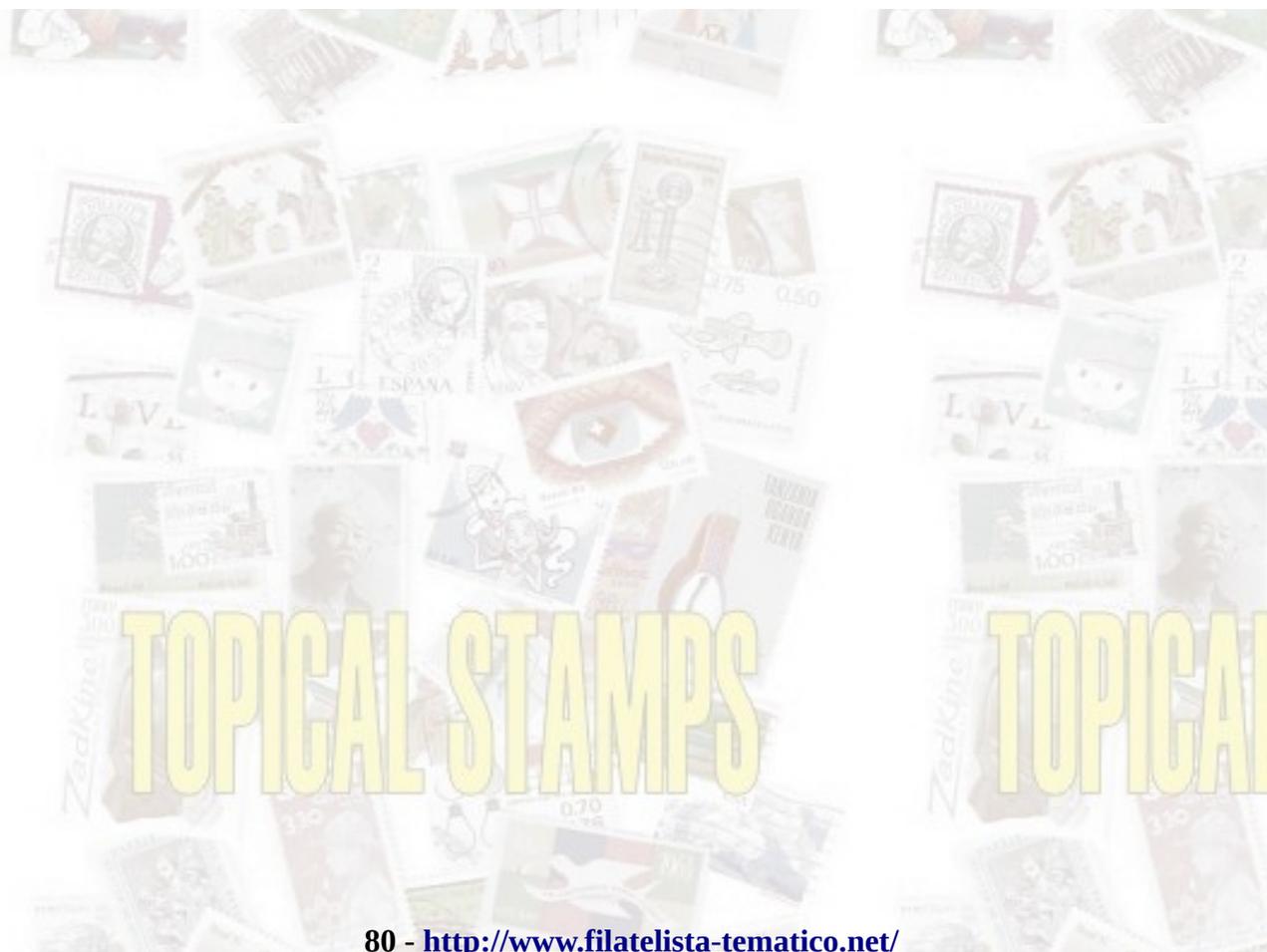
5. ATOMS AND ENERGY PRODUCTION

5.1) The discovery of fission

127 in <http://www.filatelista-tematico.net/earthquake.html>

128 in <http://www.filatelista-tematico.net/nuclear.html>

- 5.2) The first nuclear power plant
- 5.3) Nuclear reactor technology
- 5.4) Reactivity control
- 5.5) Nuclear fuel
- 6. ATOM: REGULATORY AGENCIES AND RESEARCH
 - 6.1) Regulatory agencies
 - 6.2) Nuclear research
- 7. USE OF NUCLEAR ENERGY
 - 7.1) ... electricity generation
 - 7.2) ... nuclear-powered ships
 - 7.3) ... human health
 - 7.4) ... radioactivity
 - 7.5) ... bombs
- 8. FEAR OF NUCLEAR HOLOCAUST
 - 8.1) Launched the arms race
 - 8.2) The End of WWII and the bombing Hiroshima and Nagasaki
 - 8.3) The Cold War
 - 8.4) Nuclear Disarmament: The Awareness
 - 8.5) Nuclear Disarmament: The Treaties
- 9. ATOMS, SAFETY AND ENVIRONMENT
 - 9.1) Atoms and Environment
 - 9.2) Nuclear Accidents
 - 9.3) Safety and Civil Defense
- 10. ATOMS IN THE PEOPLE'S CULTURE
- 11. Conclusion



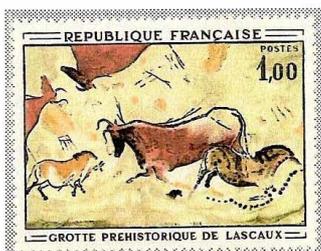
11) ANEXO

figura 1

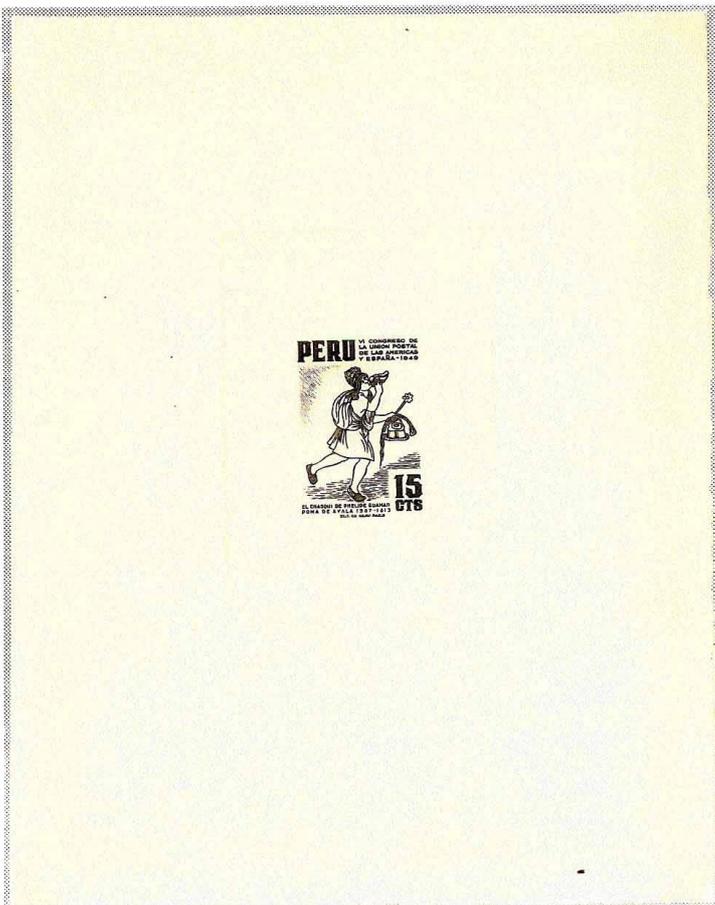
PUTTING DOWN WRITTEN INFORMATION BEFORE THE INVENTION OF TYPOGRAPHY
 1.1 The long way to the alphabet Precursors of writing: picture- and symbol-technique

SCHRIFTLICHE INFORMATIONSFIXIERUNG VOR DER ERFINDUNG DES BUCHDRUCKS
 1.1 Der lange Weg zum Alphabet Vorläufer der Schrift: Bild- und Symboltechnik

Schrift ist die Umsetzung von Sprache in Zeichen. Dabei können die Zeichen den Sprachinhalt oder die Lautstruktur abbilden. Entwickelt hat sich die Schrift jedoch aus sprachungebundenen Vorläufern.



Die ältesten Beispiele sprachungebundener Ideenfixierung sind die **Bild- und Symboltechnik**, die bereits in **Felsbildern** ab etwa 30 000 v. Chr. verwendet wurden, hier aus der Höhle von Lascaux um 15 000 v. Chr. Sie enthalten sowohl **figürliche Bildkompositionen** als auch abstrakte Zeichen und Symbole wie z. B. **Punktreihen**.



Ein Beispiel für die **Symboltechnik** in einer gänzlich schriftlosen Kultur ist die Darstellung von Zahlen mit **geknoteten Schnüren** ("Quipus") bei den Inkas um 1500 n. Chr.



Bote mit Quipu

Einzelstockabzug (links) einer für 1949 vorbereiteten Ausgabe für den 5. Postkongress Amerika- Spanien. Die Marke (oben) erschien aber erst 1951 mit Aufdruck.

figura 2

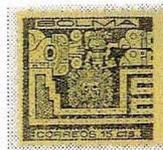
1.1 The long way to the alphabet
1.1 Der lange Weg zum Alphabet

Precursors of writing: picture- and symbol-technique
Vorläufer der Schrift: Bild- und Symboltechnik



Sonnentor von Tiahuanaco,
dem Zentrum einer altperuanischen Kultur ab 540 n. Chr.

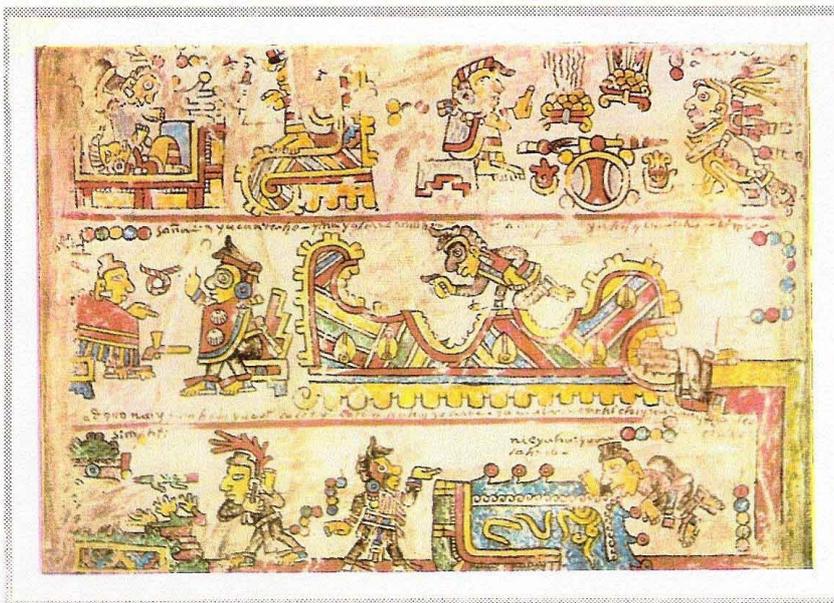
nicht realisierter Entwurf für die bolivianische Ausgabe von 1925 zur 100-Jahrfeier der Republik; rückseitiger Stempel der Druckerei Perkins, Bacon & Co die auch die ausgegebenen Marken herstellte



"Sonnentorausgabe", vor ihrer für 1925 geplanten Ausgabe zurückgezogen, 1960 mit wertverändernden Aufdrucken erschienen



Entscheidend für die Ideenfixierung ist die **Komposition der einzelnen Bildelemente**. Das Fries des Sonnentores von Tiahuanaco zeigt mit Figuren und Symbolen in Menschen- und Tiergestalt die **kosmologischen und religiösen Vorstellungen** seiner Erbauer.

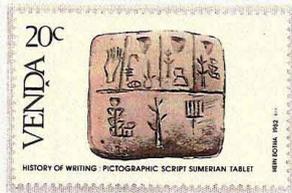


Einer Schrift bereits ähnlich sind die **Bilderzählungen** in Faltbüchern der präkolumbianischen Hochkulturen Mittelamerikas. Die Information erfolgt in **Bildfolgen**, ohne dass die einzelnen Bilder bestimmten Begriffen oder Wörtern zugeordnet werden können: mixtekischer Codex, der das Leben des Herrschers Acht Hirsch Jaguarhülle (1063 - 1115 n. Chr.) beschreibt.

figura 3

1.1 The long way to the alphabet
1.1 Der lange Weg zum Alphabet

Logography, representation of the content of languages
Begriffsschrift, Abbildung des Sprachinhalts

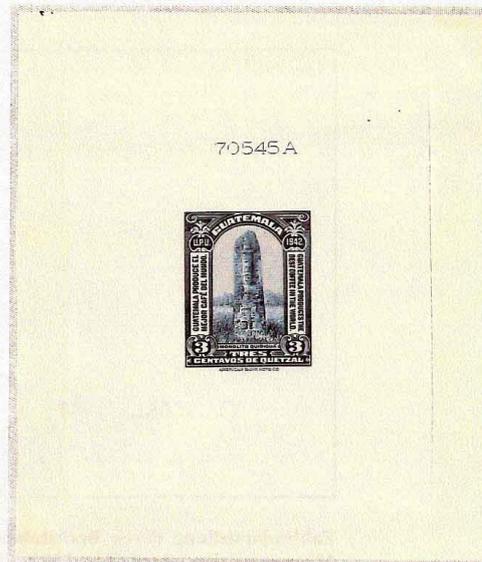


Die ältesten sprachgebundenen Schriftsysteme sind **Begriffsschriften** wie die **altsumerische Piktographie** (ab 3100 v. Chr.), die **Schrift der Induskultur** (ab 2600 v. Chr.) und die **chinesische Schrift** (ab 1300 v. Chr.). Sie bilden Sprachinhalte (Begriffe) ab, aber noch keine Laute.

Auch die alt-amerikanischen Hochkulturen, insbesondere die **Mayas** und die **Azteken** benutzten Begriffsschriften.



Glyphen auf einer Maya-Steile;
Codex Dresden (rechts)



Das **Schriftsystem der Mayas**, dessen ältesten Zeugnisse Steinschriften auf **Stelen** der klassischen Periode (250 - 600 n. Chr.) sind, bestand bereits aus einer Kombination von **Begriffs- und Silbenzeichen**, so dass es sich um eine Übergangsstufe zu einer phonetischen Schrift handelt.

Rechts: Maya-Steile in Quiriguá; *Abzug vom Einzelstock*

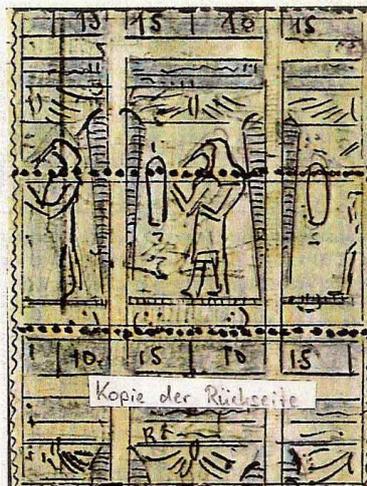
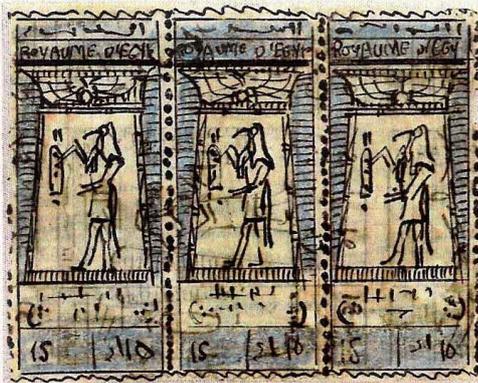


Der aztekische "**Sonnenstein**" aus dem Jahr 1479 n. Chr. zeigt u. a. die Zeichen für die 20 Tage eines Monats.

figura 4

1.1 The long way to the alphabet
1.1 Der lange Weg zum Alphabet

Beginning of phonetic writing
Erste phonetischen Schriften



Rohentwurf (vorder- und rückseitig)

Bereits ab 3000 v. Chr. entstand mit der ägyptischen Hieroglyphenschrift eine phonetische Schrift. Sie war zunächst eine Zeremonialschrift zur Verherrlichung des Gott-Königtums:

Gott Thoth, in der ägyptischen Mythologie der Erfinder der Schrift, schreibt einen Königsnamen.

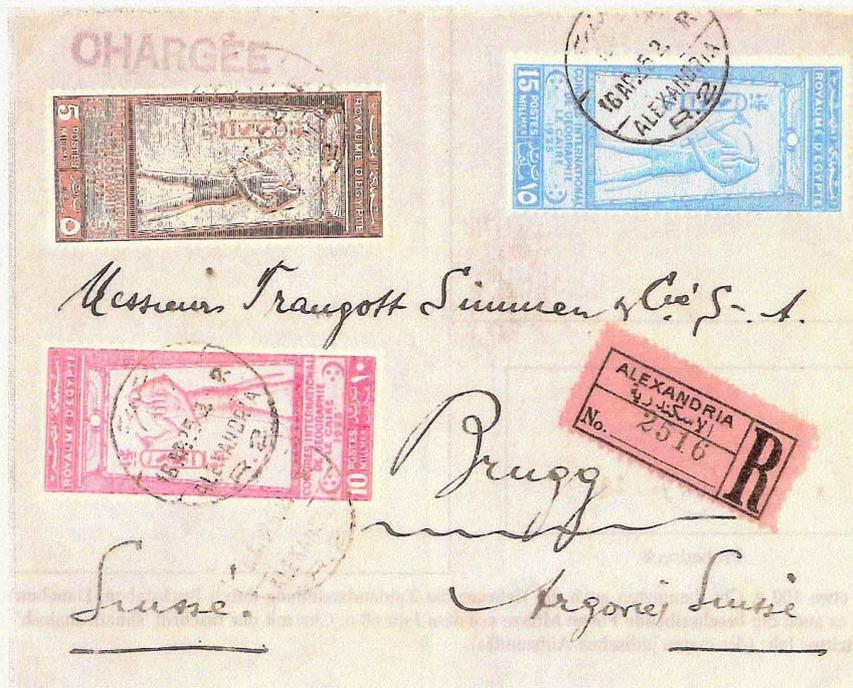


figura 5

1.1 The long way to the alphabet
1.1 Der lange Weg zum Alphabet

A revolutionary development: the first alphabets
Ein revolutionärer Entwicklungssprung: die ersten Alphabete

Die höchste Stufe der Schriftentwicklung und eine der größten Abstraktionsleistungen der Menschheit stellt die schriftliche Darstellung von Einzellauten („Buchstaben“) dar. Die älteste Buchstabenschrift ist das um 1500 v. Chr. entstandene, aus 22 Konsonanten bestehende phönizische Alphabet als Ergebnis von Parallelentwicklungen im syrisch-palästinischen Raum. Dazu zählt auch die ugaritische Konsonanten-Keilschrift.



phönizische Alphabetschrift



ugaritische Konsonanten-Keilschrift



Probedrucke der ersten Markenausgabe Israels. Bevor man Probedrucke in den ausgegebenen Farben anfertigte, wurden Proben vollständiger Bogen ohne Tabs in schwarz gedruckt, um die Qualität der Druckplatte zu prüfen.

Später als das phönizische Alphabet, aber unabhängig von diesem entstand die althebräische Buchstabenschrift. Die ältesten Schriftdokumente stammen aus dem 9. Jh. v. Chr.; die jüngsten sind Münzen aus dem 1. und 2. Jh. n. Chr.



figura 6

3.2 Publishing newspapers regularly
3.2 Zeitungen erscheinen regelmäßig

First news-“papers“
Erste Nachrichtenblätter

Erst der Buchdruck ermöglichte das Entstehen des Zeitungswesens, der „Presse“. Dieser Begriff leitet sich daher direkt aus dem Wort „Druckpresse“ ab.



Melancthon (1497-1560)



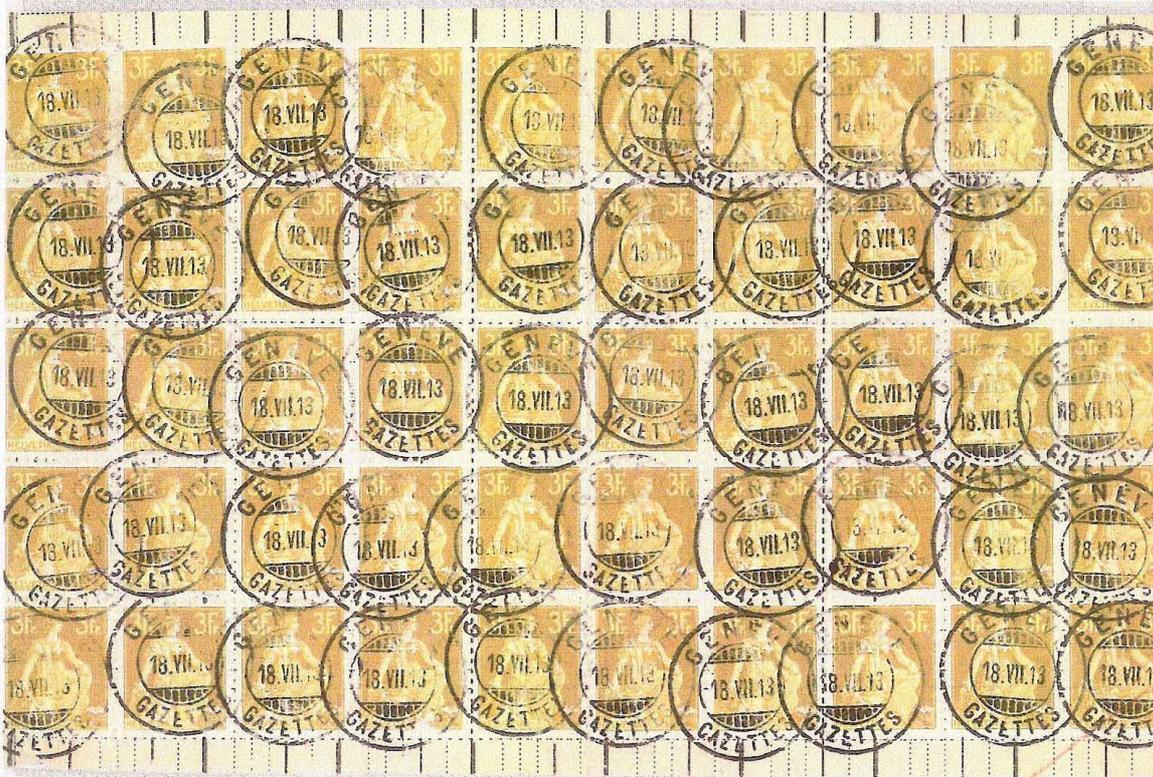
Jakob Fugger (1459-1525)



heutige Zeitungen mit Gazeta-Titeln



Ab etwa 1500 stellte man Neuigkeiten in zeitungähnlichen Blättern zusammen. Dazu gehörten **Melancthons Zeitungsbriefe** und die „**Fuggerschen Zeitungen**“. Auf dem Rialto in Venedig, dem wichtigsten damaligen Handelsplatz, gab es eine Art Nachrichtenbüro, wo man schriftliche Mitteilungen für eine **Gazetta**, eine kleine Scheidemünze, verkaufte. Der Name der Münze übertrug sich auf die beschriebenen Blätter und hat sich bis heute als Wort für „Zeitung“ erhalten.



„Genève Gazettes“: Zeitungs-Verrechnungsfankatur, um die zeitraubende Einzel frankierung der Zeitungen zu vermeiden

figura 7

1.2 From counting to ingenious numerical systems
1.2 Vom Zählen zu genialen Zahlensystemen

Origins of the concept of numbers
Anfänge des Zahlbegriffs

Zählen bestand zunächst darin, eine Menge, z. B. eine Herde Tiere, elementweise mit einer 'Hilfsmenge' zu vergleichen. Als Hilfsmengen dienten z.B. Finger und Zehen, aber auch Kieselsteine oder Kerben in Knochen.



(Hombre Primitivo)

Elementalmente como es, esta ecuación tuvo consecuencias inmensas para el hombre primitivo porque forma la base de contar. Sin el entendimiento de números la gente solamente podría traficar en términos más rudimentarios; no tenían una larga sucesión del número de cosas a veces que poseían ni cuantos hombres había en su tribu. El descubrimiento de contar condujo directamente al desarrollo rápido del comercio y más tarde a la importante ciencia de medidas.

CARNET DE 20 TIMBRES-POSTE
 POSTES DE 1^{re} 50. 30 FR. FRANÇAISES

Ceci intéresse

Tous les Jeunes Gens et Jeunes Filles
Tous les Pères et Mères de Famille

L'enseignement par correspondance de L'ÉCOLE UNIVERSELLE permet de faire, à peu de frais, chez soi, sans dérangement, avec le maximum de chances de succès, des études dans toutes les branches et à tous les degrés du savoir.

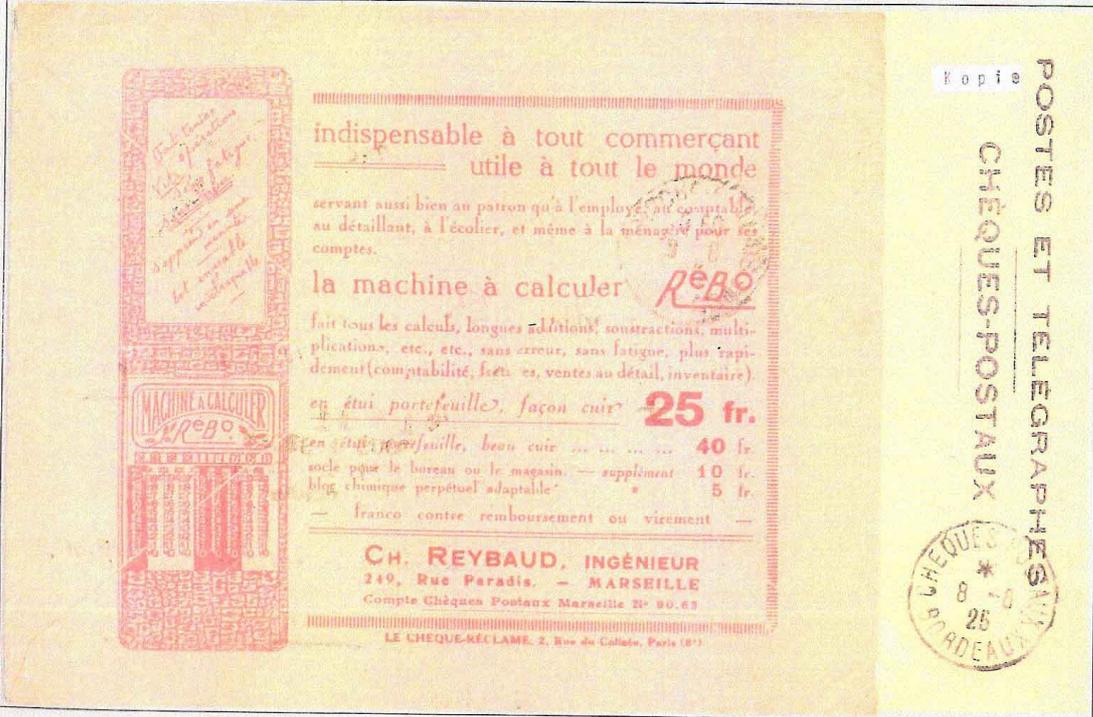
Pour recevoir, à titre absolument gracieux et sans aucun engagement de votre part, la brochure relative aux études ou carrières qui vous intéressent, il vous suffit de marquer cette brochure d'une croix sur la liste imprimée au verso de cette page et de l'adresser sous enveloppe affranchie à 4 fr. 50 à L'ÉCOLE UNIVERSELLE, 11 et 12, place Jules Ferry, Lyon (Rhône) ou Boul. Exelmans, 59, PARIS (16^e). Inscrivez lisiblement ci-dessous vos nom, prénoms et adresse.

Plus de deux millions de lettres non distribuées ne peuvent être, parce que les intéressés ont négligé d'indiquer leur adresse

ÉTUDES CHEZ SOI. — Indiquez par vous intéressés L'ÉCOLE UNIVERSELLE, 11 et 12, place Jules-Ferry, Exelmans, Paris (16^e), qui vous enverra gratis et franc

Brochure 12803 — Classes primaires complètes, brevet
 — 12808 — Classes secondaires complètes, bacc
 — 12813 — Grandes Écoles spéciales.
 — 12819 — Enseignement supérieur. Licences
 — 12821 — Carrières administratives.
 — 12828 — Carrières industrielles, travaux publi
 — 12832 — Agriculture et génie rural.
 — 12837 — Carrières commerciales, banque, b
 — 12840 — Langues étrangères. Tourisme.
 — 12846 — Orthographe, rédaction, calcul, des
 — 12851 — Air, Marine.
 — 12858 — Musique instrumentale, solfège, ch
 — 12863 — Arts du dessin. Aquarelle, peinture
 — 12869 — Métiers de la Couture, de la Coupe,
 — 12871 — Journalisme. Secrétariats.
 — 12876 — Cinéma, prise de vues et de son, a
 — 12886 — Coiffure, Manucure, Massage, Soins

Aus dem elementaren Zählen mit Kieselsteinen (lat.: *calculi*) entwickelte sich schrittweise das Rechnen, das noch heute *calcul*, *calculating* oder *Kalkül* heißt (unten: 'machine à calculer' = Rechenmaschine).



Kopie POSTES ET TELEGRAPHES
CHEQUES-POSTAUX

LE CHEQUE-RECLAME, 2, Rue de Colonne, Paris (8^e)

87 - <http://www.filatelistas-tematico.net/>

figura 8

1.2 Die indisch-persische Eröffnung im 6. Jahrhundert Ein „friedliches Kriegsspiel“ aus Indien

Wie aus dem Nichts erschien im 6. Jh. im Nordwesten Indiens ein Brettspiel, dessen Figuren die vier Waffengattungen des indischen Heeres Infanterie (Bauern), Kavallerie (Springer), Elefanten (Läufer) und Streitwagen (Türme) als friedliches Spiel abbildeten und das deshalb „Tschaturanga“ („das Vierteilige“) hieß.

Die Phasenprobdrucke veranschaulichen diese Entstehung „aus dem Nichts“.



Eine weniger friedliche Verbindung zwischen Schach und Krieg zeigt der Springer im Zensurstempel eines Kriegsgefangenenlagers aus dem Zweiten Weltkrieg.

Kriegsgefangenenpost
Correspondance des prisonniers de guerre

Postkarte Carte postale

Besetztes Gebiet Territoire occupé	Unbesetztes Gebiet Territoire non occupé
Nichtzutreffendes streichen. Biffer les mentions inutiles	

An
A

45 Gochin

Admiral v. Puffen

Gebührenfrei! Franc de port!

Absender:
Expéditeur:
Vor- und Zuname:
Nom et prénom

Heinrich Springer

Gefangenennummer:
No. du prisonnier

1004030

Lager-Bezeichnung: M.-Stammlager VI J
Nom du camp) **Krefeld-Fichtenhain**

Arbeits-Kommando-Nr.: *317*
Deutschland (Allemagne)

Empfangsort:
Lieu de destination

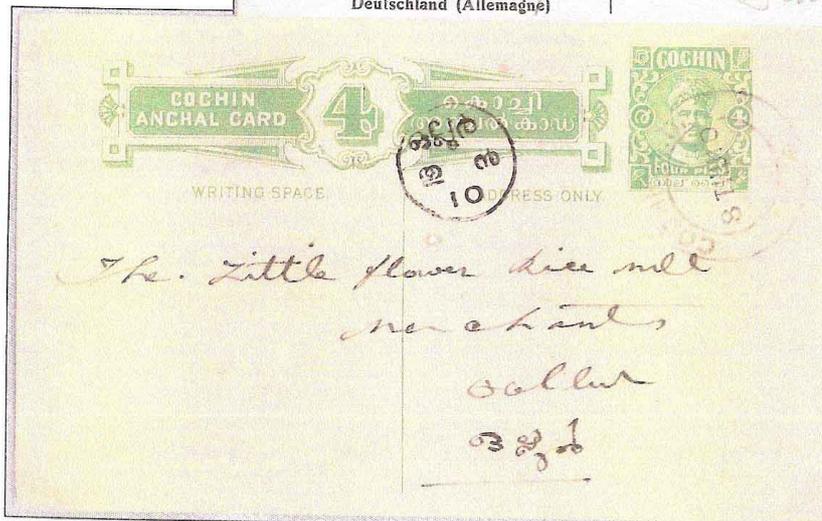
Paris

Straße:
Rue

1 Rue de la Harpe

Land:
Landesteil (Prov. nz usw.)
Departement

France
Seine La Seine



Ziel des Tschaturanga war die „Gefangennahme“ (das Mattsetzen) des Rajas (König). Dieses Wort ist noch heute Bestandteil des indischen Fürstentitels Maharadscha: Maharadscha Rama Varma II. v. Cochin.

figura 9

2.1 Exact fundamentals first constituted by Greek scholars
2.1 Exakte Grundlagen erstmals bei den Griechen

The deductive method
Die deduktive Methode

Ihren Höhepunkt für die Geometrie fand die deduktive Denkweise in den 'Elementen' des Euklid (ca. 340 - 270 v. Chr.).



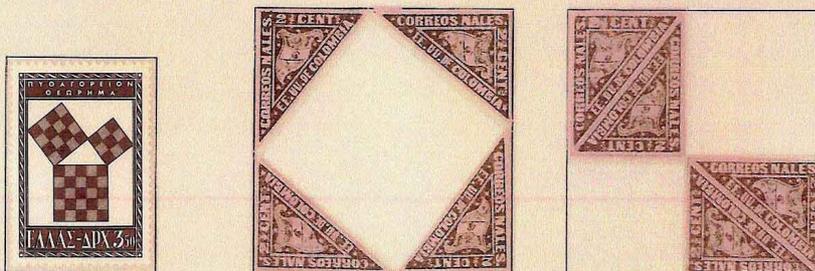
Zierfeld: Definitionen aus Buch I der 'Elemente' des Euklid: Ein Punkt ist, was keine Teile hat. Eine Linie ist breitenlose Länge.



Neben Definitionen formulierte Euklid Postulate und Axiome. Postulat 1 heißt z. B.: Von jedem Punkt kann man nach jedem Punkt die Strecke ziehen (Freistempel).



Der 'Satz des Pythagoras' war schon den Babyloniern bekannt, allerdings nur als Rechenvorschrift. Erst die Griechen hatten das Bedürfnis, ihn als allgemein gültig zu beweisen.



Zerlegungsbeweis des Satzes des Pythagoras: Die Fläche des großen Quadrats abzüglich der vier Dreiecksflächen ist gleich der Fläche des Hypotenusenquadrats (links) und auch gleich der Summe der Flächen der Kathetenquadrate (rechts).

figura 10

2.1 Exact fundamentals first constituted by Greek scholars
 2.1 Exakte Grundlagen erstmals bei den Griechen

Pythagoras: 'Numbers are the basis of everything'
 Pythagoras: 'Alles ist Zahl'

Pythagoras und seine Schüler versuchten, alle Phänomene mit natürlichen Zahlen und ihren Verhältnissen zueinander zu erklären. Sie begründeten damit eine **Zahlentheorie**, die sich von reiner Mathematik bis zur Zahlenmystik erstreckte.



Pythagoras



Pythagoras

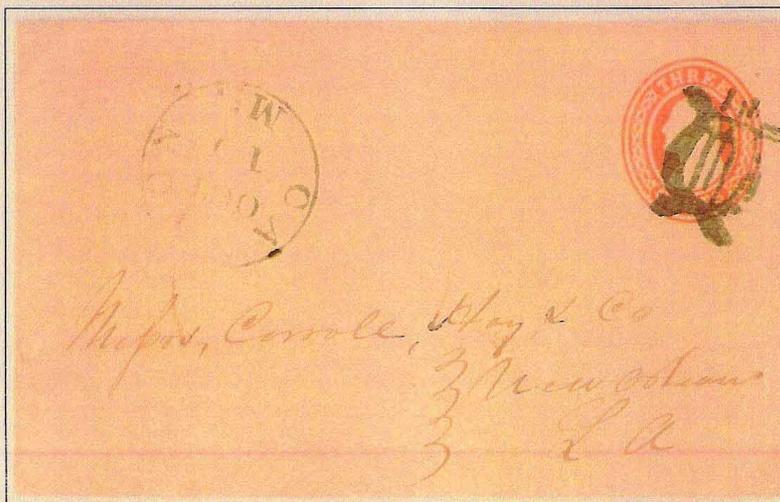


Pythagoras' Geburtsort

Pythagoras, um 580 v. Chr. auf Samos geboren, gründete in Unteritalien den Geheimbund der Pythagoreer und starb dort um 500 v. Chr. Durch ihre Untersuchungen über Teilbarkeit, Primzahlen, etc. brachten die Pythagoreer eine gewisse **Ordnung** in die Menge der natürlichen Zahlen.



ungeordnete Menge natürlicher Zahlen - Freistempel-Musterabdruck



Ausgangspunkt der pythagoreischen Zahlenlehre war seine Entdeckung, dass harmonische Tonintervalle wie Quinte oder Oktave einfachen **Verhältnissen** der Saitenlängen von Saiteninstrumenten entsprechen.

Figurenstempel 'Saiteninstrument Lyra', von 1851 bis 1861 in Canton, Mississippi, verwendet

figura 11

BIS ETWA 1800 HAUPTSÄCHLICH EIN ELITÄRER ZEITVERTREIB

2.1 Bereicherung des höfischen Lebens im europäischen Hochmittelalter

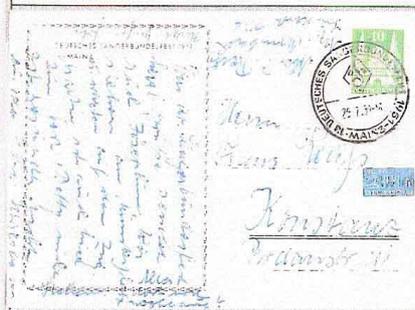
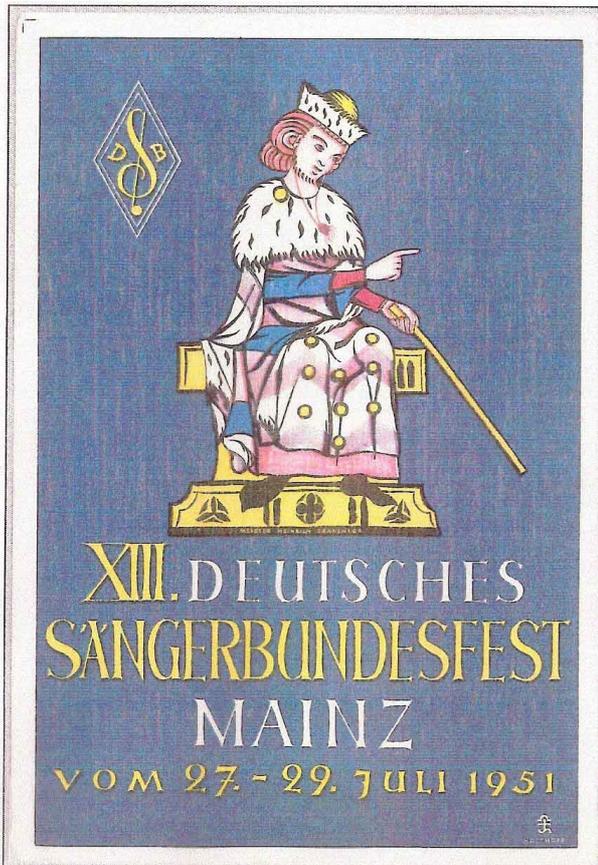
Schach, eine der ritterlichen Künste



Ritter verschiedener Orden beim Schachspiel



Im europäischen Hochmittelalter war das Schachspiel besonders bei Rittern, Minnesängern und Edelleuten beliebt. Schon bald gehörte es neben Reiten, Musizieren, Vogelfang, Schießen, Schwimmen und Ringen zu den sieben Künsten der Ritter.



einziges Ganzsache auf Privatbestellung der Deutschen Post mit dem Wertstempel „Holstentor“

- Atualizado em 26/01/11 - 18:39:12 -

(TOTAL DE FOLHAS DESTE CAPÍTULO: 92)



Este trabalho é de livre distribuição.
É permitido o uso do presente texto, no todo ou em parte,
em qualquer publicação, mediante simples comunicação ao autor,
(Caixa Postal 276 – Itajaí – SC ou <http://www.filatelista-tematico.net/formulariomail.html>)
e desde que sejam dados os competentes créditos em local visível.

© CopyLeft © – 2008/2011 – Itajaí - SC – Brasil
Este documento esta licenciado pelos termos da
GNU Free Documentation License – <http://www.gnu.org/copyleft>